

ALBERTO TORRES

O Problema Nacional Brasileiro

Introdução a um programma de organização nacional



RIO DE JANEIRO
IMPRESA NACIONAL
1914

Com as homenagens de
Alberto Torres.

Barão Ribeiro 263
Copacabana -

O Problema Nacional Brasileiro

OBRAS DO MESMO AUCTOR

Vers la paix — Études sur l'établissement de la paix générale et sur l'organisation de l'ordre international — Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1909.

Le problème mondial — Études de politique internationale — Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1913.

A organização nacional — Primeira parte: A Constituição — Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1914.

ERRATA

Os erros que escaparam na revisão deste trabalho são insignificantes e de fácil correcção pelo proprio leitor.

Apenas na pagina 19, 28ª linha, a palavra -- *tempo* -- deve ser substituida pela palavra -- *espaço*.

A' memoria de meu pae

Dr. Manoel Martins Torres,

Senador da Republica, antigo magistrado, fallecido em 16 de Dezembro de 1925, depois de haver prestado á Patria, com austero civismo e ardente amor ao trabalho e á justiça, todos os serviços que, a sua abnegação, a sua modestia e a sua nobreza de character não o impediram de prestar ;

e a minha mãe

D. Carlota de Seixas Torres,

cuja existencia, consagrada, com incansavel lida, a obras de amor e de virtude, é um dos maiores estimulos da minha confiança no valor da nossa raça.

ALGUMAS PALAVRAS DE INTRODUÇÃO

Dos trabalhos aqui reunidos, é o primeiro inteiramente inédito; compõe-se o segundo de um estudo publicado em 1912 no *Jornal do Commercio* sob o título «Chanaan», de trechos do discurso que pronunciei, no mesmo anno, perante o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, ao tomar posse do lugar de socio honorario desta instituição, e mais um longo desenvolvimento inédito; e os dous ultimos, de estudos publicados tambem em 1912 no mesmo jornal, o penultimo com o título «Nação ou Colonia?», e o ultimo com o de «Nacionalismo», que conserva. Estes dous ultimos receberam alguns additamentos, e todos os escriptos já publicados soffreram as alterações de fórma impostas pela diversidade dos fins que têm em vista.

Representavam os escriptos já publicados antecipações impostas pela urgencia dos acontecimentos, de estudos apprehendidos para trabalhos definitivos, sem a fórma de combate que os factos me impuzeram.

Ainda uma vez ficou aqui demonstrado que a maior independencia moral é garantia fragilima á firmeza de projectos e á segurança de planos. Uma sociedade perturbada, aos azares do desgoverno, não deixa livre a mais solida vontade. Se Tennyson tinha razão quando escreveu:

«I am a part of all I have seen», a vida parece toda concertada para nos convencer que, muito mais que fracções das cousas que temos visto, somos pennas e flocos de neve, á mercê de todos os ventos que varrem a sociedade.

E se um proposito forte e tenaz vence, por vezes, os estímulos do interesse e da ambição, e as proprias sollicitações da saúde, não ha resistencia possivel ao commando do patriotismo, quando nos aponta o cumprimento de um dever, inscripto na alma, como voto de apostolado, desde a idade primaveril em que, lançando-nos á vida, abrimos á fecundação dos ideaes a flor do nosso espirito...

Meus estudos eram o reatamento de uma vida intellectual e moral, nascida com as primeiras inspirações da mocidade, que os azares da existencia e, principalmente, os da politica, haviam perturbado.

A vida dos homens que atravessam crises revolucionarias é toda feita, egualmente, de revoluções pessoaes. Só quem haja acompanhado, dos primeiros movimentos a seus ultimos refluxos, os torvelinhos de uma época critica, poderá conhecer e avaliar os abalos que a desordem geral vem produzindo em nossos destinos.

Dos homens que fazem as revoluções, conseguem dominar a onda os que são colhidos pelas primeiras vagas, já definitivamente consagrados, conquistando uma victoria pessoal, cuja efficacia, a bem das idéas, fica dependendo da maturidade da reforma que promoveram e do seu preparo para consumal-as.

Os que as revoluções produzem, nem são, em regra, expoentes das idéas que ellas representam, nem instrumentos de suas obras. Rebeldes á tradição e extranhos ás aspirações, sem linhagem politica no passado, e sem solidariedade com as tendencias da época, prolongam para o futuro o impulso e o espirito da desordem. Bonaparte

foi, em sua obra politica, o producto mais legitimo da Revolução Franceza.

Quem atravessa uma crise revolucionaria, sem temperamento revolucionario, é victima de todos os seus embates. Tal foi a minha sorte, durante os vinte e quatro annos em que a Republica tem procurado applicar ao Brasil a fórma adoptiva com que foi concebida. Duas aspirações viviam em combate em meu espirito, durante todo este tempo: servir ao meu paiz e ao regimen republicano, e completar a minha formação mental, que o advento da Republica interrompera.

Dos meus serviços, prestados com desprendimento que resgata seus erros provaveis, nem todos aproveitaram, porque a Republica foi sempre voluvel, e não fundou glorias e reputações senão sobre as ruinas de suas obras.

Não foi sem certo contentamento que acceitei, assim, com a inactividade na ultima das minhas funcções publicas, a liberdade de trabalhar, para repôr minha carreira no ponto em que a deixara, quando entrei em actividade politica.

Estudos desordenados me tinham feito entrevêr a tremenda confusão das idéas em nossa época. Insubmisso ao despotismo mental da auctoridade, formar consciencia propria sobre os problemas que me interessavam, como homem e como brasileiro, foi a ardente aspiração que me dominou; e, abandonando systemas, categorias e divisões de conhecimentos; despreoccupado de ser philosopho, sociologo, economista, ou cultor de qualquer outra sciencia, abri caminho ás minhas pesquisas politicas e sociaes, tomando por guias os primeiros ideaes da minha vida e a ambição de cooperar praticamente por sua realização, através de sciencias e de systemas, mas, principalmente, através das realidades e dos factos, á proporção que as

interrogações se iam formulando em meu espirito. Esclarecendo a intelligencia, e resolvendo as duvidas, eu ia chegando, assim, a formar juizo meu e a educar o criterio, para solver com os dados correntes da vida os problemas da pratica.

Foi um preparo essencialmente « humanista », o que me dispuz a realizar, mas « humanista » num dos sentidos contemporaneos da palavra, como expressão de uma philosophia da vida e dos factos, capaz de abrir e de illuminar os olhos, a toda a luz da claridade, para os horizontes do futuro.

Formar consciencia não significava, para mim, encher a memoria com alguns milhares dos milhões de conceitos e verdades, em circulação nas sciencias, nas letras e na politica; não significava, tambem, atar o discernimento ao poste de um systema; mas, ao em vez de atopetar o espirito com formulas e normas, dilatal-o e abril-o, largamente, á franca illuminação da percepção, da analyse e da synthese.

A intelligencia contemporanea atravessa a crise de mais anarchia a que jámais chegou o espirito humano. Em nenhuma outra phase da Historia é mais apparente a impressão de que a marcha do homem se tem realizado por cyclos, com voltas frequentes a uns tantos pontos, firmados pelo habito. Raro tendo chegado a conclusões praticas, o espirito humano encerrou sempre o labor de suas investigações, regressando a esperanças e crenças antes abandonadas. Resultado da confusão dos problemas da realidade humana com problemas metaphysicos, da intervenção de elementos transcendentos nas operações de sua solução, e, principalmente, do desalento e fraqueza dos pensadores, ante a falta de influencia effectiva e de acção efficaz na sociedade — vencidos pela impossibilidade de realizar as soluções que apontam, quando não tolhidos pelo temor das verdades que enxergam.

Foi no trabalho de reunir os resultados de meus estudos, para obras definitivas, que a crise que atravessa a nossa Patria me veio encontrar. Não tinham os estudos, então publicados, a pretensão de assentar conclusões geraes definitivas. Formavam, entretanto, os principios ahi sustentados certas bastante firmes para serem expostas sem receio á critica, traduzindo os mais puros, os mais praticos, os mais vivos interesses das nacionalidades e do proprio futuro da nossa especie.

As idéas destes trabalhos convergem para uma conclusão final, que deve representar, como conquista do progresso contemporaneo, um principio juridico da Humanidade culta; é a sua doutrina geral:

A civilização tem o dever de conservar as riquezas inexploradas da Terra, reservas destinadas ás gerações futuras, e de defender as que estão em producção, contra a exploração imprevidente, assim como o de proteger todas as raças e nacionalidades contra as fórmas de concorrência que possam importar ameaça a seus interesses vitaes, bem como á segurança, propriedade e prosperidade de suas descendências.

O Brasil tem os interesses organicos da sua sociedade e os da sua economia, não simplesmente ameaçados, senão effectivamente atacados, pela sua anarchia social e politica, e pelas imprudentes aventuras financeiras que se estão praticando na America do Sul. Para dar idéa da justiça de sua causa, bastaria lembrar que, segundo um principio ainda vigente entre as nações cultas, os governos recusam-se a submeter á decisão arbitral os litígios que tocam a seus «interesses vitaes». Invocar o mesmo principio, não contra a serena e alta auctoridade da justiça arbitral, mas contra a exploração colonial da sua terra e da sua gente, vale por invocar o mais limpido, o mais certo dos direitos.

Este programma começa a ser prestigiado pela opinião em todo o paiz, e ha de ter por si a sympathia de todos os espiritos bem intencionados e reflectidos.

No que toca á subordinação social e economica das nações sul-americanas — fôrma aguda e superlativa de sua desorganização — aqui registo as opiniões de tres das mais altas personalidades dos Estados Unidos, profundamente expressivas.

Em discurso recentemente pronunciado, proferiu o Sr. Woodrow Wilson, que á auctoridade de Presidente dos Estados Unidos junta a de ser um dos mais notaveis publicistas e historiadores contemporaneos, as seguintes palavras :

«O que esses estados (os da America do Sul) estão procurando realizar é emancipar-se da subordinação, que foi inevitavel, a empresas estrangeiras. Não tenho senão motivos para me congratular com a perspectiva de que consigam levar a effeito essa emancipação, e considero meu dever ser o primeiro a tomar lugar entre os que os auxiliam a leval-a a termo.»

A estas palavras, accrescentou o Sr. William Jennings Bryan, secretario de Estado do Presidente Wilson, candidato, em mais de uma eleição, á Presidencia da Republica, e figura muito popular em seu paiz, por seu talento oratorio e pelo ardor de suas opiniões democraticas :

«É uma politica esta que toma o lugar da *dollar diplomacy*. O capitalista estrangeiro foi muitas vezes um elemento perturbador na America Latina.»

Depois da palavra dos chefes do partido democrata, actualmente no poder, eis a palavra de uma das mais illustres figuras do partido republicano : o Sr. Elihu Root, ex-ministro do Sr. Theodor Roosevelt, e, innegavelmente, o homem de maior capacidade, em seu partido :

«Uma falsa concepção da doutrina de Monroe, do que ella prescreve e do que ella justifica, de seu escopo e de seus limites, invadiu a imprensa e affectou a opinião publica, nestes ultimos annos. Grandiosos planos de expansão nacional invocam a doutrina de Monroe. Interesses por obrigar os paizes da America Central e do Sul a fazer ou deixar de fazer qualquer cousa de que cidadãos americanos possam tirar proveito, invocam a doutrina de Monroe. Ambições de gloria nacional, alimentadas por cerebros muito vasio para apprehenderem, em seu conjuncto, o senso do dever nacional, invocam a doutrina de Monroe. A pretensão intolerante de exercer essa especie de superintendencia sobre a conducta e as opiniões de outros povos que é da essencia da tyrannia, invoca a doutrina de Monroe. Individuos irreflectidos que não vêm a differença entre a acção legal e a força physica, sustentam que a doutrina de Monroe é um titulo de intervenção nos negocios internos das nações mais fracas do novo mundo. Contra estas suppostas doutrinas, muitos protestos têm sido levantados, tanto nos Estados Unidos como na America do Sul. Estes protestos não têm applicação á verdadeira doutrina de Monroe.»

A transcripção destes trechos tem o alto valor de dar ao nosso paiz a imagem, clara e inilludivel, do pensamento politico dos americanos, expresso pelo orgão de seus mais eminentes estadistas.

Como succede com todos os pensamentos novos, surprehendeu este, em começo, a nossa opinião, habituada a ter por dogmas idéas correntes, e a adoptar por criterio, de julgamento e de acção, conceitos geraes e fórmulas vagas. Em nosso paiz, mais que em qualquer outro, a força dessas generalidades e abstracções é ainda poderosissima.

A necessidade de capitaes e de braços estrangeiros era um dos abrigos a que se tinham acolhido a nossa indolencia e o nosso despreparo, em face dos problemas da nossa economia, que, não sabendo solver, illudiamos por essa fórma. Esse appello não tem por si o apoio de nenhuma theoria. Ninguem concebeu jámais o credito como meio de solução ás crises da prodigalidade e da desorganização economica, nem a importação de gente, ás da desorganização do trabalho: é um simples recurso protellatorio, explorado por intermediários que vivem nas capitaes e cercam os governos, e implorado pela necessidade sequiosa da produção, em eterna fallencia, enquanto os dirigentes, sem capacidade para dar soluções praticas, continuam a comprometter os povos nos riscos de suas concepções phantasistas.

Nossa historia é toda feita dessas successivas peregrinações em prol de idéas arbitrariamente concebidas — para as quaes caminhamos ás cegas, pensando realizal-as de improviso e objectivando-as com o mesmo olhar ingenuo do homem rustico que fosse collocado deante da têla, onde tivesse de pintar uma paisagem. E nem são sempre aspirações idealisticas que assim nos distrahem. Já em outro trabalho tive occasião de me referir ás *utopias retrogradadas*, invocadas, em todos os tempos, pelo espirito reaccionario, sob auctoridade de principios tão ficticios como os mais arrojados sonhos de reformadores. A Humanidade vive de ha muito a terçar armas por causas que não comprehende e que nada dizem a seus fins, seus destinos defraudados sob flammulas que invocam preconceitos e flammulas que proclamam illusões. É tempo de a fazer descer á terra, para cuidar de si e do seu patrimonio physico, de que tem sido tão descuidado e ingrato gestor.

Nenhum outro povo tem tido, até hoje, vida mais descuidada do que o nosso. O espirito brasileiro é ainda um

espírito romantico e contemplativo, ingenuo e simples, em meio de seus palacios e de suas avenidas, de suas bibliothecas e de seus mostruarios de elegancias e de vagos idealismos. Com uma civilização de cidades ostentosas e de roupagens, de idéas decoradas, de encadernação e de fórmulas, não possuímos nem economia, nem opinião, nem consciencia dos nossos interesses praticos, nem juizo proprio sobre as cousas mais simples da vida social.

A affirmação desta verdade é, de habito, recebida, entre nós, como signal de pessimismo, e até, por vezes, de despeito. Por optimismo — termo que, entre parenthesis, bem merece a censura do bom senso — entendemos essa attitude de acceitação e de applauso, senão de extasis e de admiração, deante das nossas apregoadas maravilhas, com que estamos anquilosando o criterio e cultivando a simpleza, ao passo que nos desforramos do dever de pensar e de agir.

Quanto á Republica e ás suas obras, a intolerancia partidaria nunca permittiu, nem a adversarios nem a confrades, negar os beneficios e progressos, que attribue ao regimen. A simples observação da decadencia, a que des-cemos, nos costumes electoraes — base do systema representativo e titulo dos governos democraticos — bastaria para provar aos mais zelosos defensores da fama da nova « fórmula de governo », que não vem de azedo pessimismo o desgosto com que muitos republicanos desconhecem, nas instituições dominantes, a *Republica que haviam sonhado*.

Nas finanças, na administração, na justiça, na ordem politica, na moralidade administrativa, na instrucção, o declínio é manifesto; e só se comprehende que o contestem, justamente, porque o habito da vida em desordem nos está varrendo dos espiritos os criterios que formavam a base da nossa consciencia social, e, com elles, a propria sinceridade — virtude profunda e ingênita em nossos maiores.

Na cultura, a decadencia da sociedade nacional é evidente. Nunca chegamos a possuir cultura propria, nem mesmo uma cultura geral. As duas primeiras gerações que se seguiram á Independencia eram, entretanto, formadas de espiritos a que o conjuncto e equilibrio do preparo davam certa solidez e firmeza. Mais variada, e muito mais vasta, a nossa illustração é, hoje, vaga, fluida, sem assento, não a dominando nenhum interesse por habilitar os espiritos a formar juizos e a inspirar actos. No nivel geral da sociedade, e com respeito ás fórmas superiores do espirito, o dilettantismo, a superficialidade, a dialectica, o floreio da linguagem, o gosto por phrases ornamentaes, por conceitos consagrados pela notoriedade ou pelo unico prestigio da auctoridade, substituiu a ambição de formar a consciencia mental para dirigir a conducta. O applauso e a approvação, as satisfações da vaidade e do amor proprio, fazem toda a ambição dos espiritos : attingir a verdade, ser capaz de uma solução, formar a mente e o character para resolver e para agir, são cousas alheias a nossos estímulos.

Nosso paiz está hoje transformado em vasto scenario onde se agita um povo que não sabe caminhar, conduzidos uns pela moda, outros pela ambição de effeitos litterarios, jornalisticos e de tribuna ; pela da popularidade, terceiros ; pela auto-admiração e cultura de estereis virtudes passivas e severas intransigencias pessoaes, alguns mais. Preparando-se aquelles para o céu, estes para a gloria, outros para o applauso, para a admiração, ou para a sympathia, renunciaram todos á aspiração da efficiencia, pela utilidade das idéas e dos actos.

Não temos opinião e não temos direcção mental.

Na economia — eis uma verdade que não temo submeter á contra-prova das mais rigorosas e profundas inves-

tigações da estatística e da analyse social — toda a nossa apparente vitalidade consta, de extremo a extremo do paiz, de extracção de productos e de limitado esforço de exploração extensiva, em que a nossa terra vae cedendo tudo quanto possui em riqueza natural, ao alcance da mão ou de rudimentarissimos processos de trabalho, com vertiginosa desvalorização, ainda não attingida — a não ser no valle da Mesopotamia — em regiões já exploradas ha muitas dezenas de seculos. Nesta terra, assim saqueada, o commercio, o trabalho estrangeiro e o credito de usura que possuímos, drenam, em capital, para o estrangeiro, quasi todo o producto dessa inconsciente e brutal destruição, dando-nos, em troco, generos e objectos, que, muitissimo longe de representar o preço da ruina de que resultam, não deixam, entre nós, em obras e bens voluptuarios, senão fracção minima de seu valor.

O augmento das nossas exportações e importações não traduz senão a expressão da troca dos productos e dos proprios elementos e forças productivas das nossas terras virgens, por cousas futeis, solicitadas pela nossa vaidade, ou que se fazem necessarias justamente por causa da nossa incuria. É um facto que se póde dar, e que se dá, na exploração de qualquer territorio selvagem por feitorias estrangeiras. Toda a nossa ficticia *circulação* economica é obra, assim, de uma federação de feitorias, que, desde as vendas do interior até ás casas de importação e de exportação, as estradas de ferro, as fabricas, o commercio intermediario e os bancos — em mãos, quasi totalmente, de estrangeiros — não fazem senão remetter para o exterior, em productos, lucros commerciaes, industriaes e bancarios, rendas de varias naturezas, a quasi totalidade dos fructos da nossa terra. As duas verbas da exportação e da importação equivallem para a nossa economia a verbas

de passivo, e de um passivo colossalmente precario, enormissimamente lesivo. É isto, e só isto, que está *em progresso*, entre nós, acarretando, com immensa perda para a terra, e com o abatimento e a desmoralização do povo, o prolongamento, na vida mundial, da corrente de phenomenos que, havendo dado causa ás guerras e revoluções do passado, provocarão d'aqui por diante, se não forem tolhidos, ainda maiores e mais desastrosos conflictos.

Syntheses do estudo sincero das nossas cousas, estas verdades devem servir de base a toda acção patriótica, fundada na unica forma legitima do optimismo: o optimismo firmado na confiança e na esperança, que começa por apurar a verdade, para cumprir o dever de agir, não se contentando com se forrar, alimentando e propagando illusões, da obrigação de advertir, de emendar, de melhorar.

Assim exgottando a terra, deixamos, tambem, de formar a nação. Abandonando a terra, e não cuidando da nação, abandonamos a Patria, porque a Patria é a terra, como *habitat*, mas, principalmente, para o sentimento e para a razão, a nação, isto é, a gente. Fóra disto, a palavra « Patria » não exprime senão uma imagem supersticiosa — como as de qualquer culto fetichista — ou uma falsidade convencional.

O desenvolvimento destes trabalhos contém a melhor das licções de optimismo, conduzindo, depois de consignar e de comprovar a verdade, a estas outras conclusões animadoras; que este nosso estado não resulta nem de uma inferioridade ethnica, nem de uma degeneração, da nossa gente; e, apontando as causas phisicas, sociaes e historicas, que explicam, não só as nossas crises, como as razões da apparente superioridade de outros povos,

propõe, depois do estudo critico, os meios de restabelecer a nossa marcha evolutiva.

No que respeita ás raças, o problema fica definitivamente dirimido com estas razões, que synthetizam os resultados destes estudos. Seja-se monogenista ou polygenista, é de necessidade reconhecer que os factores mesologicos são determinantes dos caracteres ethnicos : originaes, na segunda hypothese, de variação, na primeira. Produzidos pelos meios physicos, estes caracteres assignalam, em cada um delles, os typos « mais aptos » para ahi viverem : os « typos superiores », por consequencia, para esses meios. De parte a questão da capacidade destas raças para o aperfeiçoamento, a conclusão que resultaria, do phenomeno da selecção natural mesologica, é que as raças autochtones tenderiam, por natureza, a fortalecer-se, e as outras a decahir; mas, como a perfectibilidade daquellas raças está demonstrada pelos factos, uma outra conclusão se impõe : se o « meio artificial », formado pelas condições da vida no estado de civilização, permite a adaptação de individuos de outras raças em meios naturaes extranhos, o conjuncto destas condições, cooperando com os factores mesologicos naturaes, deve favorecer particularmente as raças indigenas. Ora, a nossa população, contendo, infelizmente, fracção pequena dos antigos povoadores do sólo, mas podendo aproveitar ainda muito das tribus em estado selvagem, conta grande numero de typos de raças oriundas de meios identicos : os negros ; e consta, em suas camadas superiores, de descendentes das raças mediterraneas, raças do « meio-dia » europeu, quasi tropicaes, em cujo sangue se encontra grande mescla do sangue das raças trigueiras do Oriente e do Norte da Africa.

Não ha motivo para crêr, por outro lado, na degeneração das nossas populações. Physicamente, o conjuncto do

nosso povo não tem feição menos robusta que a dos japonezes, de francezes do sul e das cidades, de hespanhoes, de portuguezes do continente, ou dos chinezes, que, emigrados, por exemplo, para as Philippinas, formam a aristocracia da população, tendo o mesmo character ethnico dos japonezes. Nos grandes centros europeus não é raro que o aspecto dos individuos impressione pela fraqueza do corpo e pela morbidez das physionomias, sendo commum verem-se figuras evidentemente degeneradas.

Se, com estas razões, se levar mais em conta que os criterios contemporaneos de avaliação da saúde são ainda empiricos, baseados em conceitos da saúde e da molestia induzidos de observações mui limitadas, no tempo e no espaço; que a reflexão sobre os phenomenos da historia nosologica da nossa especie e sobre os da hereditariedade mostra que as raças actuaes, contando seculos de vida em sociedade — nas classicas civilizações que conhecemos, onde a cultura dos espiritos e a elevação da arte floresceram a par do mais completo desmazelo, no que toca á hygiene e ao conforto, — devem ter, em circulação no sangue, germens de quasi todos os males que assolaram a humanidade, não ha motivo para duvidar da média da saúde do nosso povo e da possivel restauração de suas forças. Quanto aos caracteres psychicos, as nossas raças são constituídas, em sua natureza individual, de seres dotados das melhores tendencias humanas.

A tudo isto, sobreleva, porém, razão melhor para que confiemos no futuro da nossa progenie. Se a crise da adaptação climaterica não podia deixar de provocar, nos individuos immigrados e na prole da principal raça que povoou o Brasil, verdadeiras revoluções organicas, a falta de adaptação ao meio physico, perturbando a nutrição, e a falta de organização social e economica, impedindo a for-

mação das instituições e dos costumes de conservação e de aperfeiçoamento, ainda mais nos desviaram do curso normal da formação progressiva de todas as nacionalidades.

Estes phenomenos estão demonstrados, nestes trabalhos, de fôrma rigorosamente convincente, para dissipar, de vez, o scepticismo do nosso desalento e da nossa meia sciencia de emprestimo.

As causas das nossas crises e do nosso endemico estado de dissolução ahi estão demonstradas com illações e interpretações induzidas directamente dos phenomenos historicos, geographicos e sociaes do nosso paiz, e não fundadas — como sôe acontecer, nos estudos até hoje feitos, — sobre inferencias analogicas e associações de contiguidade ou de semelhança, ou por deducções de idéas e doutrinas de sociologos e philosophos estrangeiros.

Verdades tiradas do concreto e do vivo, as que aqui se encontram são superiores a divergencias de escola, de orientação e de systema: são factos; e, como factos, impõem consequencias, que é força acceitar.

O nosso paiz precisa, de uma vez por todas, formar um espirito e uma directriz pratica, que o conduza, salvando-o do atravancamento das opiniões e das tendencias particularistas e systematicas, em que está dividido, a organizar e pôr em movimento as suas próprias forças.

Tal é a base das conclusões destes estudos.

Estas causas podem ser resumidas em poucas linhas. As idéas em que se baseam os estudos sociaes e politicos até hoje feitos sobre a nossa vida, partem de postulados e dados, analyticos ou syntheticos, inferidos da vida e da evolução de povos de existencia multi-secular, e de seu progressivo desenvolvimento em regiões densamente povoadas, sob acção dos factores ordinarios da formação e desenvolvimento das velhas sociedades e civilizações. Estas idéas não

têm applicação á interpretação dos phenomenos dos paizes, como o nosso, creados por descobrimento, com sociedades formadas por colonização, — nem á solução de seus problemas.

A evolução destes paizes, *creados* por acto do homem, ou resulta de uma successão de outras creações, tambem conscientes e deliberadas, ou é reflexo da actividade dos outros povos, — necessariamente dominantes, graças ás vantagens do avanço e da força — *sempre contraria ao interesse dos povos novos*, cujo desenvolvimento tende a ser obestado, desviado, ou esmagado, por força de suas correntes, muito mais poderosas.

As causas apontadas nestes trabalhos explicam inteiramente a nossa desorganização : o descobrimento e o povoamento por uma nação de qualidades fortes por natureza mas fraquissima pela estreiteza de seu territorio, que, comprimida entre as migrações e guerras do continente e a concurrencia e as luctas do oceano, entrou, por isso, logo depois do descobrimento, em longo estadio de subordinação e declinio, concentradas todas as suas energias num heroico, e, em grande parte, improficuo, esforço defensivo ; a disparidade da terra colonizada com a terra dos colonizadores, apresentando problemas de adaptação e de cultura, até agora não solvidos ; a syncope da evolução politica, com a vinda da casa de Bragança. Sem contar outras causas, de natureza social e politica, peculiares algumas, tambem, ao nosso meio, mais de uma, porém, commum á historia de outros povos de organização politica e progressos mais apparentes que reaes, são estas tres bastantes para dissipar todas as duvidas sobre os antecedentes da nossa organização.

No Brasil, o reseccamento das terras e do ar, as seccas periodicas, cada vez mais prolongadas, a alteração e irregularidade das estações — *facto ordinario* em vastis-

simas regiões do territorio, e já patente em outras onde foram outr'ora abundantes as aguas, manifestando-se no atrazo das primaveras, relegadas, com quasi certo sacrificio das sementeiras, para o começo do estio, na quasi esterilização das pastagens e falta de forragens, durante longo periodo do anno, fructo principal das nossas devastações e da politica colonial que temos feito — já se manifesta aos proprios olhos distrahidos das afortunadas populações das grandes cidades, com as crises da « falta d'agua », de anno para anno mais penosas.

Destas causas ha uma que merece especial destaque. Pertence ao numero das mais perigosas illusões da nossa imaginação, a da riqueza do nosso paiz. O Brasil possui, talvez, ainda muitas riquezas; mas, estas riquezas ou não são de facil exploração, ou a sua exploração não corresponde, actualmente, aos interesses politicos da nossa nacionalidade, tendendo, como a da metallurgia, a perpetuar a applicação de actividades e capitaes, muito provavelmente estrangeiros, em industrias improprias á consolidação da economia nacional, ou não corresponderá tambem, em breve, tão intensamente como até hoje, pelo menos — o que succederá, provavelmente, dentro em pouco, á propria metallurgia — aos interesses e necessidades da nossa era.

Em abstracto, a questão da riqueza ou pobreza do nosso territorio é um problema sem interesse, pela simples razão de que, na pratica, a nossa terra é pobre para a sua gente.

De parte a riqueza mineral, que não sabemos explorar, — e que não convém explorar, por inoportuno, no interesse da constituição nacional, — temos, como todos os paizes intertropicaes, uma natureza contraria á exploração agricola, pelos processos europeus. Sem contar as forças e os elementos naturaes inaccessiveis á acção humana, taes

como os phenomenos da gravitação, do calor, da luz, das correntes maritimas e dos ventos, as regiões intertropicaes têm, contra a sua exploração, o precalço climaterico da falta das geleiras e das neves.

Se as montanhas, os rios e as florestas são, em toda a parte, fontes e depositos de fertilidade e de producção, e, portanto, de vida, estes elementos assumem, nas zonas intertropicaes, um valor extraordinario, como unicos mananciaes, que são, de aguas correntes, de chuvas e de humidade atmospherica.

Não tendo estudado os meios de conservar e de reparar tão preciosas riquezas do nosso solo; desbaratando-as, pelo contrario, com as nossas audaciosas devastações, precisamos, d'agora por deante, não só poupar as que nos restam em estado virgem, senão reparar e restabelecer as que já estão compromettidas.

O espirito humano não aprendeu ainda a aproveitar as licções da Historia. É singular a leveza com que a imaginação e a intelligencia do homem repetem os mesmos erros, as mesmas eternas causas de seus males e soffrimentos, esquecendo e perdendo os ensinamentos que os permittiriam evitar.

Entre nós, a inadvertencia attinge a proporções descomedidas com o nosso desenvolvimento intellectual. Vivemos a commetter perpetuamente as mesmas imprudencias — e não só as repetimos, como improvizamos outras eguaes, absorvidos, a cada passo, por preocupações alheias á realidade, exaggerando pormenores, incidentes e aspectos superficiaes da vida publica, ao passo que reincidem, reproduzem-se, multiplicam-se e avolumam-se, as causas da nossa decadencia.

Os nossos eternos *deficits*, as nossas emissões de papel-moeda, as nossas Caixas de Conversão, as nossas

valorizações, os nossos empréstimos á lavoura, os nossos protecçionismos, todas as phantasias do inflacionismo, e da especulação, as nossas eternas luctas, aereas e estereis, de partidarismo, e não menos frequentes agitações politicas, sem objectivo, por doutrinas e ideaes sem base real, são experiencias que nos passam pelos espiritos sem deixar a menor impressão educativa.

Da incapacidade para observar e adquirir a experiencia dos factos damos prova na simplicidade com que insistimos na politica de colonização, apesar da prova evidente de seus desastrosos resultados, dada pela nossa observação, e até da lição politica de outros governos, como por exemplo, a do governo italiano. Depois das famosas reclamações que deram lugar á celebre questão dos protoccollos, da resistencia do governo italiano á emigração para o Brasil, e da missão, em nosso paiz, do ministro Antonelli — o mesmo eminente diplomata que havia iniciado, na Abyssinia, a politica de expansão colonial da Italia — tinhamos dados bastantes para comprehender que ao interesse que levava a Italia a fundar estas possessões correspondia identico interesse nosso em evitar a perpetuação do systema colonial, na organização do trabalho agricola.

Assim tambem deixamos de ver, na applicação que fez o governo dos Estados Unidos da lei Sherman aos nossos depositos de café em territorio americano, evidentemente offensivos dos preceitos dessa lei geral contra os açambarcamentos commerciaes, além de um acto perfeitamente juridico, uma cooperação amigavel desse governo, na defesa dos nossos verdadeiros e legitimos interesses.

Não nos devemos illudir, quanto á gravidade destas crises, que se nos revelam gravissimas, justamente no momento em que toda a sociedade humana parece estar sendo submettida ás mais severas provas de capacidade e de

energia : é preciso que encaremos, com rectidão e animo sereno, a feição dos nossos problemas. Se a Patria é, antes de tudo, a nação, isto é, a gente, o momento proprio para defende-la não será aquelle em que qualquer inimigo, mais audaz que corajoso e sensato, se dispuzer a nos fazer a conquista material, *manu militari*, do territorio, mas aquelle em que o espectáculo da nossa derrota, nos processos da selecção social e economica, se nos apresenta com as formas flagrantes de uma positiva subordinação e de um já sensível abatimento em amplas camadas da população.

Á politica, que não pôde, a principio, e á qual não occorreu, depois, acudir aos interesses e reclamos da nação, cumpre reparar, hoje, o esquecimento e abandono em que a deixou. Em face desta situação, nossos cuidados e trabalhos pela organização e defesa militar parecem — como aliás, muitas outras emprezas humanas — verdadeiros passa-tempos de creanças barbadadas. Uma nação, vencida no diuturno combate da vida, progressivamente despojada da gestão da sua economia e da sua influencia social, onde cada geração pôde lêr, na vida de seus coévios, os documentos do aniquilamento da sua estirpe, só entra em combate para repellir, de armas na mão e com risco da vida, o inimigo aggressor, por força da mesma fatalidade mechanica, ou do mesmo impulso animal, com que todos os povos, inclusive os selvagens e barbaros, luctam egualmente pela conservação e pelos objectos mais frivolos e ridiculos.

O nosso problema vital é o problema da nossa organização; e a primeira coragem de que nos cumpre dar provas, é a da longa, mascula e paciente tenacidade, necessaria para emprehender e sustentar, com vigor e intelligencia, o esforço multiplo e vagaroso da construcção da nossa sociedade. É uma obra de architectura politica, mas de uma architectura destinada a edificar um colossal e sin-

gular edificio, que deve viver, mover-se, crescer e progredir, — a que incumbe á nossa geração.

O Estado é, no Brasil, um factor de dissolução. A influencia deleteria dos interesses anti-sociaes, creados e alimentados em torno do poder publico, desde os municipios até á União, sobre a vida brasileira, é um facto cujo alcance não foi ainda attingido pelos observadores das nossas cousas publicas. Este regimen deve ser substituido por outro, capaz de levar a termo o encargo da geração presente para com o futuro do Brasil.

E o povo brasileiro — é a minha inteira e viva convicção — é capaz deste esforço.

Rio de Janeiro, Junho de 1914.

A. T.

Senso, consciencia e caracter nacional

«Não terás deuses estrangeiros diante de mim!», disse o Senhor a Moysés no Monte Sinai (1).

Javeh era o deus unico de um povo unico — unico pela origem, pela raça e pela lingua, e, ainda hoje, unico pela resistencia á dissolução, por seculos de luctas e de soffrimentos, de trabalhos e de perseguições, sem terra, sem lei e sem governo, entre gente adversa.

De Javeh de Israel nasceram dous deuses, cujos destinos seguiram rotas, vicissitudes e glorias distinctas: o Deus de Israel — deus ambulante de uma raça peregrina de mercadores — seguiu a sorte dos filhos, expulsos do solo natal, e não se installou na ara das synagogas, senão depois que a força rude do character hebreu — forjado, por esses tempos, em que a lucta crua era lei da vida, nas angustias dos exodos e nos flagícios da dor physica — conseguiu comprar, a peso de ouro, nos balcões das casas de credito, o direito á vida, á liberdade e á segurança, da consciencia e do lar. O outro, o Deus Christão, perdeu,

(1) Exodo, XX, 2.

transportado para Roma, na ampla atmosphera que conquistou e ao carinbo de almas de todas as raças — a feição nacional, para tornar-se o Deus do amor, no coração dos apóstolos do Christianismo, e o Deus do Imperio espiritual, no cerebro de seus politicos.

Mas Deus, ser ideal, absoluto e infinito, essencia e fim das cousas, foi um dos primeiros sonhos especulativos da alma humana, ao se lhe despontar a consciencia do proprio ser, como parcella de um universo enfeixado no ambito do horizonte, e de uma sociedade, confinada na vida gregaria do bando.

Deus era, mais que tudo, para os primeiros homens — seres ainda em transmutação, das fôrmas grosseiras do instincto para as fôrmas incipientes da consciencia, entre a meia noite da ultima animalidade e o primeiro minuto da vida racional — o Pae eterno da *stirpe*, seu creador, seu protector, seu chefe e seu guia. O ser superior e eterno, entidade universal e ubiqua, symbolizada no sol que trazia a luz, no animal, ou na arvore, cuja presença, ou cuja vista, provocava a geração, curava as molestias, dava a saúde e a vida, e guiava os passos — estava *indissoluvelmente* ligado às duas maiores realidades attingidas pelo olhar mais amplo do espirito selvagem : o horizonte, encerrando todo o espaço, e o *bando*, exprimindo a solidariedade entre a vida de cada um e as vidas que o interessavam. Deus, o espaço e a grei confundiam-se nos espiritos. *Stirpe e bando*: a sociedade de *interesse vital*, em gestação.

Por que ? Não era Deus que interessava ao homem. No mundo physico, o que o interessava era o sol, a chuva, a luz, a terra, as plantas, os outros animaes ; no mundo social, os seres que lhe eram eguaes e semelhantes em habitos. Mas o cosmos e a sociedade não se mostravam ao homem senão por sensações e apparencias grosseiras ; a eterna per-

gunta sobre a *realidade*, ainda hoje insolvida, atormentava-o — não só como explicação das cousas, mas, até, como instrumento da acção humana sobre as cousas, e entre os demais seres. Onde, então, a chave da verdade: a explicação do senso, a origem da razão, o impulso do movimento e da vontade?

Deus. As syntheses humanas são tanto mais vastas e arrojadas, quanto mais arbitrarias; Deus-Universo e Deus-Nação, Deus-creator e Deus-protector, Deus-lei das cousas e lei das pessoas, Deus-origem, e Deus-fim, Deus-princípio, e Deus-destino.

Na vida social, a imagem de Deus ficou, desde logo, ligada à idea, fundamental em todo agrupamento, de protecção, de amparo, de assistência, de soccorro e de guarda: protecção e soccorro, contra o estranho; amparo e assistência, dentro do grupo. A primeira lei de todas as sociedades é a lei religiosa: lei a um tempo moral, politica, e civil, revela e manifesta a sociedade unida por vontade de Deus.

Este laço inicial de união, inexpresso no grupo gregário, despontando na tribo e no *clan*, engloba, com a «nação», diversos elementos confluentes: a raça; e, por força da raça, a lingua; um territorio, a tradição oral de uma lenda, uma religião já complicada de dogmas, mythos e liturgia, obra da imaginação e da consciencia de auctoridade, do feiticeiro...

Deus defende o homem dos males inacessíveis do mundo cosmico, e, na sociedade, dos males, imprevistos e occultos, que não alcança e não pôde combater.

O espirito da «nação» forma-se, assim, como um *sentido* colectivo de protecção, de amparo, de assistência e de soccorro, praticos e effectivos, contra riscos conhecidos e experimentados, entre homens e familias que vivem juntos, tendo interesses communs, e sabendo da existencia de outros

grupos, com os mesmos caracteres, e ligados pelos mesmos interesses, contrários, ou alheios, aos dos seus, e promptos a sacrificar-os, a bem da gente de seu sangue.

O « Deus estrangeiro » dos « gentios », inimigos dos filhos de Israel, não hesitaria em massacrar as tribus judaicas, da mesma forma que Minerva, nos poemas homéricos, dava todas as energias da sua divina coragem ao braço dos hellenicos contra as forças troyanas.

A « nação », forma em que culminou a composição social dos grupos da mesma raça, da mesma lingua e da mesma religião, desenvolveu-se, ampliou-se, complicou-se, entrelaçando-se com o « Paiz », a « Patria », o « Estado ». Seus attributos alteraram-se e multiplicaram-se ; seu character modificou-se. Roma foi, egualmente, « nação », enquanto simples fusão tribal dos Ramnianos, dos Titias e dos Luceres ; quando conquistou, depois, toda a Italia, e quando dominou, afinal, sob a égide imperial, o « orbis romanus ». A propria « civitas » dilatou-se até as margens do Tibre, as areias do Sahara, a Britannia, as fronteiras longinquoas da Germania. Mas o espirito da nação permaneceu sempre o mesmo, dentro dos muros de Roma. ou, sob a auctoridade dos prefeitos, nas provincias imperiaes e nas senatoriaes.

A nação era a sociedade de todas aquellas « gentes », congregadas á força pelas legiões romanas, mantidas, depois, em disciplina, por amor á paz e no interesse da segurança e da vida em commum : da ordem, em summa, fundada sobre a confiança na protecção, no amparo, na assistencia.

Feudal, na idade média, imperial, durante as grandes monarchias modernas, a idéa de « nação » readquire, por algum tempo, em mais recente periodo, ao influxo de doutrinas liberaes, o velho sentido de sociedade ethnica, com a denominação de « nacionalidade » ; mas crystalliza-se, por fim, no consenso geral, applicada ás grandes divisões poli-

ticas, no sentido de « povos » — sociedades dos habitantes de um paiz, comprehendendo toda a sua vida : a vida memorial dos antepassados e a vida effectiva da geração presente.

A « nação brasileira » é, assim — num primeiro sentido superficial — *a associação dos indivíduos e famílias que habitam o Brasil* com animo de permanencia, protegidos pelo conjuncto dos órgãos da sua politica : o « Estado »; formando, sobre seu *habitat* territorial : o « Paiz », graças à consciencia de uma continuidade historica de heranças moraes e materiaes e de uma *sympathia* e communidade entre os vivos, uma aggremação fundada sobre a confiança em certas condições praticas de tranquillidade e de segurança, superiores à vontade e ao poder de cada um de seus membros: — uma « Patria ».

O laço de protecção, de amparo, de assistencia, e, por accreção moral — desenvolvimento logico dos moveis primitivos — de amor e de solidariedade, abrange, assim, no tempo, o passado, o presente e o futuro, e, no espaço, toda a sociedade — e, pois que a terra é a base da vida social, fonte de sua prosperidade e desenvolvimento, o sentimento nacional transporta-se, do seu objecto vivo, para o patrimonio material da nação — berço da sua existencia, séde da sua acção, recinto da sua vida, paizagem de suas dores e de suas alegrias. Mas o patriotismo territorial só é, por isso mesmo, um sentimento real, como reflexo do sentimento affectivo entre a gente.

A sensação permanente desta communhão é o que forma o « senso nacional » : mas, assim como a natureza da « nação » variou, nos longos periodos de seu curso historico, e diverge entre varios typos de paizes, o « senso nacional » não pôde ser identico para todos os povos. O « senso nacional » dos judeus liga individuos sem patria, espalhados pela superficie da terra ; o dos francezes liga homens e familias, congregados

com a mesma lingua, numa fusão, relativamente uniforme, de raças — ciosos de conservar o character e os brios de uma tradição; o senso nacional do allemão, distinctissimo, hoje, do senso do germanico, e, até, do senso dos coevos de Kant e de Frederico o Grande, inspira a ardorosa ambição, commercial e expansionista, de uma geração conquistadora, cujo impulso psychico se revela num intrepido e pujante impulso para as victorias da força e da vontade. O senso do anglo-saxonio dos Estados Unidos está para o do anglo-saxonio da Inglaterra, como o do allemão para o do francez: sedentos de iniciativa, e ardentes de audacia, aquellos, tentando explorações e empreendimentos, anciando por engrandecer; vagarosos e seguros, os outros, absorvidos no zelo e nos cuidados da conservação, da experiencia, do aperfeiçoamento. O anglo-saxonio da Australia e da Nova Zelandia dir-se-hia um antipoda do seu antepassado britanico. Admiravel prova da falsidade da base ethnica das civilizações e tendencias dos povos!

A raça é, de todos os elementos da nacionalidade, talvez o menos activo. Nenhum dos povos contemporaneos é formado de uma raça homogenea: alguns compõem-se de raças distinctas. A Suissa, com a sua população variada, de origem franceza, germanica, italiana e romaica, contém ramos, ainda hoje radicalmente destacados, dos tres grandes typos ethnicos europeus: o typo nordico, o mediterraneo e o brachycephalo central. Os Estados Unidos reúnem representantes de todas as stirpes ethnicas: a população austro-hungara forma um verdadeiro mosaico de variedades humanas, desde os teutos até os descendentes, magyares, dos hunos. Nenhum destes povos deixa de formar uma « nação », moral, politica e socialmente. A Suissa e os Estados Unidos, paizes federados, são nações de forte e vigorosa unidade, no sentimento, no espirito e na harmonia dos interesses. O Brasil

conta exemplares de raças extremas, mas só um cuidadoso estudo ethnologico auctorizaria a classificação de cada allemão de Blumenau como germanico, e de cada italiano, hespanhol ou portuguez, de S. Paulo, de Minas e do Rio de Janeiro, como latino.

Esta denominação popular de « latino » é das menos características, como expressão de parentesco ethnico; traduz, de preferencia, sob vaga reminiscencia de remota proximidade de origens, muito confundidas e diluidas no bulicio das migrações, um certo sentimento de *sympathia* moral, e, sobretudo, intellectual, que a semelhança das linguas gerou. A supposição de uma herança latina, sendo um erro ethnico e um prejuizo de cultura, pôde tornar-se perigoso guia politico — de que carecemos emancipar-nos, sem para isso afrouxar os laços que nos prendem aos povos desse nome.

Da crença de que a origem latina importa uma identidade de temperamento e certa *sympathia* mais íntima, resulta a adopção de uma afinidade que entra no espirito nacional como vehiculo de dissolução, desnaturando sentimentos reaes, ao contacto de uma affeição ficticia — de mera suggestão litteraria — e como impulso centrifugo, repellindo outras *sympathias* mundiaes. Provém dahi a imitação do typo intellectual e dos moldes do pensamento e da arte, dos costumes e do gosto, dos francezes e, principalmente, de Paris, capital moderna do mundo latino.

As civilizações européas chamadas latinas não estão em phase de actividade, nem de vigor; trabalha-se, hoje, mais intensa e energicamente, na Allemanha, nos Estados Unidos e na Inglaterra. A nossa curiosidade intellectual e o nosso interesse por assimilar producções e estudos alheios, a nossa aspiração de fusão na sociedade mental da nossa época, devem conduzir-nos a dilatar o circulo das nossas colheitas de saber, substituindo a attitude passiva, que nos tem tra-

zido a receber as idéas que nos exporta o acaso, ou o instinto politico, de outros povos, por um trabalho autonomo de escolha e de selecção consciente. Aprender *com* allemães, *com* americanos, *com* francezes, *com* inglezes, e com brasileiros, quando fôr possível, a ser brasileiros: eis a fórmula ideal do nosso cosmopolitismo mental.

Philosophia, sciencia, arte e politica, são systemas de abstracções e de conceitos, que nada dizem e nada realizam, quando se não adaptam, e não se vitalizam, como elementos motores da vida real — nervos e sangue, da nutrição e da vontade de um povo. Na pratica, cada terra e cada povo, tem a sua philosophia, a sua sciencia, a sua arte, a sua politica, que não alteram as idéas geraes, aliás limitadissimas, do saber humano, mas fundam e desenvolvem formas e processos autonomos de viver.

A idéa de « raça » é uma das mais abusivamente empregadas entre nós. A raça é um typo biologico, e, particularmente, morphologico, da especie humana. Para que se possa determinar distincção ethnica, é mister que se encontrem caracteres physicos e psychicos, distinctamente marcados, de identidade entre grande massa de individuos, e de divergencia destes com outros grupos. Onde um ou alguns destes caracteres estiverem apagados ou confundidos, deixa de se dar a figura caracteristica da raça, para surgir uma variedade composita, que se pôde estender a uma tribu, a uma classe, a uma nação, ou a uma sub-raça. O numero das raças puras é limitadissimo, sendo poucos, em nossos dias, os exemplares de verdadeiros specimens de raças, virgens de mescla. No negro importado para o Brasil, o olhar instruido do ethnologista pôde encontrar, além da estampa da raça ethiope, de Blumenbach, ou negroide, de Huxley, traços de malaio e arabes, introduzidos na Africa, em varias épocas de migração. Todos os typos mediter-

ranços, a que pertencem os nossos colonos antigos e modernos, são mestiços.

É, assim, difficillimo generalizar juizos sobre a capacidade especifica das diversas raças: a confusão tem obliterado os caracteres ethnicos; os tramites da evolução nacional e politica realçaram, por força dos costumes e das instituições, os factores puramente sociaes de selecção.

A idéa que nos cumpre assentar e consolidar no espirito, em logar da noção inconsciente e pueril em voga, é a desta profunda e grave sentença de Ratzel: « A differença de civilização, entre dous grupos da humanidade, não tem relação com a differença de seus dotes {1} ».

No conflicto dos caracteres ethnicos com os factores mesologicos e sociaes que operam sobre os diversos typos humanos, a victoria cabe á ultima destas influencias. O homem moderno resulta, muito mais directamente, do meio que habita, e, principalmente, da sociedade que o cerca, que dos impulsos congenitos da sua stirpe. É o caso do indio civilizado — hontem selvagem e anthropophago, hoje christão e moralizado, e do preto.

Brasileiros, o nosso affecto patriotico deve abranger, numa egual e completa cordialidade, os descendentes dos portuguezes, dos negros, dos indios, dos italianos, dos hespanhoes, dos slayos, de allemães, de todos os outros povos, que formam a nossa nação. Fora destes, não temos *que reconhecer senão homens, senão semelhantes*, seres da mesma natureza e do mesmo espirito, para quem o nosso paiz teve sempre abertas, com urbanidade e franqueza talvez inequaladas, e com vivos transportes de hospitalidade, casas e almas.

Entre os patriotas é que cumpre estimular e cultivar o affecto que, sem o perceber, e contra o que de habito dizemos,

{1} RATZEL — *The history of mankind*.

sentimos íntima e sinceramente, não lhe dando, por falta de consciencia e de coragem cívica, toda a exteriorização concreta. Transparece, ainda aqui, a fluidez da nossa mentalidade — leviana e volúvel, por falta de feição e de modelação social. Questão de convívio nos salões, a parte, e de relações íntimas, pessoais ou sociais — impulsos estheticos e de educação, naturaes, não raro exaggerados, porém, por vaidade, com adopção de preconceitos alheios — poucos serão, em nosso paiz, os que sintam repugnancia, ou desprezo, pelo negro e pelo indio. Pelo preto, todo brasileiro da geração que testemunhou os costumes da escravidão, sente a ternura commovida que liga a imagem do servidor leal e bom desses tempos á lembrança das emoções da nossa antiga vida domestica, tão encantadora em sua cordial simplicidade, e da nossa vida do campo, bizarramente poetizada pelo consorcio da alma portugueza, uma das mais lyricas dentre os povos modernos, com a meiga ingenuidade do africano. Pelo indio, se a raridade de seus typos cultos não nos permite observação muito ampla, não ha indício de qualquer laivo de prejuizo ou de antipathia. Ninguém sente, no Brasil, constrangimento, ou desgosto, no tocar a mão e contemplar a face de um caboclo authentico, virgem de sangue branco. O typo do caboclo não tem, entretanto, vantagem esthetica sobre o do negro; alguns dos traços primitivos da raça são até mais grosseiros.

O contraste entre o nosso inteiro despreconceito para com o caboclo e o desdém que se affecta pelo negro, em certos meios, illumina a feição litteraria e convencional de alguns dos nossos sentimentos sociais.

Fóra dos annaes da colonização, onde os encontros entre brancos e indigenas não passaram quasi de tragedias de morticínio e de exterminação, o selvagem não tem historia litteraria senão em livros de viajantes curiosos e nos estudos

modernos, e já menos prevenidos, de anthropologistas. Certas concepções idyllicas do homem primitivo e do selvícola, de que o « contracto social », de Rousseau, é uma versão politica, decoram-lhe, mesmo, o typo com fulgores poeticos : a miragem da « idade de ouro », as lendas de heroes e semi-deuses, o culto pagão dos antepassados, as allegorias de Homero, dos poemas brahmanicos, dos sagas scandinavos, a fascinação extatica de Nietzsche, o primevismo, heroico e sentimental, de Alencar...

Já nas relações com o preto, é differente a attitude *exterior* de muita gente.

O negro é, de ha muito, uma das caricaturas do humorismo literario. Unico escravo dos tempos modernos, recebeu, ainda mais, sobre os hombros, toda a carga dos labéos da escravidão. A escravidão --- sorte de vencidos e commutação da morte, para povos inermes, em que cahiam, egualmente, raças incultas e povos abatidos, como os gregos, que iam, entretanto, ensinar artes, letras, sciencias e philosophia, a seus poderosos senhores romanos — é uma das instituições amaldiçoadas pela magistratura critica.

O narrador dos nossos costumes sociaes viu a escravidão, atravez deste prisma literario.

A escravidão foi, entretanto, uma das poucas cousas com visos de organização, que este paiz jámais possuiu ; nas aereas instituições politicas, que temos tido, as boas intenções do segundo monarcha, a honestidade e o saber de seus ministros, não conseguiram fazer descer para o nivel dos factos a nuvem luminosa das doutrinas adoptadas ; a Republica vae sendo um jogo floral de theorias, sobre um campo de miserrimas realidades. Social e economicamente, a escravidão deu-nos, por longos annos, todo o esforço e toda a ordem que então possuamos, e fundou toda a producção material que ainda temos. A moral dos seus costumes foi

superior á das relações, desapiedadamente cruas, dos anglo-saxonios com os pretos e indigenas, nos Estados Unidos.

Toda a operosidade deste paiz, tudo quanto nelle se edificou como fonte de riqueza e de trabalho, o pouco que já possuímos em *estabilidade social e dynamismo organico progressivo*, assenta sobre a labuta do preto e sobre o esforço do senhor, porque — e eis aqui um ponto capital a assignalar — o senhor de escravos — o das primeiras gerações colonizadoras, em realce (coisa de que, no correr destes estudos, se encontrará a explicação) — foi um explorador da terra ignorante e desavisado, mas incansavelmente laborioso. Na vida propria do interior, a gente que, na «fazenda», formava a nossa *familia rustica*, era occupada e activa como a de qualquer outro povo agricola.

Os que conhecem, por observação directa, os nossos antigos costumes, sabem que, na roça, entre os que lá se conservavam, e, nas cidades, entre os que mantinham os habitos ali adquiridos, a vida domestica era occupada, e os homens esforçavam-se por produzir.

Onde o nosso caso mostra as causas especificas da futura dissolução, é nos contactos da vida urbana com a do campo, na interpenetração da *civilização*, que iamos fazendo, com a economia que possuíamos: na fusão dos costumes das cidades, com os costumes da roça.

As praias, os portos, as fronteiras, as cidades á beira-mar e cosmopolitas, os povoados á margem das grandes vias de comunicação — poisos de marujos, de aventureiros e de viajantes em jornadas de ambição, e em férias, pelo menos, de disciplina social — são, em toda a parte, zonas mixtas de diffusão e desaggregação social, áreas de invasão de costumes facéis e de perversão dos caracteres. Antes das invasões guerreiras dos barbaros, Roma estava dissolvida por suas migrações pacificas; o Pireu infectou Athenas; phenicios e

carthaginezes eram, na antiguidade, propagadores de vícios e auctores dos crimes os mais audazes; nas ilhas da Oceania, as populações selvagens das costas corrompem-se, pervertem-se e aniquilam-se ao contacto dos colonizadores europeus, ao passo que os aborígenes isolados nas encostas mais altas das montanhas conservam, com a robustez physica, os caracteres da raça. No conflicto entre o exemplo dos colonos ordinarios e as suggestões da catechese, definha o typo indigena, que se entrega, anemico e servil, quando não se extingue toda a raça, á faina dos serviços baixos dos civilizados.

Em nosso paiz, onde tudo, apesar do nosso extenso territorio, se diria regulado para submeter as populações á dictadura mental da Corte — o que, com a própria vastidão, passou a ser uma causa dissolvente; onde os espiritos não receberam senão o preparo para copiar e imitar cousas, homens, idéas e costumes estrangeiros, todo o mundo aprendeu a viver, a sentir e a pensar, conforme o que se lhe dava, no Rio, por typo e por modelo. O primeiro cuidado dos paes, a quem sorria a fortuna, era mandar os filhos para os internatos da cidade: os fazendeiros repousavam dos labores da fazenda, nos hoteis elegantes, nas palestras da rua do Ouvidor, no Lyrico e nos theatros alegres: era distincto citar os nomes em voga no Chiado e nos *boulevards*. Alguns versos de poetas afamados, phrases de oradores e publicistas, intrigas de romances sentimentaes e eroticos, misturavam-se, nos cerebros de bachareis e doutores, a proverbios populares e trechos de compendios. E assim se fizeram a philosophia e a orientação politica, que dispuzeram, durante quasi todo o seculo XIX, da sorte deste paiz.

O romantismo e o demagogismo da França — credo de melancolia e de scepticismo, um, e simples anhelos de enthusiasmo reformador, o outro, foram, subito, deslocados pelo

realismo e pela confusão scientifica, philosophica e politica espalhada pelo surto do evolucionismo e do positivismo e pelo estudo e critica das theorias liberaes. Ao positivismo, forte pela união, e pela integridade de consciencia que sugere aos espiritos, as outras escolas não juntaram nenhuma fundação estavel. Tudo isto deu às intelligencias, quasi em branco, do nosso paiz sem cultura, essa attitude de erudição vacillante e de dialectica negativa, sempre de objecção em riste, em que idéas philosophicas e leis scientificas, themas de artigos e discursos, confundem-se nas memorias com proverbios e noções populares, correntes como as moedas de troco, e factos, cousas e dados concretos, baralham-se com anedotas, imagens e ficções. Conservadores e catholicos agiam por sentimento, e conquistavam por actos. Só de recente data surgiu um movimento de proselytismo intellectual, na Egreja. A influencia mental da França fazia-nos repetir, por symbolo da nossa « psychose » (1), e alvo das nossas aspirações, a angustia e as duvidas de um povo, desordenado pela ruina de instituições seculares, e indeciso na escolha de novas formas. O liberalismo, perito na destruição, não tinha aprendido a organizar; doutrinarios architectavam systemas e planos definitivos de construcção social, só com isto desprestigiados no juizo de espiritos praticos; por estas razões, e porque os reaccionarios dispunham dos instrumentos de uma habilidade finamente educada e da disciplina, contando com a vantagem da tradição e de instituições conhecidas, naturalmente sympathicas á ignorancia e ao commodismo das maiorias, a nossa tutora mental, oscillando entre os extremos de suas revoluções e reacções, não nos ensinava a caminhar; e nós iamós praticando, como vida normal de sociedade culta,

(1) Esta palavra está aqui empregada em seu sentido normal de « processo psychico ».

uma existencia de colonia moral e intellectual, modelada pelos agentes dessa occupação de espiritos com séde no Alcazar, nas livrarias e nas casas de modas, ao passo que outros, francezes e de outras nações, faziam-nos sua colonia economica, nos bancos e nos armazens do commercio internacional.

Portugal, por sua vez, passando por duas phases brilhantissimas de actividade intellectual, no seculo xix — bastante, cada uma, para firmar o prestigio de uma nação intellectual — foi em ambas agitado pelas crises, diversas, mas todas violentas, da paixão de um povo, que, havendo consummado obras de raro vulto historico, sentiu prematuramente tolhidas as energias com as fadigas da secular reacção contra a pressão, quasi esmagadora, das luctas migratorias e dynasticas do continente, e a da concurrencia e ameaça constante, e, depois, predominio, das ambições imperantes no oceano. Destas crises, se a primeira foi desanimada e dolente — abatidos os espiritos ao peso dos « asperos desenganos », que, no dizer de Herculano, os isolavam nos retiros, onde, « como no desabar do Imperio romano, tantas almas severas e energicas, desesperando do futuro de Roma, iam buscar os ermos » — foi a outra amarga e nevrotica, audaz sem confiança e revoltada sem poder. Exportou-nos, esta, a literatura que nos figurava a sociedade dos nossos contraparentes como uma cafila de deliquescentes, poida de musculos na rotina, e enxovallhada na libertinagem.

A França, sob a propria influencia do naturalismo, contava com prestigio bastante forte : seus escriptores haviam sabido isolar zelosamente a Patria das penas de suas observações de *biologia* e *psychologia* social, para lhe manter a fama de paiz são: condemnando seus patricios, os literatos de Lisboa e do Porto condemnaram-nos tambem, e habituaram-nos mais a guindar em sentenças de critica social, bisbilhotices de esquina e de cafés — a *psychologia* dos ro-

mances mundanos, onde se julgam povos pelos escandalos da rua, e as pessoas, pela moral da ponta de lingua: o unico juiz expedito, talvez, no mundo inteiro.

Emquanto recebiamos de Portugal a literatura romantica, da primeira phase, e, renovando o impulso de autonomia intellectual, iniciado nos tempos da colonia, tentavamos, com Joaquim Manoel de Macedo, Bernardo Guimarães, Luiz Guimarães Junior, José de Alencar, e, depois, com Machado de Assis, reflectir a propria imagem e a emoção da nossa terra e das nossas almas nas obras literarias, não aprendemos a mal-dizer das nossas cousas; mas, quando o naturalismo francez e portuguez começou a circular, e, impotentes, quasi todos, para assimilar a grave philosophia emancipada do seculo, começámos a ingerir-lhe os bosquejos e interpretações, que nos suppriam jornaes e revistas, assim como philosophias bizarras e destruidoras, o contagio pessimista acirrou a severidade dos escriptores, excitada pela consciencia do realce intellectual numa sociedade quasi inculta, em sentenças de desespero e inexoravel condemnação. Está na logica das cousas que a illustração applique, em ardor e intensidade de critica e de combate, as energias que não dispõem de materiaes proprios para construir. E as phrases scepticas das literaturas estrangeiras tomaram mascaras de juizos sobre as nossas cousas. Nada escapou ao ardor punitivo: os costumes, o espirito, a moral, a raça: com esta, os avós; e, como não era esperado que a execução da sentença recebesse embargos, tambem a sorte dos descendentes foi incluída, nessa partilha espontanea, em vida, dos despojos desta nação.

Tudo isto não passa, comtudo, de literatura; está no caracter dos espiritos juvenis fazer de tudo literatura: das cousas, das pessoas, dos factos, e das idéas: fazer, até da propria vida, literatura em acção; e, se se não tivesse dado

que, em falta de philosophia e de politica, tal literatura invadiu-nos os habitos e installou-se como palavra official do nosso pensamento, nada haveria a temer. Cumpre, porém, arrancar toda esta vegetação maligna do cerebro deste povo, já bastante aturdido pelos problemas e duvidas de uma existencia arrastada entre os segredos, não desvendados, de uma natureza estranha, e a ignorancia da gente que lhe pretende ensinar a vida, sobre esta terra que ninguém estudou.

E, neste problema da vida, estão o nucleo e a essencia da Philosophia e da Politica — sciencia e arte pratica, esta ultima, a que hão de afinal convergir todas as especulações e pesquisas, se quizerem continuar a merecer a attenção e a reflexão humanas. Toda a nossa biologia e psychologia podem, em summa, resumir-se nesta ultima synthese: o homem é o ser em quem o phenomeno da vida reuniu as condições e propriedades mais complexas da « adaptatividade ». Indole, tendencias, faculdades, sentidos, instinctos, potencialidades, tudo quanto, em summa, nas investigações analyticas de cada aspecto do organismo, parece crystalizar e traduzir caracteres, physicos ou psychicos, do modo de ser a que se chama « natureza humana », definir penhores, inclinações, limites e distincções, que predeterminem, encaminhem, fixem e guiem, a orientação dos nossos passos e do nosso espirito, tudo resume-se nessa palavra — affirmação da generalidade indefinida do nosso poder de desenvolvimento, sem limites e sem distincções subjectivas, talvez, mas fronteira, ao mesmo tempo, de sua extensão, fixada, no que é terreno, não por incapacidade do nosso poder organico — susceptivel, talvez, de imprevistos e extremos alcances — mas por uma necessidade geral de equilibrio e de harmonia das cousas, a que se não póde furtar, na relatividade contingente do mundo cosmico e do finito, no

tempo e no espaço, nem mesmo esse assombroso phenomeno complexo do espirito humano.

Este problema da vida é a interrogação inconscientemente posta pelo homem, em todas as perguntas feitas sobre os mais transcendentos objectos da especulação. Mas o problema da vida concreta, em suas realidades immediatas e parciaes, não se lhe fazia sentir em fôrma abstracta — como problema intellectual. A satisfação immediata da fome, a necessidade de abrigo e de calor, as primeiras exigencias de conforto, não foram os problemas que preoccuparam o espirito humano.

Cada necessidade isolada e cada interesse particular encontrava-se solvido, por obra de um dos muitos processos continuos pelos quaes o continuo da mente vae solvendo o continuo da existencia. A vida desenrolou-se, assim, por um progresso lento de conquistas infinitesimaes, desenvolvendo a primeira sensação affectiva, que, combinada não se sabe com que força natural, a fez surgir — por series de sensações identicas e de memorizações repetidas e multiplicadas, tornando-se habitos automaticos, instinctos, impulsos immediatos, que, só em estado muito adeantado da especie, apresentaram as fôrmas superiores do cuidado permanente pela existencia, na fôrma geral do problema da conservação, da segurança, do « plano de vida », e, afinal, da ambição. A vida concreta é, para o animal e para o homem primitivo, um problema encarado e solvido *au jour le jour*. Cada appetite instinctivo não era um problema para a necessidade do instincto; cada satisfação não era uma solução. Mas, assim como a questão metaphysica do « ser » reflecte a curiosidade do homem pela sua relação com o universo, o mundo propunha ao espirito de nossos antepassados a questão de sua vida, em face da grandeza e do poder mysterioso das cousas colossaes que o cercavam, que produziam

chuvas e torrentes, accidentes e mortes, e que lhe oppunham, da parte dos outros animaes e dos outros homens, tantas ameaças e tantos perigos á sua segurança e integridade, tantos obstaculos, desenganos e combates a suas empresas.

O problema da vida apresentou-se ao homem ancestral com esta feição pratica, nos primordios da sua actividade mental consciente. Um espirito de tendencia teleologica diria que esta noção é reflexo da consciencia da « função », sobre os moveis, aparentemente livres, do pensamento ; mas o pensamento, só por si, explica toda a sua causalidade e toda a sua relatividade.

Às perguntas do homem sobre seu destino, em meio ás cousas, respondia o soccorro de Javeh ; mas á pergunta sobre os perigos que vinham dos homens e dos outros animaes, quem respondia era o companheiro da caverna, e, depois, o parente da tribu. Para os perigos das cousas, o soccorro de Deus ; para o perigo dos inimigos, o soccorro da « nação ». Religião e politica nasciam, assim, como roteiros á esperança e ao temor humanos, nos azares e nas penas do destino.

Deus era invocado sempre, sem duvida ; mas á propria alma enlevada dos apostolos, nas causas humanas da paz e da guerra, elle falava e agia pelas boccas e pelos braços da nação.

Para o homem inculto, a existencia desenhava-se como um plano horizontal no tempo : e a sociedade parava, na era contemporanea, como fechada por uma secção vertical no tempo.

No passado, vivia a lenda, poetizada, tragica ou divina, olympica ou demoniaca ; Javeh ou Jupiter, Ptah ou Thor, foi, por muito tempo, o maior dos avós, o avô engrandecido até ao poder colossal do commando das forças phisicas ; o futuro era ignorado por elle, para quem a *genesis* estacava

com sua propria existencia e o destino não comprehendia senão seu ser e os seres que o cercavam. Deus e os viventes resumiam a philosophia e a politica, faziam a ordem no universo e a policia na tribu — mas isso para a vida e no interesse de cada um.

Toda a historia synthetiza-se, então, nesse esforço do homem por assentar e amparar a segurança da sua existencia; perplexo entre os interesses immediatos, sua timidez não lhe permittia sequer formular o problema do futuro. Quando o amor pelos seus lhe suggeria, porventura, vagos cuidados por uma hora um pouco mais avançada, elle solvia a difficuldade, transportando o poder de Deus, do mundo sidereo, para os tempos adeante: tergiversava, porque não era essa a solução que elle se dava, para os interesses proximos; e a consciencia dormia, sobre a tranquillidade dessa protecção, tão poderosa, que fazia cahir o raio sobre a arvore proxima para não deixar ferir a creatura, e arredava as avalanches para os abysmos do valle.

E assim se installou, por seculos, o fatalismo, providencial e depois sceptico, que encerrou o horizonte dos problemas de cada individuo e de cada geração dentro do alcance da existencia.

Nos limites do presente, religião e politica sabiam, contudo, que a vida tinha sua segurança e seu destino pendentes da nação, não só por força da policia e da justiça que ella creara, desde as suas formas rudimentares, *mas porque a ordem social da nação organizava a subsistencia e o exito de todos*. A nação, prolongamento, a principio, da stirpe, foi, depois, uma união de stirpes, accommodadas num regimen de paz, em prol do interesse de todos. Do « paria » ao rei, todos sabiam que a defesa de suas vidas contra o inimigo estava sob a guarda da nação, e que tinham a sorte confiada aos meios de vida, estabelecidos pela sociedade e por ella regu-

lados ; a fortuna do individuo era fortuna da nação ; a fortuna da nação, fortuna do individuo.

No que respeita ao « sustento », à « conservação » e à « defesa » da vida, em sua fôrma directa, as organizações politicas primitivas olhavam, de mais perto, para o interesse e para a tranquillidade do individuo. Os « estados », dessas primeiras sociedades, eram « estados collectivistas ». Sob o regimen domestico, com um rei, com um despota, ou sob uma oligarchia, na escravidão, ou na servidão, protegido ou vassallo, contava, cada qual, com o alimento, com o abrigo, com a união para defesa commum. O regimen social e politico era um regimen de mutualidade, por subordinação ; a nação, um poder paterno sobre cada um de seus membros.

O animo paternal, que gerou essas primeiras associações de interesses, presidindo ao seu desenvolvimento e acompanhando seus progressos, formou, assim, a base psychica da sociedade, sobre um estado de confiança reciproca, que, salvo aberrações, mais numerosas, naturalmente, nos tempos primitivos, mas sem expressão estatistica, como coefficients sociaes, mantinham a normalidade de situações convenientes á satisfação dos requisitos minimos da vida.

Com a evolução dos povos, ampliadas as necessidades, multiplicavam-se, simultaneamente, os recursos ; dilatadas as camadas superiores, desenvolveram-se os meios de satisfação ; reduzida a acção patriarchal do Estado, surgiram os trabalhos, as industrias, as profissões, que iam contentando as precisões. Deixando, paulatinamente, de socializar a vida, no interesse dos dominadores, tornando-se politico, o regimen da ordem e da legalidade restringiu-se á esphera juridica, á proporção que a vida economica ia crescendo, e, emancipado, ia tambem o individuo encontrando, numa actividade social parallelamente desenvolvida, o apoio que o Estado retirava. Este processo, vagaroso, gradativo, diuturna e imperceptivel.

mente mais largo e mais alto, ia também formando uma sociedade, onde, sob as ondulações e linhas quebradas naturais no nível de grandes colectividades, se estendia uma linha média de populações cada vez mais vastamente prosperas. As nações de formação immemorial e evolução espontanea produziram, mantêm e desenvolvem, assim, como que um leito, ou uma rede, de condições de garantia individual, por entre as grandes massas da sociedade. A miseria, existente entre os grandes povos civilizados, fôrma excepção, ao lado de immensas populações para as quaes, não só não existe a fome, senão também as necessidades e aspirações, materiaes ou espirituaes, crescentes, contam com probabilidades de satisfação. Ha um plano ascendente continuo na prosperidade material e no progresso moral destas populações.

O phenomeno do « pauperismo », das grandes civilizações, não tem comparação com o definhamento e a morte, em massa, de populações, como na China e na India contemporaneas, ou com o nomadismo, miseravel e bruto, dos nossos sertanejos.

As condições sociaes da vida individual, conservando, nestas novas sociedades, o caracter de *permanencia*, firmaram o de *continuidade*. « Permanencia » e « continuidade » são caracteres fundamentaes da vida social (1).

Neste processo, Deus, libertando-se, com a espiritualidade das novas fôrmas religiosas, da fusão immediata com a materia e com o mundo objectivo, emancipou o theatro das realidades terrenas, da sua interferencia permanente: o homem, livre, no conceito de todas as religiões, tomou posse do seu governo; e as cousas da vida collectiva formaram objecto de um pensamento, de uma acção, de uma arte se-

(1) LESTER WARD — *Pure Sociology*.

cular. A separação do espiritual e do temporal, e inteira emancipação da política e da auctoridade espiritual, é consequencia, immediata e logica, do dualismo do espirito e da materia, e do « livre arbitrio ».

Reconhecendo no homem capacidade para reger e administrar os *universaes*, ainda que limitados ao presente, religião e politica reconheceram-lhe, implicitamente, a faculdade de *prevêr* as consequencias futuras dos actos da gestão social.

Providencia objectiva sobre os factos da vida commum e previsão dos successos e das consequencias dos actos humanos sobre a sociedade, são o *verso* e o *reverso* da mesma aptidão humana para viver em grupo social.

Desde logo, era fatal que surgisse o Estado, como órgão geral dos problemas e das soluções dependentes da acção collectiva e futura, confiada, nos limites do espaço e do tempo, ao « arbitrio » e á « responsabilidade » do homem.

Na vida espiritual, o homem communica a sua relação com a realidade divina, pelo nexo da fê, na esphera da *consciencia individual*; o *seculo* e o *mundo*, o tempo e o espaço, ao alcance da relatividade da sua vida objectiva, ficaram entregues á unica força e unica auctoridade effectiva e pratica sobre seu arbitrio e sobre sua responsabilidade: o Estado, órgão da nação.

Doutrinas philosophicas podem contestar ao homem e á sociedade capacidade para prevêr o futuro, mas devem, por consequencia inevitavel, adoptar o anarchismo: negar ao homem aptidão de raciocinio logico sobre as cousas futuras, envolve, fatalmente, negar-lhe a de raciocinio logico sobre as cousas geraes no presente, isto é, importa contestar a legitimidade do Estado e do Governo.

Reconhecer a liberdade e negar a previsão, traduz-se pelo fatalismo mais cego das mais grosseiras concepções *naturistas*.

As massas humanas, assimiladas em « todos », compunham, com a possível adaptação, dados os nossos conhecimentos sobre a relação da espécie com o mundo physico, e sobre a nossa natureza corporea e psychica, uma aggre-miação, fundida com seu *habitat*, e integrada como sociedade, que se mantinha por si, salvo accidentes physicos ou guerras, e desenvolvia-se. Meio, povo e fôrma politica formavam membros de um corpo extremamente elastico e flexivel; en-raizada na terra, ou com a terra, desenvolvia-se *a vida* (que não *a gente*, por vezes nomade) graças á necessaria reve-lação e accumulção de indícios e habitos, proprios a manter as funcções de relação, satisfazendo appetites e instinctos, por força dessa especie de harmonia, integrada, numa atmo-sphera tonica, pela affinidade com o meio e pela assimilação objectiva na sociedade.

Formaram-se, assim, as nações do mundo civilizado, apresentando a fôrma de collectividades em que os indivi-duos são funcções da sociedade e a sociedade é funcção dos individuos, desenvolvendo-se, uns e outra, coordenadamente, sem choques e sem hiatos, como num processo continuo de elevação de um mesmo plano. A prosperidade e o *progresso* — no sentido ordinario do termo — do homem e da sociedade, nos paizes de longa evolução normal, são, assim, producto de uma elaboração vagarosa e lenta, semelhante, por exemplo, á acção dos factos physicos, chimicos e mechanicos, que ser-viram para compôr as partes geologicas da crôsta da terra.

Deste processo de elevação successiva do nivel da so-ciedade, organicamente integrada e diferenciada, surgiram as *nações*, os *povos* e os *homens*, do occidente moderno, car-acterizados, em geral, por uma certa conformidade de habitos evolutivos. O processo soffre hoje diversas crises: — effeitos do desenvolvimento da cultura, sem a necessaria segurança, nos espiritos, da verdade scientifica e das suas applicações,

e efeitos, ainda mais, da revelação e consciencia dos problemas positivos do homem, em seu aspecto duradouro, como theses geraes, da elevação do nivel da instrucção e da excitação das ambições, generalizadas a vastos grupos das sociedades. mas, principalmente, do surto das invenções materiaes e dos instrumentos mercantis que, dos fins do seculo XVIII. para nós, acceleraram a industria, as communicações e o commercio, em progressão vertiginosamente desproporcionada com os misteres e interesses humanos.

Profundamente perturbadores da evolução das sociedades organizadas. estes phenomenos tornaram-se, nas mãos daquellas de suas classes que os manejam, um poder tremendo sobre os destinos das classes inferiores, e, ainda mais, sobre as das novas sociedades, surgidas do desconhecido, mercê dos descobrimentos, e voluntariamente formadas por esforços individuaes dos colonizadores, ou pela acção politica das metropoles.

As nações de origem remota e de lenta evolução não conheceram. nem conhecem, o *problema nacional*, pela mesma razão por que os *herdeiros* de grandes fortunas desconhecem o *problema* da subsistencia e cada individuo desconhece o *problema* da *formação structural* do seu organismo. As nações surgidas por descobrimento e formadas por colonização são *improvisos* sociaes do acaso, ou de factos excepcionaes do progresso. Se fosse possível conceber que os governos metropolitanos ou as camadas colonizadoras transplantassem para as suas novas possessões a *structura* e *organização* das metropoles, poder-se-hia, tambem, admitir que as colonias teriam prolongado sobre os novos territorios o organismo das sociedades metropolitanas integradas; nem tal porém, se dá, nem, ainda, seria de suppôr — o que, aliás, não seria bastante — que as forças activas na manipulação das novas sociedades: governos das metropoles, seus dele-

gados e colonos, tivessem agido sobre estes meios, obedecendo aos mesmos estímulos que lhes impelliam os passos, na vida ordinaria sobre o solo natal. O descobrimento e a colonização, factos imprevistos e mutações gigantescas, epicamente suggestivos, revolucionam, tambem, os espiritos, com as allegorias quasi lendarias e com os premios magnificentes das primeiras jornadas.

Governos coloniaes e colonizadores fazem invasões e conquistas: não fundam nações; são exploradores: não são socios.

Dos costumes, tradições, leis empiricas da pratica, e normas da consciencia, permanecem os que, por neutros, não tolhem os passos, em empresas e aventuras: a visão dos novos scenarios, a força impulsiva e os delirios da ambição despertam almas novas, nos cerebros, transfigurados e ardentes, de « bandeirantes », « emboabas », de toda a casta de pioneiros — evictores summarios de terras e summarissimos eliminadores de concurrentes.

Nas nações novas, o facto, resultante da forma peculiar da sua exploração, é que a *sociedade* não chega jámais a constituir-se: a assimilação e a integração, obras de lento e gradual evoluir, nos velhos paizes, não encontram os mesmos moveis de estímulo e de operação; e, pelo contrario, por entre a vizinhança, a contiguidade, e uma certa communidade, material ou moral, de semelhanças e analogias: a lingua, a religião e a raça — fios de tecedura, entre outros, na composição dos elementos *vilzes* de associação, e forças de sua actividade solidaria — são aqui dissolventes. As religiões, por exemplo, como outras aggremações, agindo independentemente do mechanismo nacional, onde se deveriam entrosar, e promovendo, sem a acção geral parallela das forças nacionaes, os ideaes que as animam, sob a direcção de sua auctoridade mundial e com a sua poderosa disciplina, contribuem para desaggregar as nacionalidades.

Os paizes novos carecem de constituir artificialmente a *nacionalidade*. O *nacionalismo*, se não é uma aspiração, nem um programma, para povos formados ; se, de facto, exprime, em alguns, uma exacerbação morbida do patriotismo, é de necessidade elementar para um povo joven, que jámais chegará á idade da vida *dynamica*, sem fazer-se « nação », isto é, sem formar a base *statica*, o arcabouço *anatomico*, o corpo *structural*, da sociedade *politica*.

Não são os requisitos da prosperidade e do progresso, no sentido popular, que fallecem, mas os proprios órgãos e visceras de uma associação humana com assento *topographico* em um territorio e revestida de uma *cupula politica*.

Sua população é um *agglomerado* de familias, classes, associações, partidos, profissões, raças, nacionalidades, religiões : póde possuir, durante uma phase relativamente longa de sua vida *historica*, de dezenas de annos, ou, ainda, talvez, de um ou dous seculos, cidades ostentosas, estradas de ferro, obras e empresas colossaes ; tudo isso, porém, não viverá senão uma vida *facticia*, sem espirito e sem unidade, como a vida de um hotel, ou de uma estação de estrada de ferro, onde se encontram e cruzam-se, em movimento febril, milhares de individuos, camadas e gerações da sociedade, sem nenhuma consciencia de interesse *commum*. Taes sociedades não deixam, em pós si, senão riquezas mortas e monumentos mais mortos ainda : obras frias de uma historia, que não animou o espirito de um ideal.

Avenidas, theatros e estatuas registrarão, para o futuro, os annaes *infantis* de um povo que não soube viver.

A *nacionalidade* não é, aqui, um desses conceitos *verbaes* a que a tradição habitua os espiritos, e que transforma em *suggestão*, mas a propria vida do povo, base da *vida* do individuo, da familia, das classes e das gerações, *medium* da tranquillidade, da confiança e da coragem, no presente e

para o futuro. É provavel que uma investigação positiva de psychologia social, pondo em contraste a *vida norte-americana*, por exemplo, com um *conceito de nacionalidade*, formulado com todos os rigorosos cuidados da relatividade e das proporções, no tempo e no meio physico dos Estados Unidos, chegasse tambem ao resultado de que egualmente este paiz ainda não forma uma « nação » ; mas os Estados Unidos illudem, por um lado, com o brilho e a grandeza espectacular da sua vitalidade, e mostram, por outro, evidentemente, solidissimos requisitos de evolução organizadora.

No Brasil, destruidos os rudimentos de organização que já tivemos, lançados em mau terreno, nada ficou de definitivo, e a fachada da nossa civilização occulta a realidade de uma completa desordem. Não ha uma só instituição no Brasil, como tambem, provavelmente, em quasi todas, senão em todas, as outras republicas sul-americanas, assente sobre bases proprias, para um crescimento evolutivo regular.

Vivemos, até aqui, de ensaios e reformas ; cada idéa nova pousa sobre ruínas ; cada transformação planta as aspirações de um systema sobre a agreste verdade de formas sociaes ainda grosseiras. Dahi, o desanimo e a descrença de um povo, para quem a vida publica não é senão uma chronica de aneddotas pessoaes e de audacias, escandalos e immoralidades, verdadeiros e falsos, exaggerados e deturpados ; onde o merito não tem estimulo, o trabalho não tem valor, a producção não tem preço, as fortunas não têm garantias, o povo não tem opinião, o cidadão não tem voto, os espiritos não têm idéas e as vontades não sabem mover-se. Não fosse a ingenita honestidade deste povo e sua clarissima intelligencia, seu bom senso e seu extraordinario espirito de ordem, e este paiz não contaria mais um só collecter probo na mais remota e inculta villa do sertão, e viveria, como

terra de barbaros, dilacerado em guerras e pilhado em saques permanentes. Uma constituição e umas centenas de leis, empalhadas em volumes, não fazem um Direito; quanto mais, a vida de uma nação!

Os Estados Unidos tiveram, sobre nós, immensas vantagens. Foram colonizados por uma nação que, estando, na epocha do descobrimento da America, em pleno estadio de vigor, continuou a marcha progressiva do seu extraordinario desenvolvimento, durante todo o tempo da formação das colonias da Nova-Inglaterra: possuem um territorio de clima, frio ou temperado, semelhante ao do paiz de seus colonizadores, immediatamente adaptavel, sem estudos especiaes, nem devotados cuidados, ás culturas que elles faziam na metropole, de onde podiam receber lições e educação, sem maior aprendizagem sobre o terreno e a adaptação, sobre as plantas e o cultivo; não soffreram, como nós soffremos, com a vinda da casa de Bragança, nenhuma syncope de evolução politica.

As raças que povoaram a Inglaterra não divergem tão profundamente como se suppõe, das que povoaram Portugal; o fundo ethnico era identico; os primeiros povoadores da Britannia, de cuja existencia já se encontra testemunho historico, eram celtas, como os primitivos povos historicos da peninsula, e caminharam, do continente para a ilha, por via iberica; nas alluviões migratorias que se seguiram, para ambas as direcções, houve mescla de dolicocephalos nordicos com brachicephalos do centro; houve latinos, na Britannia. A massa que predominou em Portugal pertencia a gente que vinha de participar de civilizações como a romana e a arabe da idade média.

A Inglaterra foi uma estufa humana, protegida pelo oceano, e que monopolizou o oceano, desde que o oceano passou a ser theatro das grandes luctas da concorrência;

Portugal foi um pequeno povo quasi sem terra para a sua conservação, que, tendo realizado no mar as maiores empresas de descobrimento e de occupação, cedeu á força do poder numerico e da vantagem territorial, no continente, dobrando-se, ao mesmo tempo, perante a concurrencia maritima da propria Inglaterra e dos povos descobridores e colonizadores mais activos que o mundo possuiu, no periodo das grandes iniciativas oceanicas. Conquistado pela Hespanha, Portugal não se reemancipou, senão para viver a mais critica das existencias, numa inutil reacção contra a pressão das luctas continentaes, collimadas com a fuga de D. João VI, e contra a expansão maritima da Inglaterra, ultimada com a sua definitiva subordinação politica á poderosa alliada do norte.

A capacidade e o valor abstracto de um povo, como os de um individuo, não se aquilatam em absoluto, pelo que pôde realizar, mas pelo confronto do que realizou com os obstaculos e as possibilidades encontrados. Sob este criterio, a patria de Camões e de Vasco da Gama apura, com honra, o quilate do seu character. A colonização do Brasil realizou-se justamente durante o periodo de declinio de Portugal.

A outra difficuldade é ainda mais consideravel. Aos povos europeus que para aqui vieram, coube uma região inteiramente ignorada, cujas terras, equatoriaes e tropicaes, oppunham obstaculo ás culturas, imprestaveis, como eram, para quasi todas as lavouras conhecidas dos colonos, de caracteres climatericos e meteoricos de todo estranhos, alguns de influencia immediata e directa sobre a vida do colono e sobre seus trabalhos, outros de effeitos mais remotos, que ninguem imaginava, sequer, por esses tempos, ainda até pouco, apenas notados, por observadores directos da nossa vida rural, sob o aspecto de sua acção immediata sobre as

culturas, e só de recente data apontados, com todo o seu alcance sobre a vida agricola e a producção, sobre as estações e a productividade dos nossos terrenos, sobre a nutrição, o vigor e a saúde da nossa gente — o que vale dizer, sobre a base inteira de toda a nossa vitalidade.

Improviso da criação, pelo descobrimento; fraqueza fortuita dos descobridores; differença do clima e da terra; vicissitudes da colonização; interrupção e desvio, no processo historico da independencia e da formação nacional: aqui estão cinco enormes factores, cada qual bastante para impedir e tolher o surto de uma sociedade. Ao ultimo, costuma-se creditar, em confronto com a historia das republicas sul-americanas, as vantagens da ordem e da unidade nacional. A ordem não foi assim tão completa; e se ganhámos um pouco em socego, é certo que perdemos em iniciativa e em vigor de character, com o governo dynastico. Somos, afinal, descendentes de portuguezes, povo, sem contestação, menos impetuoso que o hespanhol; e não é arriscado conjecturar que mais firme teria sido a vida deste paiz, se a sua independencia resultasse do progresso da aspiração nacional na vida do povo e fosse presidida por essa mascula geração de 1820, tendo a *consciencia*, a *liberdade e a responsabilidade da organização politica*.

A terra, esta, está de todo por ser estudada; e o signal da consciencia, quanto a este ponto, só se mostrará, no dia em que, abandonando tentamens de melhoramentos materiaes artificiosos, ou, pelo menos, prematuros, como o das culturas seccas, voltarmos sensatamente os olhos para as regiões já exploradas e em exploração, e para os valles férteis onde abunda a agua, existentes em todo o paiz, para restaurar, por meios conhecidos, não muito custosos e de effeitos proximos, as condições de humidade e de producção, que lhes vão faltando, corrigir e rectificar as falhas e insuffi-

ciencias das terras, sanear as regiões insalubres e defender as riquezas naturaes, em estado de producção, ou virgens : procurando concentrar e fazer florescer as populações nacionaes sobre estas zonas.

Um paiz em que a cultura extensiva da terra exgottou, em menos de tres seculos, zonas equivalentes ao duplo, talvez, da área do Egypto, explorado agricolamente, só dentro da vida historica, quatro mil annos antes da nossa éra, e ainda hoje em plena producção, não precisa abater seu espirito, nem desmoralizar-se a seus proprios olhos, para explicar as fraquezas e crises da sua constituição social: basta-lhe lembrar que nenhum outro povo soberano passou, nos tempos modernos, por egual conjunctura, e que causas desta natureza não se revelam, em regra, a povos e governos, senão com o flagrante da sua realidade.

Com taes vicissitudes, na posse do seu patrimonio territorial ; sem base historica para as fundações da sociedade ; luctando, ao contrario, com os obstaculos que mataram os germens das suas experiencias de organização — este paiz não podia ter iniciado, sequer, a creação de uma *economia*. A *nacionalidade* é a vida de um povo, feita pelo calor e pela energia de um *espirito*, sobre a saúde de uma *economia*. Nós temos de fundar a *economia* da nossa Patria, fazendo revelar o *espirito* das suas raças, sobre a sua natureza tropical.

Para isso, só ha um caminho a seguir : traçar a sua *politica* ; e para conceber a sua politica, é mister formar uma *consciencia nacional*.

A autonomia de um povo nasce em sua consciencia ; a raiz da personalidade é a mesma, no homem e na sociedade. Ter consciencia significa, em seu mais alto grau, possuir, com os poderes de sensação e de percepção, o de formar juizos : juizos concretos, sobre as cousas ; juizos abstractos, sobre as

idéas ; juízos moraes, sobre os sentimentos, que são como a faculdade superior do affecto. *O sentimento é a razão da natureza emocional*. O postulado de Socrates: « a virtude é a *sabedoria* », contém o germen desta verdade psychologica. A base da mais alta virtude humana está na sabedoria da coragem, da moderação e da prudencia, externada na conducta, com o equilibrio indefectivel da « eudemonia » . . .

A *natureza* affectiva é identica, no selvagem e no homem culto das altas sociedades: o selvagem pratica os actos mais crueis, com uma consciencia limpida, de heroe ou de santo; o civilizado arruina concurrentes, submete familias e sociedades á miseria, dizima povos, nas luctas economicas, na concurrencia social e nas guerras. O medico, capaz de morrer de fadiga á cabeceira de um doente, contempla, impassivel, sem uma vibração de sensibilidade, a lenta agonia de populações dizimadas pelo impaludismo. O homem começa apenas a praticar a sciencia do sentimento e a arte do amor, em suas relações com os outros seres, com a terra e com seus semelhantes. As verdades da consciencia moral, todos as possuem em abstracto ; nem todos as sabem localizar, nas relações da vida concreta.

Grande numero das concepções ligadas aos nossos sentimentos geraes são metaphoricas, hyperbolicas, muitas vezes. A lingua é um serviçal, mas, tambem, um traidor do espirito e do coração ; e as fôrmas exaggeradas de expressão dos impulsos moraes defraudam sentimentos verdadeiros, que se tornam figuras acanhadas e constrangidas, nas roupas de suas imagens rhetoricas.

O coração tem as suas proporções e a alma a sua harmonia architectonica.

Sob os vagos nomes, dados, declamatoriamente, ás nossas affeições sociaes, como o de « fraternidade humana », « patriotismo universal », « patria ideal », « familia humana, ou

brasileira » — metaphoras que são quasi delirios de linguagem — pomos, de costume, a « *sympathia* », o impulso de « *mutuo auxilio* », a « *benevolencia* », a nobre e pura « *caridade* », dos catholicos, o « *altruismo* », eloquente nome da synthese da virtude pratica de Augusto Comte : « *viver para outrem* », o espirito de « *humanidade* », que nos unem, enfim, ao nosso semelhante — chinez ou kaffir, da Terra-Nova ou patagão — acima da « *amizade* » que nos prende ao companheiro e consocio na vida e no trabalho, e de todos os sentimentos reaes, domesticos, patrios e sociaes, que nos ligam ao irmão no sangue, ao compatricio descendente dos mesmos avós, vizinho no sólo e confrade na lingua, deixando-nos inebriar por estímulos nús de senso e vãos de naturalidade. Assim tambem a « *solidariedade americana* », a affinidade da « *raça latina* », o espirito, sentimento, interesse, ou character « *sul-americano* ».

E se, como sentimentos para com as pessoas e para com os povos, estas hyperboles nada dizem de sincero, porque dizem cousas que excedem das fronteiras do senso, exprimem apenas, nas relações politicas, inadvertencias juvenis do criterio.

A synthese da politica internacional brasileira pôde ser resumida nestes breves termos. No continente americano, a identidade da evolução politica e das instituições sociaes impõe a todos os paizes uma politica de paz. Na prosecução desta politica, os Estados Unidos têm direito, por sua posição internacional, pela iniciativa na realização de idéas liberaes communs e pela prioridade no serviço da paz, á direcção do continente ; esta approximação pôde ser estendida a outras nações, sem, contudo, formar-se partido, ou alliança internacional, cousa incompativel com a propria idéa da paz. A vizinhança impõe-nos cuidados de cortezia e de prudencia e animo de transacção, nas relações com as

nações contiguas; interesses politicos e economicos podem justificar commercio mais intimo, ou mais frequente, com algum paiz.

Não ha, assim, razão geographica nem ethnica para qualquer preferencia, interposta entre o nosso patriotismo e o laço universal de estima humana, que não ganha, nem em effusão nem em calor, com superlativos declamatorios, e para o qual o melhor nome é, provavelmente, o de *hospitalidade* — o nobre e espontaneo impulso de acolhimento e de carinho a estrangeiros, commum a pagãos e a christãos, a musulmanos e budhistas, testemunhado nos livros sagrados, nas epopéas e nos codigos de moral e juridicos de todos os povos, que Kant gravou como lemma do seu ideal de paz : o ideal da « hospitalidade universal ».

Sentimentos ficticios e solidariedades sem base, não servem todas essas convenções, senão para accumular, nas relações da vida real, motivos artificiaes de acção, de que só podem resultar perturbações politicas.

A aspiração de uma unidade internacional americana é uma das formas absurdas deste preconceito. A configuração geographica da America, em longa faixa longitudinal, é um imperativo de differenciação, jamais um determinante de unidade.

Interesses particulares á parte, limitados a seu objecto immediato, não ha, assim, nenhum motivo para que se alimente, entre o patriotismo e a hospitalidade humana, outra qualquer affeição, nem para que se conceba a criação, entre a « nação » e a « humanidade », de formações intermedias, ainda que passageiras. No proprio processo de encaminhamento para a paz mundial, a intervenção de formações taes como a federação européa ou americana, envolveria mais perigos que promessas de exito. A organização geral das nações é da indole propria da idéa de paz, e as formas

intermedias podem complicar, em lugar de favorecer, o seu advento.

As raças de uma nação devem venerar os povos avós de seus filhos, mas este sentimento, como o de qualquer cidadão, individualmente, por este ou por aquelle paiz estrangeiro, não tem expressão pratica, de paiz para paiz: fica no amago das consciencias.

A « nação », dos antigos, e da opinião vulgar, exprime uma combinação de affeições collectivas, em que se juntam vagas reminiscencias de liga gentilica e impressões de auctoridade e de subordinação *patarchal*, com a esperança do *patrocinio*, confiança no *patronato*, posse de um *património* commum: é a consciencia que clama o appello á concentração em torno do chefe, nas horas de perigo, e em torno do governo, nos momentos de crise.

É um *estado de consciencia* e um *impulso de instincto*: o chamado *espirito nacional* dos povos, contra as aggressões armadas dos povos inimigos; não é nem um *sentimento*, nem uma *idéa*, nem um *principio de acção*.

A fôrma superior da « nação » não se consolida, senão depois que a sociedade, que envolve a existencia dos individuos, se corporifica com a solidez e a plasticidade precisas para offerecer *base* á segurança e *medium* á prosperidade, na vida commum. É um estado já avançado da formação nacional: obra de seculos de evolução, nos paizes de existencia immemorial; obra politica, para as nações modernas. A mais alta expressão de seu progresso é aquella em que o espirito envolve, na synthese mais ampla, os moveis intimos da solidariedade social, fazendo-a reverter para o futuro, para o interesse da prole.

Com esta feição, a consciencia nacional é completa.

A imagem da *vida* dos individuos, na sociedade, e da actividade dos varios grupos que ella mostra, dá a illusão de

que toda « nacionalidade » tem vida, obedecendo ao impulso do seu proprio dynamismo. A vida nacional não é, entretanto, a *somma* das vidas dos individuos, nem a *somma* das actividades das classes e associações, que se agitam em seu territorio : é uma vitalidade especial, inconfundivel com a das pessoas e com a dos grupos, naturaes ou artificiaes, em que se divide — revelando-se, sem duvida, nos phenomenos de desenvolvimento, de prosperidade, de progresso, de civilização e cultura, de individuos, familias, classes e associações ; mas agindo, sobre a sociedade completa e de permeio às suas unidades e aos seus multiplos, como um complexo de forças e de valores, que progridem em nivel ascensional, de alcance, e em linha horizontal, no tempo, para o ideal adaptativo.

De degrau em degrau, em marcha para o equilibrio e para a harmonia, dos homens entre si, e dos homens com a Terra ; de geração em geração, com a conservação e o desenvolvimento da riqueza e da energia, a civilização crêa, sobre a rusticidade da Terra e sobre a imperfeição humana, o ambiente que accumula e que impulsiona os progressos.

Individuos, grupos, classes, associações, podem agitar-se e prosperar, enriquecer e progredir, sem que a « nação » se desenvolva, à custa mesmo da fortuna, da seiva e das energias nacionaes.

A actividade da massa dos individuos e a de seus agrupamentos não é o elemento dynamico da vida nacional : é o seu elemento statico ; não é a sua força progressiva : pôde ser-lhe uma força retrocessiva.

E é este, literalmente, o caso da nossa Patria.

A nossa vida social traduz-se por uma actividade sem producção, numa grande agitação de esforços estereis.

Ha um phenomeno de circulação social (1), semelhante ao da circulação economica. A vida de um povo gravita em torno dos criterios, dos modelos e dos exemplos, exhibidos pelas figuras e pelas classes representativas da sua sociedade. São estas que dictam a pauta dos valores e impulsionam os turnos e evoluções das iniciativas e dos interesses. Monaco é um formidavel centro de vida, agitado entre mesas de jogo; Londres concentra, ainda hoje, por força da pujante organização do seu credito, toda a vida bancaria da Terra; Paris é a capital literaria do mundo pseudo-latino. Em cada paiz, a vitalidade corre, como um liquido, para o plano dos interesses favorecidos pelos agentes da sua direcção. Ha uma tendencia, em todas as sociedades, para o abandono do trabalho, e para a especulação. Esta tendencia apresenta-se, entre nós, com a fôrma de uma circulação social e economica, não só irregular, mas aleatoria e viciosa. A sorte do brasileiro que confia, ainda, no labor do seu braço e no esforço do seu espirito, é um bilhete de loteria, pendente do arbitrio governamental, de negocios ficticios e de transacções immoraes, que o inflacionismo e erros da nossa orientação economica e da nossa educação social fizeram industrias preferidas, em nossa sociedade.

Fazer fortuna é o programma de todos; vencer, custe o que custar, o lemma em prestigio. Como? Por todos os meios, processos e caminhos, aptos para conduzir ao exito. A escolha não é livre. O estalão, uma vez decretado, pela dictadura da *Fortuna*, os espiritos gravitam em torno d'elle. O homem não tem por destino ser heroe, nem ser martyr. Para conservar a integridade do caracter, em sociedades seleccionadas pelos caprichos do azar, é preciso possuir animo de athleta moral.

(1) LESTER WARD — *Pure Sociology*.

A sociedade faz o individuo: o character e o valor são, normalmente, determinantes das tendencias, sobre uma caudal de energias; quando ha ordem na sociedade, cada onda é feita do concurso das correntes individuaes; na anarchia, as ondas são feitas dos impetos e dos saltos acrobaticos dos appetites e das ambições. As personalidades fortes são esmagadas, de encontro á propria fortaleza; as almas bem intencionadas, esterilizam-se na amargura e na descrença. Tudo isto, porém, significa apenas uma cousa: a sociedade faz o individuo: não pôde produzir individuos uteis uma sociedade que se não acamou em seu leito natural — que não coordenou a sua direcção.

Impressionistas, nós nos dividimos em duas philosophias, ambas estereis, em face desta realidade: um optimismo extasiado com as apparencias da nossa civilização, e um scepticismo destruidor, terrivel de contagio e feroz de intolerancia, contra todo esforço de reacção. Para estes, o mal está na raça e nos individuos, e, isto, tão sómente porque, logo adeante dos factos, o que se lhes apresenta aos olhos são as imagens das pessoas.

È um simples erro de visão dos dados sociaes. O nosso preparo ethico e politico ainda nos não permite perceber que, entre a figura de um homem e seu espirito, entre a vida que elle vae fazendo e suas qualidades, ha um mundo de causas de variação, que se estendem do mais remoto passado até ao momento actual, e sobre o qual se esbatem reflexos e refrações de todas as vidas e de todos os factos que nos cercam. Os instrumentos e as possibilidades sociaes dispõem do futuro; e o classico Destino, da tragedia grega, pôde ter por voto de Minerva, em sociedades não organizadas, o acaso que, no dia de uma crise politica, decida, com uma pennada, entre Cesar e João Fernandes, para dirigir a sorte de um povo.

O nosso habito de apreciar os factos politicos e sociaes sob suggestão das emoções moraes, á barra do « julgamento » — fôrma predominante, em nosso espirito, da « consciencia moral » — leva-nos a não vêr os assumptos publicos senão pelo dilemma do bem e do mal, do honesto e do deshonesto ; e, no declive desta observação immediata das cousas, a avaliação do que é publico e social, do que é da conta da opinião : *da res publica*, apagou-se tanto, em nosso criterio, que, nas espheras mais altas da vida publica, os pormenores pessoaes e accidentes politicos, quando não actos e factos de todo particulares, sobrelevam a programmas e idéas. De programmas não se cogita senão para effeitos eleitoraes ; e de problemas e soluções, não se chegou ainda a cogitar. Estamos, ainda, em assumptos de medicina social, em phase de therapeutica de symptomas. Pouca gente conhece, com exactidão, entre nós, os dados da nossa situação financeira ; raros têm noticia dos problemas da nossa economia, para não falar senão de cousas muito superficiaes ; não ha, porém, quem se não emocione com a noticia da ultima desordem occorrida num Estado qualquer, onde o grupo dos « facinoras », que estão no poder, pleitea a posse do Governo, contra o grupo dos « salvadores », em opposição : e as attitudes de um e de outro lado valem-se reciprocamente, exprimindo, ambas, situações creadas e mantidas sob um mesmo criterio : o da luta pelas posições.

As lacunas e os erros da nossa vida publica são apenas symptomas do mal profundo da nossa desorganização ; são mesmo, manifestações gravissimas, é certo, de desorganização ; mas o facto de as ter em foco, como problema governamental, mostra o estado rudimentar do nosso criterio politico e da nossa capacidade organizadora.

O nosso problema não é um problema de moralidade pessoal : os abusos apontados, em nossa vida publica, nada valem quasi, por muitos e grandes que sejam, em face das

perdas colossaes que soffremos, com a nossa inadvertida politica, ou, melhor, com a nossa inteira falta de politica. Quem quer que haja passado pela politica e pela administração publica, em nosso paiz, não pôde deixar de sentir-se ennobrecido com a certeza da probidade dos nossos homens publicos e dos nossos funcionarios.

O problema da nossa vida não é o problema do character individual, é o problema do character nacional; não são penas que temos a impôr, nem moralização, que nos cumpre fazer; a resolução de « concertar » e de « endireitar », formulas a que se reduzem, em regra, os nossos intuitos reconstructores, é symptoma tão pernicioso, como as immoralidades que condemnamos. São os eternos brados de paixão, de todos os « puritanos » e « incorruptiveis », em epochas e entre povos revolucionados.

O character nacional, a formar, entre nós, não é o character dramatico, das obras de regeneração, nem um rigido character punitivo: mas um character consciente e sereno, capaz da sinceridade de reconhecer, sobre o espelho das nossas flagrantes realidades, que não sabiamos nada das cousas da nossa terra, e que temos vivido a pretender executar, sobre este solo unico, um repertorio de theorias exoticas. Tendo caminhado para o oceano, precisamos regressar ao centro: voamos, abandonando a terra, que implorava os nossos cuidados. Quizemos formar cabeça, antes de possuir um corpo; plantamos sementes importadas, e ainda não sabemos produzir sementes; importamos e cultivamos fructos alheios, abandonando os fructos do nosso clima.

Esta politica de reparação só nos parece impossivel, porque, em regra, não concebemos reformas politicas, senão como mutações, instantaneas e integraes, do scenario social. As reformas não se realizam como edificações materiaes: iniciam-se com uma « mudança de attitude », em face dos

problemas, e proseguem, com um programma politico firme, dentro de uma fôrma constitucional flexivel, que se não limite a esta ou áquella ordem de cousas, a tal ou qual ramo do governo. Não basta encarar dous, vinte, ou cincoenta aspectos da nossa vida social e politica; é mister abranger, na complexidade dos interesses do povo, todas as suas faces, dependentes de factores, proximos ou remotos, directos ou indirectos, que se alternam, succedem-se, interrompem-se, surgem e desaparecem, sem que ninguém possa predeterminar, com exactidão, os actos certos e as medidas proprias, para cada momento e para cada logar, senão com firme consciencia do fim a alcançar, inteira mestria dos processos, e posse completa dos meios. Tudo mais seria trabalho baldado, que mal mereceria o nome de politica. Nada destruir, *no que tiver raizes sociaes*, reconstruindo ao lado e para deante.

Este progresso no character nacional, demanda dous esforços, que não chegam a ser sacrificios: repulsa definitiva do habitual desencargo de consciencia e da inextinguivel confiança na magia solutoria do *amanhã* — essa providente divindade que nos quita dos deveres, acenando-nos com a promessa de todos os dotes e virtudes; e troca definitiva do nosso humor objectante por uma sincera disposição de fazer, ou de deixar fazer.

Os destinos deste povo só não serão determinados pela innocente candura da sua alma, por seu amor á paz, espirito de tolerancia e sua grande capacidade de trabalho, se o não quizer a geração presente.

Esta geração carece de ter por guia, neste momento, a *moralidade* desta anecdotia historica:

Em uma ceia, prolongada noite adeante, perguntara alguém as horas ao *suisso* de serviço; ao que este, olhando para o relógio, e verificando que era passada a meia noite, respondeu: « Já é amanhã, meus senhores ».

II

Em prol das nossas raças

Somos um dos povos mais sensatos e inteligentes do mundo.

Nenhum brasileiro, que tenha uma vez viajado, deixou de sentir-se alegre ao confrontar o espirito e o caracter do nosso homem do povo com o do homem de outros paizes.

Sensivel, generoso, nobre, hospitaleiro, probo, trabalhador (1), o homem genuinamente brasileiro, fiel ao nosso espirito e sentimento tradicional, que não deturpou o caracter na confusão cosmopolita das grandes cidades, mostra, logo á primeira vista, no sorriso aberto e na palavra mansa e serena, onde a ociosidade a que foi habituado põe uns laivos de desanimo — a intelligencia viva e aguda, um raro senso da realidade, um engenho curioso e habil.

(1) A idéa vulgar de que o brasileiro é, de natureza, preguiçoso, pertence ao numero dos prejuizos que a observação superficial da nossa índole e dos nossos costumes inspirou ao nosso scepticismo de adopção. O brasileiro é trabalhador e activo como os mais operosos povos do mundo. O trabalho é, no Brasil, em todas as profissões, mais demorado e mais intenso do que na Europa. Quem observou a nossa vida domestica, no tempo em que os costumes nacionaes não tinham tomado a fórma cosmopolita de hoje, viu a existencia occupada, a labutação constante da nossa «dona de casa», de homens e mulheres, senhores e famulos, no meio familiar; quem assistiu ao labor assiduo e, por vezes, penoso, de fazendeiros feitores e aggregados nos tempos em que o nosso trabalho agricola tinha alguma organização, ainda que atrasada; quem conheceu e conhece a actividade dos nossos profissionaes das classes liberaes: medicos, advogados, magistrados, enge-

E é este o povo que ali vive, tranquillo, com a innocente tranquillidade dos seres que a luta pela vida não armou nem amedrontou, e que, quando, ao contacto da civilização, nas grandes cidades, veste as roupas que a moda lhe traz de Paris e recebe as idéas correntes nos jornaes, transforma o desanimo em descrença da raça e da patria, e adopta por credo de acção a fórmula negativa da virtude e do patriotismo que consiste em exagerar e proclamar os nossos defeitos, os nossos vícios, a nossa corrupção, a nossa ignorancia.

Nesta attitude intellectual, é elle echo inconsciente do modo de pensar dominante, até ha pouco tempo, nas letras dos povos de que somos reflexo. O cansaço dos esforços e das luctas da civilização mediterranea fermentou, no longo periodo de inercia que está terminando, no levedo do scepticismo. A actividade victoriosa das civilizações do norte da Europa deixou as sociedades, ainda irrequietas e desorde-

nheiros, funcionarios, supportando, com modestia e resignação, encargos e sacrificios extraordinarios, mesquinhamente remunerados quasi sempre; quem recordar os habitos e a disciplina do nosso antigo commercio — não pôde ter duvidas sobre a capacidade de trabalho e o amor ao trabalho do nosso homem.

O facto positivo, demonstrado pela observação do estado actual da nossa sociedade, não é o da propensão para a indolencia, mas o de um desequilibrio geral, na educação dos individuos, nas modalidades da sociedade e nas condições da adaptação: falta de preparo do homem, para o trabalho proprio e conveniente: instrucção exclusivamente especulativa e litteraria, com a feição superficial do exercicio dialectico, byzantina preocupação de regularidade grammatical e purismo classico; arrebitado atavio da forma: desorganização do trabalho, destruindo o regimen das grandes propriedades, ou mantendo-o, nas regiões mais prosperas, com o typo menos favoravel ao estímulo, sendo a «fazenda» uma «feitoria» do proprietario, frequentemente ausente, sem amor ao solo nem zelo por sua conservação; esquecimento, enfim, das regras e dos costumes empiricos que formavam o saber tecnico do lavrador europeu, abandonados uns por improprios ao meio, outros desprezados, por inefficazes, em face das alterações physicas da terra.

Dahi, o estado psychico que a observação ligeira attribue á indolencia; estado de incapacidade pratica e de torpor cerebral, que inhabilita os individuos para a percepção das cousas, dos factos e das idéas, deshabitua-os da observação, da experiencia e do raciocinio; estado moral, devido ao conflicto do explorador da terra com os mysterios e surpresas de uma natureza desconhecida e com os obstaculos de uma economia social, em parte anarchizada e, em grande parte, contraria aos interesses da producção. A ociosidade dos brasileiros resulta destas causas.

nadas, do meio-dia, sem objectivo; e os povos que não andam, ficam, como os individuos paralysados pela inercia de seu meio, sem sentimentos fortes, sem idéas positivas, sem energia.

Está, talvez, nesta posição do espirito, em face das interrogações praticas da vida, o criterio decisivo da sorte de individuos, nações e sociedades. Em cada periodo historico, dividem-se as gerações em grupos de homens que tendem a dizer: « sim » aos problemas da vida, e grupos que tendem a dizer: « não ». Os affirmativos contemplam o futuro com a confiança segura do amor á vida; arrastados pela onda dos factos, vão os outros seguindo o destino anonymo da renuncia, a sentença tacita do sacrificio.

Foi esta lição negativista, levada até um pessimismo absoluto, que nos foi ministrada pelas letras de que nos nutrimos. As gerações modernas dos povos chamados latinos beberam o alcool do romantismo e do realismo: fórmulas revolucionarias do pensamento dos povos nossos mestres, como revolucionaria tem sido a sua vida; e dessa evolução, através de um meio seculo de sonho e de outro de pintura viva das realidades baixas da existencia, resultaram a descrença no ideal e a duvida do progresso.

Enquanto isto, os povos do Norte iam edificando os bastiões da sua força intellectual, estendendo as linhas da sua conquista social e politica. Um dos traços mais interessantes e salientes, que o estudo permite destacar, na amalgama, em estado de balanço critico e de liquidação, do saber humano, é o da poderosa influencia dos phenomenos sociaes e economicos e do estado de espirito e dos interesses, resultantes desses phenomenos, sobre a marcha das idéas na sciencia, nas letras e na arte.

Já não é possivel, hoje, ao falar de qualquer das categorias do conhecimento humano, arriscar generalizações

definitivas. A sciencia vae diferenciando, dia a dia, os objectos dos seus estudos, ao ponto de se restringir, quasi, a um conjunto de methodos e dados de contra-prova: cada phenomeno é a operação de uma multidão de leis; cada facto, o effeito de uma infinidade de causas. Igualmente errados andam, assim, o materialismo historico, quando explica os estados da evolução mental, como puros reflexos dos antecedentes do meio que interessam á vida physica dos individuos, e o idealismo, que os filia a simples conceitos do espirito. Ha, contudo, um asserto que se póde affirmar, sem temor: ao lado dos descobrimentos realmente e totalmente scientificos, a historia das idéas encerra uma multidão de verdades e de meias verdades, — productos exclusivos da influencia social, ou onde a influencia social lançou uma dóse, mais ou menos forte, de suggestão, de interesse ou de auctoridade: cousas que se traduzem, todas, por perversões do criterio racional.

A evolução do pensar humano passou, no fim do seculo xviii, por um periodo caracteristicamente politico: as faculdades do homem, longamente reprimidas pelas velhas instituições despoticas, desabrocharam, numa primavera de idéas sympathicas, liberaes, humanitarias, que fundaram direito de cidade em muitos ramos da sciencia: a democracia, os direitos do homem, o individualismo, a egualdade, o livre cambio — todas as theses desse resurgimento da iniciativa, da vontade e da energia — refluíram sobre os estudos scientificos, inspirando hypotheses, alvitres e soluções.

A este periodo de sympathia e de liberalismo succedeu, como era de prevêr, a reacção dos interesses radicados nas velhas correntes historicas. Entre os traços expressivos deste refluxo nenhum se destaca com eloquencia mais vigorosa do que a lucta contra o principio, ou contra o ideal, da egualdade humana. Principio e ideal presuppunham a identidade

morphologica do organismo humano, em todas as secções da especie, um mesmo nivel de possibilidades progressivas, de poderes de aquisição.

Para legitimar a reacção dos impulsos da força, da auctoridade, das supremacias privilegiadas, impunha-se derroir o principio tutelar das aspirações contrarias; e, pois que a época era de renascimento scientifico, e o argumento scientifico trazia uma arma nova, de tremendos effeitos, a reacção vestiu roupagens scientificas, apoiando seus preceitos com todos os apparatus da observação e da experiencia. A feição nova da « *volonté de puissance* » tinha forjado o seu arsenal de combate.

Não se poderia achar prova mais clara da natureza politica deste movimento, do que a que mostram a semelhança e simultaneidade das diversas doutrinas aristocraticas, predominantes na sciencia social. Gobineau e Malthus, Vacher de Lapouge, certas filiações politicas e sociaes do darwinismo, Nietzsche, surgiram, de origens e de fontes diversas, quasi na mesma geração, chegando, por methodos todos scientificos, à mesma conclusão: a affirmação da superioridade morphologica, irreductivel, de certas raças e certos povos.

Este periodo é justamente aquelle em que a idéa da egualdade humana, já assentada no terreno politico, ia avançando, com a instrução dos trabalhadores e o augmento do proletariado urbano, para o terreno economico, exigindo a extincção dos monopolios e das vantagens sociaes das classes privilegiadas. *e em que a expansão colonizadora dos tempos modernos começava a operar o encontro das nações cultas com as raças menos adeantadas.* Chefes superiores e raças colonizadoras pediram titulos à sciencia, para os direitos da hierarchia e da subordinação.

Mas a curiosidade e o interesse da sciencia não se contentaram com a promulgação de taes decretos; sem contar

com os protestos de sabios de tendencias theologicas e metaphysicas, os novos horizontes, abertos ao estudo, lançaram sobre a historia das civilização uma luz, que remetteu para o segundo plano, na chronologia, a civilização das raças brancas e louras da Europa. Os trabalhos dos egyptologos já haviam desvendado uma civilização, anterior á hellenica, rica em descobrimentos e investigações, arrojada e perita nas construcções da arte monumental, relativamente apurada, no labor e no desenho das artes plasticas, de profunda e mystica imaginação religiosa e de nobre e delicada sensibilidade moral. Esta raça era uma raça trigueira, se não escura. As probabilidades de sua origem, asiatica ou africana, excluem qualquer filiação á estirpe dos homens do centro e do norte da Europa. Mas, quando os alviões dos operarios de Schliemann e de Evans exhumaram as ruinas de Mycenae e de Creta, pondo a descoberto os paços reaes das civilizações cegéa e minoana — idade muito anterior ás invasões do norte e obra evidente de povos das raças morenas do Mediterraneo — todo o edificio da superioridade aryanica, ou teutonica, ruuiu por terra, com a demonstração irrefragavel de que as fontes da nossa civilização brotaram de cerebros de homens do Mediterraneo, quasi, certamente, da margem sul do Mediterraneo.

Esta prova bastaria para aniquilar a pretensão de superioridade das raças louras, ou antes, da raça loura teutonica, pois que, dentre os proprios louros, alguns — a immensa massa dos brachycephalos do centro da Europa, por exemplo — são repellidos pelos grandes eleitores da sciencia seleccionista; mas a sciencia, proseguindo em suas indagações, chegou á conclusão de que, ao lado das diversidades physicas, verificadas na estrutura humana, nada, absolutamente nada, auctoriza a affirmação de uma desigualdade radical, na constituição cerebral, em seu

funcionamento, em seu poder de desenvolvimento. A relação entre os caracteres *physicos* e os caracteres *psychicos* jamais se conseguiu afirmar com dados definitivos e irrefutáveis. Recentes investigações, do mais illustre, talvez, dos *anthropologistas* americanos, o Sr. Boas, demonstraram que os caracteres *somaticos* de uma raça alteram-se, notavelmente, de uma geração para outra, com a simples mudança para um meio novo.

São caracteres que nas mensurações *anthropometricas* e comparações *anthropologicas* se tinha conseguido distinguir e classificar com rigor. Ficou demonstrado que, a respeito destes caracteres, ligados habitualmente á capacidade *psychica* do homem, o *typo* da raça não é um *typo* definitivamente fixado. A propria cor, quasi irreductivel entre os extremos, cede á acção do ambiente, mas a cor não foi jamais relacionada com os caracteres *psychicos*.

Antes já de Boas, Ratzel, uma das maiores auctoridades contemporaneas em assumptos de *ethnographia*, havia escripto esta sentença: « A raça, como tal, nada tem que ver com a civilização. Seria insensato negar que, em nosso tempo, a mais alta civilização tem estado nas mãos das raças brancas ou caucasicas; é facto, porém, igualmente importante, por outro lado, que, por milhares de annos, em todos os movimentos civilizadores, houve uma tendencia para levantar todas as raças á altura de seus encargos e deveres, realizando-se, por esta fôrma, a grande concepção da Humanidade, concepção proclamada como um attributo distinctivo da sociedade moderna, mas de cuja realização muitos duvidam ainda. Lancemos, porém, o nosso olhar para adiante do breve e estreito curso de acontecimentos a que chamamos arrogantemente *Historia da Terra*, e teremos de reconhecer que membros de todas as raças trouxeram contribuições á historia que se estende além deste limite: a

historia das éras primevas e prehistoricas ». A posição relativa, a hierarchia das raças, nas diversas épocas, é um simples phenomeno da evolução social; não é um facto anatomico, nem physiologico: eis a conclusão deste trecho.

Mas a sciencia reservava para a idéa da egualdade fundamental da especie humana victoria ainda mais completa.

A obra possante de Gobineau, o genial advogado das pretensões da sua nobre stirpe; dos Vacher de Lapouge e dos Ammon, figuras menos illustres do mesmo scientismo tendencioso, aristocrata bretão, aquelle, e procurador officioso do imperialismo germanico, este ultimo; as visões delirantes, sobre o passado hellenico, de Nietzsche, genio metaphysico desvairado pela grandeza theatral de uma edade-agitada e forte, que a poesia tornou heroica, contemplada, através da sua imaginação épica e com uma cultura toda philologica, sem nenhum senso da realidade historica, — eram muito para a dialectica e dispunham de immensa auctoridade, porém não davam á theoria a pedra fundamental de um monumento persistente.

Esta base foi achada por alguns dos discipulos de Darwin. Exaggerando o factor da luta pela vida na selecção-natural, o grande philosopho naturalista attenuara a effi ciencia deste factor, na selecção social, e, logico com a sua concepção do transformismo, admittira a transmissão hereditaria dos caracteres adquiridos pelo individuo: — caracteres que, formados em cada individuo, primeiro, pela luta pela vida e, depois, pelos factores accessorios da adaptação, da selecção sexual, etc., realizavam a sobrevivencia dos mais aptos, e, transmittidos por herança, iam fixando e aperfeiçoando a especie, até que a influencia de phenomenos differenciadores viesse operar a caracterização de especies novas.

A esta theoria adherem, francamente, seu émulo, o descobridor contemporaneo do transformismo e da selecção

natural, A. R. Wallace, — Bates, Bateson, todos os representantes inglezes da orthodoxia darwinista. A doutrina da variação das especies, por saltos ou mutações, de Hugo de Vries, não era contraria ás idéas fundamentaes da perfectibilidade dos caracteres das raças, transmittidos individualmente, assim como não o eram as theorias da variação e da herança, de Mendel.

Tal era o pensamento dominante na sciencia quando a historia das idéas começou a testemunhar este caso expressivo. O professor Augusto Weissmann, sabio allemão, medico de um archiduque austriaco até certa época da sua vida, cathedratico, depois, em Friburg, tendo feito, em começo da sua carreira, estudos de biologia e, mais especialmente, de zoologia, surgiu, em 1889, com a sua theoria do plasma germinal, que importando inteira separação e independencia, nos organismos, do plasma germinal e do plasma somatico, acarretava as conclusões da distincção irreductivel entre as raças e da intransmissibilidade dos caracteres individuaes.

Coincidindo com o apparecimento deste estudo, um outro sabio allemão, o anthropologista O. Ammon, publica, em 1890, o livro *Seleccões Sociaes*, vehemente apologia da superioridade da raça teutonica, onde se prégam, com honrosa e ingenua franqueza, os direitos de expansão e de dominação da raça teutonica, o imperialismo do novo povo eleito, fundado em sua definitiva e absoluta superioridade physica e mental. Alliando ao systema das suas conclusões anthropologicas a theoria de Weissmann, funda Ammon sobre esse accervo de idéas uma sciencia de conclusões sociaes praticas, em que se affirma e sustenta, além da superioridade das aristocracias hereditarias, a força e energia gemanicas, o seu direito de submeter as raças e nacionalidades inferiores, a necessidade de estender o

poder colonial da Allemanha, de augmentar a sua força naval, de ampliar o seu commercio e a sua colonização nos paizes novos, mantendo e desenvolvendo as relações commerciaes por intermedio dos allemães estabelecidos no estrangeiro, e a fidelidade destes á Patria, á lei, aos costumes nacionaes e ao « Kaiser ».

E — quereis ver como o movel da propaganda e da acção politica transparece numa clara confissão? — : o sabio professor, um espirito seguro e pratico, de raciocinio cauto e terra a terra, um desses discipulos extremados na fidelidade, que ousam apenas bordejar á margem das idéas dos mestres; um transformista, darwinista e materialista, que liga, irrevogavelmente, a natureza e a sorte, moral e intellectual, da especie humana á natureza do plasma germinal, abre um parenthesis, em certo ponto de seu livro, para salvar a Theologia da submersão em que arremessa todas as doutrinas espiritualistas, por amor ao direito divino dos monarchas.

Este esforço scientifico, que termina com a gestação de duas sciencias basicas do imperialismo, coincide com a terminação do governo de Bismarck; com o periodo da organização legislativa, financeira e social da Allemanha unida; com o auge das luctas do « Kulturkampf », por um lado, e da legislação anti-socialista, por outro; com o inicio dos choques e das oscillações do Imperio, em sua experiencia pratica — ponto de partida da expansão colonial e do poderio naval germanicos. Para apoiar a « politica pratica », defendida pela « mão de ferro », fundava-se a « sciencia pratica » — sacrario das idéas que deviam impellir a força e fundar a gloria da « Deutschland, über alles », por oceanos e continentes.

Pois bem, se o baião de ensaio de Ammon mallogrou, a theoria de Weissmann, depois de todos os elasterios e

hypotheses, que seu autor lhe foi concedendo, para refutar objecções, está terminantemente condemnada. Os modernos estudos scientificos fizeram a demonstração de que não ha distincção *essencial* entre o plasma germinal e o plasma somatico, e que não é possível explicar a evolução organica sem admittir a transmissibilidade dos caracteres adquiridos (1).

A doutrina da desigualdade das raças perdeu, assim, todos os pontos de apoio, em todas as regiões da sciencia. Cumpre, porém, não esquecer que, se esta doutrina não conta mais com a mesma auctoridade scientifica, nem, talvez, com igual força politica, mesmo na propria Allemanha, — ella inspira uma forte corrente de opinião e de interesses, nesse paiz, como em todos os que podem nutrir ambições imperialistas, allegando titulos de superioridade ethnica.

Ha, contudo, um paiz — e a minha penna propende aqui a empregar um estylo de conto de fadas — em que essa theoria teve toda a força e auctoridade do mundo intellectual, com o sello da Academia, a rubrica das congregações, a adhesão dos Governos, o assentimento do povo. Este paiz é o que possui a população mais mesclada do mundo; é um paiz onde, não só a mistura de typos de quasi todas as raças, como innumerous casos de miscegenação, cruzados entre varias estirpes, mostram todos os matizes da cor e todos os modelos do aspecto, da gamma ethnica; e a parte mais «nobre» do povo, afóra pequena parcella de sangue germanico, ainda não estudada, é formada por gente das raças tidas por inferiores e menos puras da Europa.

Tão singular abnegação seria uma interessante virtude, muito decorativa, para o nosso romantico desinteresse, se

(1) P. KROPOTKINE — *Inheritance of Acquired Characters*, Nineteenth Century and After.

não exprimisse curiosidade mais rara. «Somos o povo mais sensato e intelligente do mundo», é a primeira phrase deste estudo; mas este povo, intelligente e sensato, foi destinado, por uma serie de acasos da Historia, a ser orientado, sobre o oceano infinito das idéas, por uma das mais bizarras direcções de que ha exemplo.

Este paiz virgem, tão apto a inspirar impulsos de iniciativa, de coragem e de trabalho, colonizado por uma raça viril, auctora de uma grande obra propria, no conjuncto da civilização, apesar da estreiteza do seu territorio, da sua escassa população e do curto periodo em que os embates de forças mais poderosas lhe permittiram crescer e dilatar-se, de uma cultura original e alta quanto possivel para um pequeno povo oriundo de barbaros e de camadas baixas da civilização romana, este paiz novo teve por sorte realizar, por effeito do contraste entre a evolução do pensamento que lhe serviu de modelo e a da sua vida e de seus problemas, uma historia de conflictos entre as idéas decadentes que ia recebendo e os impulsos de uma terra e de uma gente que tendiam a crescer.

O influxo que animou a vida mental do Brasil nasceu da calmaria das instituições, das leis e dos costumes de Portugal em declínio, com intermittencias de rajadas revolucionarias, de aragens romanticas e de bafejos scepticos, do espirito francez, até á terceira Republica; nosso genio podia produzir, e de facto produziu, exemplares superiores de capacidade e de illustração, typos notavelmente dotados; nunca, porém, espiritos dirigidos para os trabalhos pacientes da observação, caracteres intellectuaes animados desse ardor de descobrimento e de applicação, que assignala as almas confiantes e optimistas, e as intelligencias adestradas no exercicio do pensamento sobre os factos da experiencia.

Ao convite de trabalho que a natureza nos dirigia e ao brado de animação e de coragem, que ella clamava, nós respondemos, installando, no grandioso e no interminado da nossa superficie, a civilização em miniatura das instituições portuguezas e a voluptuosidade preguiçosa, ou a rebeldia exaltada, das letras francezas, em estado de ebulição, de reforma e de duvida.

Comprehende-se, assim, que Nietzsche, os Vacher de Lapouge e os Gobineau fossem pontífices entre nós. Porque esses idolatras do hellenismo e bardos posthumos do feudalismo proferiram a condemnação de toda a gente que não traz madeixas louras nas cabeças e não teve avós communhando nas aras de Thor ou de Lorki, os apóstolos da nossa fê nacional, mestres de patriotismo de nossos filhos, conselheiros do nosso povo — tão forte, apesar da incuria da sua hygiene, da sua pessima alimentação e do envenenamento alcoolico, a que o deixam entregar-se; de rara media de sanidade mental; onde houve e ha valores e primores de capacidade, de genio artistico e de energia — apregoam, todos os dias, nos jornaes, em manifestos, nos livros philosophicos, nos discursos academicos, a degenerescencia, o aniquilamento, a corrupção insanavel do nosso sangue e do nosso espirito!

Todas as blandicias e todos os hymnos são reservados para o culto mythico de uma Patria abstracta, que não é a do povo e do territorio.

A fidelidade ao sangue, ao laço tribal, o zelo pelo *totem* gentilico, precede a todos os outros sentimentos sociaes do homem. Tão intima, tão profunda, tão organica é a sua força — que se não tem a virtualidade dramatica da *voz do sangue*, possuiu sempre o poder de reunir as primeiras hordas, ignorantes ainda do mysterio physiologico da reproducção, em torno do instincto filial materno — que elle se

firma, através de todas as vicissitudes e peripecias da Historia, como a força permanente, o impulso vivaz das energias e dos sentimentos collectivos.

Esta bella noção affectiva da Patria, que mostra, nas migrações de selvagens e de barbaros, como um astro orientador, a terra ignorada e formosa, onde se occulta a promessa do reino de Javeh para o goso e alegria da mulher e dos filhos arrastados pelos areaes dos desertos, e que marca, para os povos sedentarios, na curva azul do céu mystico que illuminou os sonhos dos antepassados e que fulge aos olhos ardentes da prole, o ideal de um futuro de benções; essa noção da patria viva, da patria do irmão, da patria do sangue, da patria dos paes, da patria dos filhos, não é o symbolo do patriotismo brasileiro, a imagem do nosso zelo pela comunidade nacional. Nós não exprimimos o interesse pela conservação nacional, senão com a forma dramatica do culto da bandeira e do ardor militar.

E é este desprendimento da communhão physica do sangue, de zelo pelos thesouros accumulados, na herança moral, durante seculos de luctas e décadas de trabalho em commum, por affectos, sympathias e reflexos de amor e de apoio, que inspira o aberrante symbolo de Chanaan (1), para imagem do nosso ideal patriotico, como se essa imagem não envolvesse, para a nossa dignidade e para os nossos interesses, o sarcasmo de que seremos os chanaanitas da tragedia gravada nesse symbolo, — o povo condemnado ao exilio, nos areaes do deserto, ou á submissão perpetua sob o jugo do conquistador favorecido pelo poder mysterioso de qualquer das providencias positivas da nossa era.

(1) Quando publicadno *Jornal do Commercio* esta parte deste estudo, trazia por titulo o nome tradicional da Terra da Promissão.

Não foi a lembrança do titulo do admiravel romance de Graça Aranha, nem uma interpretação do seu pensamento em sentido desfavoravel ao valor das nossas raças, que suggeriu o titulo do artigo.

Não é, não pôde ser este o symbolo ideal da nossa nacionalidade. Este symbolo deve ser mais humano e mais nobre: não pôde conter um voto de renuncia, a acceitação do sacrificio. O symbolo de nosso ideal deve traduzir o parallelismo entre a vastidão do nosso territorio e a vastidão da nossa hospitalidade, entre a ambição que temos, como homens, e a ambição que respeitamos, nos outros homens; a consciencia dos direitos dos nossos semelhantes, como medida dos nossos reitos; a aspiração de receber, em troco do asylo que amos, e do coração que abrimos, a todos os forasteiros, mão estendida para as permutas leaes, sentindo a pulsação o mesmo sentimento que mostramos nas linhas dos nossos sorrisos e em nossos gestos.

Não é isto que se está fazendo no Brasil. O povo brasileiro precisa, como os estrangeiros que aqui aportam, antes mesmo destes, ser «immigrado» á posse da sua terra e do gozo de seus bens.

Em discurso que pronunciei em Petropolis, como paralympo de normalistas que recebiam o grau, usei de uma imagem, para definir a natureza da civilização que deve florescer em nossa terra, em que a figurava como a inversão do mytho de Babel: o regresso de povos, dispersos pela terra, ao solo de uma patria, formada sobre a base generosa e pratica do amor ao homem e do amor á vida. Esta imagem, verifiquei-o depois, havia sido antecipada por um dos grandes apóstolos da Igreja Catholica. Pouco importa, ella tem o cunho de uma grande aspiração, traz o indice de nossos destinos: é um emblema que pôde servir aos nossos poetas como aos nossos estadistas.

Para estes, a grande obra a realizar é a organização nacional; e para esta obra, uma das nossas melhores razões de confiança está nas proprias forças das nossas raças.

O objecto da luta de hoje é inconfundivelmente claro; resume os dous problemas capitaes dos nossos dias: o direito dos *fortes* de fazer a policia do mundo, para garantir a civilização; o da egualdade moral e intellectual das raças.

Os fortes são as potencias militares; a raça superior é, no entender dos imperialistas, uma só: a dos brancos puros do Norte da Europa, os dolicocephalos louros de olhos azues e grande estatura, descendentes legitimos e impollutos do nobre povo indo-europeu, da casta semi-divina dos Aryas...

Não é uma metaphora: é a simples posição do problema, como o collocam os imperialistas; e não ha illusão possivel sobre a verdade apparente e manifesta da doutrina. Quaes são as nações cultas, os fôcos da civilização, em todas as suas faces, senão os proprios paizes que representam a força militar? São elles os portadores das luzes da nossa éra, foram delles as civilizações de Roma e da Grecia. Depositarios do espolio da cultura humana, herdeiros do melhor de seu sangue, fortes — pela disciplina, pelas instituições e pelo poder militar, — quem com elles competirá na direcção do mundo, na superintendencia do progresso?

Não é, comtudo, felizmente, esta a opinião de todos os homens privilegiados com a herança do « aristoi » aryo-iraniano. Ha, por essas regiões temperadas e frias da Europa e nas terras colonizadas pelos seus, outro modo de comprehender as vantagens relativas de uma raça que representa a florescencia de um longo periodo da Historia. Estes sabem attingir, no vasto e complexo phenomeno da selecção, toda a extensão dos factos da adaptação e da luta; vêem que, ao lado dos documentos anthropologicos, das mensurações e dos confrontos craneometricos, uma im-

mensa collecção de caracteres sociaes e psychicos demonstra á evidencia que o dolicocephalo louro não é nem o typo superior, nem o typo mais forte da especie, mas, unicamente, o typo victorioso nas regiões do norte da Europa e nos climas eguaes, porque é o herdeiro do homem primitivo dessas zonas.

Mas essa raça tende a perder a vantagem da sua antiga posição, e os seleccionistas de logica metrica consignam e lamentam, aliás erroneamente, o triste phenomeno. Por que essa tendencia? Porque as selecções da nossa era não se fazem mais sob a pressão rigorosa dos climas e das forças physicas da natureza, de costumes toscos e de luctas violentas: operam-se através de gerações que de ha muito caminham, submittendo os meios physicos ás modificações da vontade, da sciencia, da arte — suavizando os processos da acção social. O typo physico, que já não encontra as mesmas condições materiaes em que se elaborou, degenera, ao calor das habitações, nos habitos de conforto, entre a multidão de cuidados com que a sociedade e a civilização vão protegendo a sua nova creatura: o animal desembrutecido, a figura apurada, de homem moderno.

Por isso, os homens das outras raças, como os das regiões mediterraneas, de que somos, em grande parte, herdeiros, mais affeitos ao calor, mais ageis, mais nervosos, entram para a concorrência, com a vivacidade, a ductilidade, a imaginação, a rapida percepção e a decisão prompta, mais proprios para as lutas intensas, os esforços, rapidos e fulgurantes, da intelligencia e do character, em nossa era.

A adaptação physica e a social são o modelador ethnico do homem. É preciso haver, de todo, extraviado o espirito no labyrintho dos pormenores morphologicos, das confrontações dos esqueletos do homem moderno com os dos primaveos, para não perceber a evidencia que resulta do simples

e elementar confronto do homem primitivo com o selvagem de hoje e com o arya, do arya com o negro ou com o indio civilizado, do negro ou o indio civilizado com o branco civilizado, de uma uniforme aptidão para receber costumes, sentimentos e idéas: para não ver que, por toda a parte, o individuo civilizado é o mesmo, no moral e na intelligencia; que o homem primitivo, tendo evoluído em diversas direcções, a civilização o conduz para o mesmo nivel de aperfeiçoamento.

Nascida às margens do Mediterraneo, a civilização teve inicio, como vimos, com uma raça que ninguém confundiu ainda com o heroico privilegiado do Norte: os egypcios; passou por povos, inteiramente eliminados do seio dos filhos dos deuses: os semitas; floresceu e floresce em regiões jamais perlustradas pelo pé dos aryas: as dos povos, de origens mongolicas e polynesicas, da China e do Japão. Só com argumentos um tanto hyperbolicos se poderia sustentar que as raizes aryas do grego e das linguas latinas correspondem com exactidão aos globulos de sangue da maioria de quantos povos inundaram as duas peninsulas das civilizações classicas; só olhos realmente prevenidos podem recusar, na Europa, a finlandezes, magyares e outros descendentes de invasores amarelllos — aptidão para a civilização e para a cultura.

Em nossa população mixta o grupo de origem allemã representa parcella reduzida; o sangue hollandez do norte diluiu-se nos cruzamentos; á maioria latino-celtibera, ligeiramente tinta de germanico e um pouco mais de mouro, juntam-se uma boa fracção africana, outra indigena, e muitos cruzamentos.

É esta a patria pela qual temos de lutar. É a patria de nossos paes, a patria de nossos filhos. Se fossemos fieis de algum mytho cosmico, poderíamos prender nossos affectos e

esperanças ao esqueleto territorial da Patria e . . . «laisser faire, laisser aller, laisser passer», certos de que a *Providencia*, ou a *Evolução*, viria trazer-nos, mais cedo ou mais tarde, para vestir os ossos nus da terra natal, a carne pura e o sangue rico do arya. Se nos deixassemos dirigir por qualquer adoração mystica, confiariamos á fê symbolica, ou magica, na bandeira, ou no hymno nacional, a missão de prescrever nossos destinos e dispôr de nosso futuro. Mas nós somos um povo intelligente e sensato como poucos; podemos confiar ás qualidades que honraram os proceres da nossa Historia e distinguem a nossa geração a missão de defender, preservar e melhorar um trecho da Terra e uma sociedade, que representam, justamente pelos caracteres de sua formação, o typo mais approximado da sociedade ideal no futuro de civilização e de cultura humana, que iniciamos.

Para tanto é mister que, ao lado da confiança em nossas forças e da fê em nosso futuro, tenhamos a consciencia precisa das difficuldades que vamos enfrentar, a coragem de affirmar o nosso character, de proclamar, com honra, a nossa origem e a nossa indole; que não pactuemos com os nossos émulos e com os nossos perigos, illudindo-nos, suppondo illudir os outros. A illusão, neste caso, seria um triplo erro: não enganaria a ninguem, de fôra; enganar-nos-ia, creando uma esperança vã e desnecessaria; impedir-nos-ia de seguir, na organização da nossa vida e na politica internacional, a direcção que os factos nos impõem.

O problema das raças, como problema de selecção social, é materia julgada pela nossa experiencia e pela experiencia de outros. Nós sabemos, porque o temos verificado em cinco seculos de vida, que as diversas variedades humanas, habitantes de nosso solo, são capazes de attingir o mais alto grau de aperfeiçoamento moral e intellectual

alcansado por qualquer outra raça. Sabemos que a sua adaptação ao meio produz uma vitalidade e uma média de longevidade e de fecundidade, melhores que as de raças tidas por superiores. Podemos afirmar que o negro puro e o indio puro são susceptíveis de se elevarem à mais alta cultura. Sem recorrer a estatísticas, lembrando apenas nomes próprios, veríamos facilmente que, para o numero de brasileiros negros e indios, que têm conseguido vencer as dificuldades sociaes e economicas da educação, os homens de valor representam uma boa proporção. Quanto ao mulato, o mesmo processo nos levará a conclusão ainda mais segura: os typos de mestiços de alta intelligencia e elevado character moral são communs no Brasil.

Ha aqui, como em toda parte, um preconceito contra o mulato do povo; mas este preconceito resulta, antes, do facto que eu chamarei de « mestiçagem social », do que da » mestiçagem ethnica ». O mulato occupa um lugar intermedio entre duas camadas da sociedade; elevado acima do meio dos pretos, não encontra apoio para se incorporar aos brancos; e fica, assim, desclassificado entre nobres e « parias », desprezado por uns e invejado pelos outros. Do facto social resulta a disposição psychica que caracteriza o typo ambiguo e instavel do mulato das ruas. A cordura da alma brasileira vae destruindo estas distincções.

Do colono allemão nada é preciso dizer. Elle se recomenda pelos proprios e merecidos titulos que, exagerados e indevidamente applicados, dão argumento á critica superficial contra as nossas outras raças. Mas o caso do allemão brasileiro é mais uma prova da fallencia da doutrina da superioridade das raças. A colonização allemã, no territorio fluminense, deu os mais expressivos resultados. Mal escolhidas as regiões colonizadas, que, pela altitude e suavidade do clima, se afiguravam mais convenientes

à adaptação, os allemães installados em Friburgo e Petropolis prosperaram, como prosperaram portuguezes, explorando industrias e profissões urbanas, proprias das cidades de villegiatura; os que se deixaram ficar no campo mantiveram-se estacionarios ou decahiram, na penuria da lucta contra uma terra ingrata, quasi inapta para as pequenas culturas, subsidiarias da vida local; os que, descendo as encostas das serras, vieram para as regiões cafeeiras, prosperaram, tal como os portuguezes vizinhos e seus descendentes. Mas como os descendentes de portuguezes, os filhos e netos de allemães seguem o mesmo destino de afastamento do campo e do trabalho, esterilizam-se nas cidades, arruinam-se, perdem estimulos e energias; e os que permanecem na lavoura soffrem a mesma influencia da detecoriação da terra e das difficuldades sociaes e economicas da cultura.

Da mesma fôrma, nas colonias allemães do sul, a prosperidade da primeira geração estabelecida, e, em parte, a dos primeiros descendentes, é fructo de uma especie de cultura artificial: a colonia official é uma estufa de cultura humana, onde a natureza da terra, melhor escolhida, e a conservação de costumes, tradições e, até, da lingua de origem, favorecem a resistencia dos centros coloniaes. Já as gerações seguintes, perdendo o typo patriarchal da localidade, confundindo-se na vida e no espirito ambiente, esquecem os habitos sedentarios, o amor ao tranquillo bem-estar da pequena industria ou das lavouras, lançam as vistas para as ambições, mais faceis e mais promettedoras, do commercio, da especulação, da politica. A terceira geração de colonos allemães é, pode-se assim dizer, conquistada pela seducção de fortunas promptas, de carreiras faceis e de vida ociosa, que caracteriza os povos novos sem regimen economico organizado e sem educação social.

Mais do que o allemão, porque não se estabeleceu em colonias, o italiano, o portuguez e o hespanhol, de recente immigração, tendem para as cidades, para o commercio, para as vendas, espalhadas nas encruzilhadas das estradas e nas povoações, para as especulações, para a conquista da fortuna, a todo o custo e por todos os meios. Dos que trabalham nas fazendas de café, alguns alimentam o fluxo e refluxo, de migração periodica, entre a metropole e o nosso paiz, entre o Brasil e a Republica Argentina, onde preferem fixar-se. Dos que ficam na lavoura, como meeiros, ou como proprietarios de pequenos sitios, os filhos são, apenas, mais assíduos ao trabalho do que os filhos dos negros e dos antigos aggregados das fazendas; nada mais ficam sabendo, comtudo, de agricultura, do que as noções rudimentares, adquiridas por habito de plantação, limpa e colheita nos cafesaes, de cultura extensiva do milho e do feijão, do tratamento, aos azares do tempo e á sorte dos climas e das molestias, do cavallo de sella — o grande luxo de todo roceiro que se preza —, do porco, da gallinha e do burro de carga. Tudo isso feito, aliás, sem a mais vaga noticia da utilidade do amanho da terra ou da necessidade da irrigação, por exemplo.

Quanto ao portuguez, que a nossa ironia nos habituou a ver como um typo bisonho, — figura de facto extravagante e bizarra, por força do contraste que resulta do singular estabelecimento do homem do campo europeu, analphabeto e rude, no commercio e nas industrias urbanas — nenhuma raça deu jamais melhores provas de energia, de intelligencia e de coragem nos mais arrojados empreendimentos; poucas se lhe avantajaram na cultura e na producção litteraria, e muito raras possuem, ainda hoje, povo mais sobrio, mais trabalhador, mais honesto, de mais candida alma e sensibilidade moral mais delicada. A ascendencia portugueza é uma honra

para o Brasil; e se aquelle nobre povo, apertado em sua estreita faixa de terra, que as portas abertas para o oceano punham ao alcance de todas as cobiças e de todas as oppressões e que émulos e vizinhos do continente ameaçavam constantemente, e submettido a governos acabrunhados pelos cuidados da conservação da independencia e da liberdade material, estacionou, num typo relativamente inculto, não se poderia encontrar melhor prova do vigor e da intelligencia pratica de uma raça, do que o exito no Brasil desses mesmos rudes colonos, transformados, sob a excitação da ambição e graças aos mais largos horizontes da sua nova sociedade, de humildes e avaros camponios, em chefes e directores de grandes casas de commercio, de bancos e de fabricas. Analphabetos, quasi, estes homens mostram, entretanto, excepcional capacidade organizadora e administrativa.

Não temos senão motivos, assim, para confiar na energia e na capacidade das nossas raças.

Ao factor moral da confiança cumpre juntar, contudo, outros, mais importantes, que devem visar a solução dos nossos mais serios problemas: a consolidação do character do povo, pela educação: a defesa da sua economia physica, pela alimentação e pela hygiene pessoal, domestica e publica; a defesa da sua economia social, pela politica economica. A causa principal do exito de quasi todo immigrante nos paizes novos é o estímulo da esperança de fortuna sobre terras ricas, promettedoras e férteis: é um phenomeno, verificado, de psychologia social, na historia das migrações. É preciso que a nossa sociedade mantenha, nos herdeiros, e estimule, nos indigenas e nos descendentes desses colonos forçados que foram os escravos, a mesma ambição laboriosa.

Acceitando e reconhecendo, franca e corajosamente, a nossa posição no quadro ethnographico do globo, nada

teremos a perder: ficaremos em plano intermedio, na escala convencional das raças, — acima de metade, talvez, do genero humano: teremos tudo a ganhar com a consciencia e com o estudo do nossa real problema ethnico.

O homem, no dizer de todas as doutrinas monogenistas, religiosas ou scientificas, nasceu entre os tropicos; o clima de seu berço é, necessariamente, o melhor dos climas; as nossas terras offerecem regiões de adaptação para todas as raças: numa concurrencia pacifica, os representantes das raças adeantadas contam com as vantagens da educação, do preparo pratico; os filhos dos brancos acclimados, dos pretos e dos indios, com a de uma adaptação mais antiga; supprindo a aptidão dos ultimos, mantendo com firmeza os meios de desenvolvimento, mental e physico, de todos, deixemos que a selecção faça a sua obra, dando a cada um seu lugar proprio na trama complexa da actividade social.

No estado actual dos povos, não vejo motivo para que nos inquietemos com o problema das raças, tanto que o não perturbe uma proposital ou irreflectida agitação politica. Salvo raras populações do extremo norte da Europa, que conservam pura uma das variedades da raça branca, todas incorrem na condemnação dos seleccionistas intransigentes: são raças mestiças; e a nossa não deve estar abaixo da média dos povos do sul da Europa. Descontando os exa-geros desta doutrina, e apoiando-nos sobre a nossa propria experiencia e observação, teremos, então, de resolver o problema, no ponto de vista da difficuldade que elle apresenta, em face da sciencia, para os effeitos do aperfeiçoamento futuro.

A these mais delicada é a dos cruzamentos. Debate dos mais renhidos na Heredologia apresenta duas questões interessantes para a formação ethnica dos paizes novos: a da

fecundidade das uniões de individuos de raças distinctas, e dos productos destas uniões, uns com os outros, ou com individuos das raças mães ; e a da harmonia e equilibrio dos caracteres dos paes, nos descendentes hybridos e mestiços.

O conhecimento do assumpto é ainda incompleto. As theorias, divergentes, oppõem-se radicalmente ; e os trabalhos mais recentes de Anthropologia e de Ethnologia consignam a falta, que eu havia de ha muito sentido, de estatisticas e observações, scientificamente baseadas para auctorizar conclusões sérias.

A nossa pobre especie, conduzida, pela imaginação de seus apostolos, de seus philosophos, de seus creadores de systemas sociaes, politicos e moraes, nas mais extravagantes aventuras, ás luctas que a vieram arrastando, aos saltos, entre o reino da phantasia e as realidades da vida, não conhece ainda as leis que regulam a saúde e o equilibrio de seu sangue, nas uniões de individuos das suas diferentes variedades. . .

Em longo debate, em que os estudos de Darwin, de Wallace, de Weissmann, de Mendell e de Hugo De Vries conduzem, ora a conclusões favoraveis, ora a conclusões contrarias, à fecundidade e à vitalidade, à normalidade e à sanidade, dos mestiços ; onde o velho litigio sobre os caracteres do genero e da especie intervem como elemento perturbador ; a sciencia tende a excluir as questões de systema e a concentrar o exame na verificação das hypotheses baseadas em dados positivos.

É conhecido o velho criterio de distincção, nas classificações zoologicas e na humana, entre a especie e a variedade. « As verdadeiras especies distinguem-se das variedades, segundo os naturalistas, em que dão hybridos estereis quando se cruzam, ao passo que as variedades da mesma

especie têm descendencia e fertilidade, nos bastardos e mestiços (1). »

Mas esta distincção, peccando por dar para criterio de um facto a caracterizar os proprios elementos desse facto, não tem assento na observação e na experiencia. Em verdade, entre os hybridos (productos de cruzamento entre individuos de especies diferentes) encontram-se exemplos de todos os graus de fertilidade e exemplos de esterilidade. Ha casos de fecundidade, em uniões de individuos de especies profundamente diferentes, e de esterilidade, em uniões de especies affins.

A natureza não conhece quadros de classificação. A classificação não é mais que uma convenção, não scientifica, mas technica, destinada a facilitar os processos logicos da analyse, da inducção e da deducção. Quando se fala, assim, em generos, especies, raças e variedades, a proposito de grupos de individuos, cumpre ter sempre em vista que aes grupos não se scindem, não se incluem, nem se excluem com fronteiras rigorosamente traçadas. Quando, assim, Naudin, citado por Sergi, define a especie: « um grupo de individuos semelhantes, que contrastam de qualquer modo com outros grupos, conservando, na successão das gerações, a physionomia e a organização communs a todos os individuos », o sabio naturalista dá uma definição da especie, que poderia servir, egualmente, ao genero, á raça e á variedade. Desta definição excluem-se, apenas, de facto, as variações individuaes, não transmissiveis por herança. É a justa critica que, com mais desenvolvimento, faz Kermer de Mari-laun, tambem citado pelo ethnologo italiano.

Se é certo, assim, que a tendencia para a differenciação, que os phenomenos mesologicos e os sociaes, a lucta pela

(1) G. Sergi — *L'Uomo*, Milano, 1911.

vida, a selecção sexual, o auxilio mutuo, vão accentuando, separa e distingue, em grupos gradualmente menores, as variações naturaes, mais ou menos caracterizadas, — ou por effeito de transformações bruscas (os saltos ou mutações, de Hugo de Vries) ou por effeito da extincção dos individuos intermedios (explicação de Darwin, hypothese mais provavel ou, pelo menos, mais commum), não ha nenhum elemento de austero rigor scientifico que determine fronteiras precisas, e que distinga, menos ainda, o typo do hybridos do typo do mestiço, e os casos de fecundidade e de esterilidade entre hybridos e mestiços. Naturalistas e ethnologos convergem, por ultimo, com maior ou menor acquiescencia, em chamar hybridos os descendentes de uniões de especies, e mestiços os descendentes de uniões de raças. Quando se dá, porém, a esterilidade e a fecundidade?

As experiencias respondem, destruindo o valor pratico da distincção, com exemplos de fecundidade e de esterilidade, em casos, perfeitamente caracterizados, tanto de hybridismo como de mestiçagem. Abbado cita, mesmo, alguns casos de fecundidade, produzindo hybridos (não diz Sergi, se fecundos) em cruzamentos vegetaes de especies pertencentes a generos differentes.

Da somma das observações feitas ácerca dos factos de cruzamento, no reino vegetal, como no animal, a generalização menos imperfeita é a de Hugo de Vries: « a affinidade sexual, e, portanto, a probabilidade de reproduzir, caminha parallelamente com a affinidade systematica, isto é, com o grau, mais ou menos proximo, de semelhança entre individuos e grupos »; mas este parallelismo soffre tantos desvios e encontra tantas excepções, que não é possivel adopta-lo por criterio de julgamento. A fecundidade e esterilidade das especies precisam ser observadas em cada caso particular; eis o conselho da prudencia.

No homem, as observações mais regulares tendem a demonstrar o facto da esterilidade, nas uniões de híbridos de certas raças, ao passo que, nas de outras, a affinidade sexual parece perfeita. Entre o branco e o negro as observações dos anthropologistas mais fidedignos condizem com a observação vulgar, conhecida no Brasil, de esterilidade das uniões entre mulatos. Não ha dados estatísticos exactos nem estudos scientificos regulares, de onde se possam tirar illações definitivas, mas a probabilidade da regra assenta sobre bases sufficientes para que a hypothese da esterilidade seja preferida, como base de uma politica eugenica.

A diminuição da fecundidade e a esterilidade, resultando da ausencia de affinidade sexual, demonstram uma debilitação genetica, ou uma inaptidão de progenie, na união.

Ora, se se considerar que a diminuição da fecundidade ou a esterilidade póde não ser o unico resultado mau do cruzamento, e que as theorias biologicas mais auctorizadas, favoraveis, umas, á doutrina da superioridade de certas raças, e outras contrarias, tendendo, todas, ou a affirmar a degeneração humana, nos casos de cruzamento, ou a declarar indifferentes os effeitos do cruzamento, — ás observações anthropologicas juntam-se razões biologicas bastantes para que se evitem, quanto possivel, os cruzamentos.

O problema é extremamente difficil e depende da verificação de não pequeno numero de conceitos scientificos ainda pouco assentados. Entre estes occupa lugar saliente o dos caracteres, morphologicos ou psychicos, das raças e das variedades. Que são taes caracteres e que valor têm, como elementos de distincção *qualitativa*, entre typos humanos? Ha differença de natureza entre os elementos que distinguem as varias raças, ou simples differença de fórma, de quanti-

dade, ou de grau de desenvolvimento? Se ha distincção qualitativa, qual o alcance desta distincção?

Preestabelecido, como está, pela observação, que a natureza humana alcança um mesmo nivel, relativamente fixo, de capacidade; que entre os typos de todas as raças encontram-se exemplos de individuos escalados por todos os graus de aperfeiçoamento e de cultura; que a especie humana mostra, de ha muito, sobre todos os animaes, a peculiaridade da vida social, formando assim centros de selecção e de variação, onde actuam, mais poderosamente, factores originaes e, até certo ponto, voluntarios; que a lei de Pallas (1) é, por consequente, applicavel a grande numero de casos de reproducção entre as raças humanas, a questão das aptidões destas apresenta-se, principalmente, sob o aspecto da maior ou menor adaptação aos meios, e da apuração das qualidades congenitas de cada uma das raças. Neste ultimo ponto, particularmente, parece conveniente firmar uma prudente e zelosa politica ethnologica.

As conclusões scientificas até hoje firmadas são desfavoráveis á opinião corrente baseada em falsas observações zootechnicas sobre o cruzamento. Os casos de aperfeiçoamento de raças pela hybridação são mero producto de esforço industrial. Não ha posição mais arriscada do que esta, na questão dos cruzamentos.

E cumpre accentuar ainda aqui um outro grave equivoco, em que caem frequentemente os que se referem, entre nós, a este assumpto. É preciso não confundir o *cruzamento ethnico* com as *uniões entre individuo da mesma raça* a titulo de aperfeiçoar a descendencia com a compensação de elementos hereditarios que favoreçam disposições

(1) Lei pela qual os hybridos tornam-se fecundos por effeito da domesticação.

progressivas e neutralizem ou combatam tendencias retrogressivas ou de degeneração.

Os factos biologicos são distinctos, no caso de hereditariedade ethnica e no da simples hereditariedade physiologica. Aconselhar o cruzamento de individuos *de raças differentes*, para corrigir, ou para evitar, diversas tendencias ou disposições pathologicas ou degenerativas, importa confundir problemas distinctos: a hereditariedade ethnica tem condições e obedece a processos peculiares; se a união de individuos normaes com individuos predispostos á molestia ou á decadencia organica é um dos meios de regeneração physiologica da estirpe, não é possivel dar por assentada a idéa de que estas uniões devem, ou podem, consistir em cruzamentos entre individuos de raças differentes, — e isto porque se o individuo de uma das raças fôr physiologicamente mais são, a vantagem do cruzamento pôde ser anulada pelo desequilibrio organico resultante da fusão de raças caracterizadas por qualidades profundamente incutidas durante muitos seculos de differenciação.

É preciso ter em vista, neste ponto, alguns dados, de assignalado valor com relação a todos os problemas da hereditariedade. Cumpre attender, em primeiro lugar, a que não se trata, no exame destas questões, de firmar, como suppõem os que as estudam pela rama, sentenças de superioridade ou de inferioridade absoluta, de pureza ou de impureza, de sanidade ou de incapacidade, de raças e de povos, sob qualquer estalão ou unidade de perfeição ou de bondade, que não existe; senão, unicamente, de consignar conclusões sobre a capacidade vital, a aptidão adaptativa, de grupos e de individuos.

Quando se affirma, assim, a these — que parece apoiada por grande numero de casos observados em nosso paiz, comquanto contestada pelas melhores auctoridades e não

confirmada pela observação, em outras espécies, e, dentro de uma mesma espécie, em outras regiões — da esterilidade das uniões entre mulatos, isto é, entre *hybridos* perfeitos de pretos e brancos, não se profere nenhuma sentença sobre o valor do mulato, como individuo, a qualquer titulo. O facto da esterilidade da progeie é um facto de hereditariedade, alliado, naturalmente, a outras condições e outros caracteres, mas que não importa em si nenhuma depreciação do valor individual.

Semelhante affirmação tambem não pôde ser feita, por outro lado, senão sob reserva de innumeradas condições de tempo, de localidade, de meio physico ou social, de alimentação. A lei de Pallas, já citada, attesta a transformação, por effeito da domesticação, de *hybridos* estereis para *hybridos* férteis, na vida natural.

Tendo em attenção estas observações, que juizo se deve formar do cruzamento, como factor *ethnic*o?

Duas idéas capitaes devem dominar o espirito na solução deste problema : a de que não ha raças superiores, em absoluto, e a de que a raça, ou represente um ramo originario da especie humana, como pretendem os *polygenistas*, ou represente uma variante, produzida, na evolução da especie, em periodo remoto, só se pôde explicar como effeito de factores mesologicos e, accentuadamente, do clima. Isto posto, a affirmação mais segura que é licito fazer, com relação ás raças actuaes do Brasil, é que a raça collocada em posição mais vantajosa em relação ás condições da adaptação, e, por conseguinte, a mais apta, é a dos *autochtones*, vindo em segundo lugar a dos negros, originarios de um clima evidentemente mais semelhante, e em terceiro, a dos europeus de origem mediterranea ou iberica, productos, em geral, de uma longinqua fusão eurafricana ou eurasiatica e nascidos em regiões de climas mais approximados aos nossos.

Estes troncos — particularizando, entre os ultimos, os que já fizeram um longo estadio de acclimação — representam, na mais rigorosa exactidão scientifica, elementos privilegiadamente dotados, para a resistencia e para a prosperidade, em nosso meio. Desta simples conclusão resulta immediatamente esta primeira consequencia, quasi intuitiva: uma politica eugénica bem inspirada, sincera e conscientemente preocupada de facilitar e favorecer o desenvolvimento espontaneo do homem brasileiro, nas melhores condições de adaptação e de progressividade, emancipada dos levianos prejuizos de amor proprio e de *snobbismo* circulantes, deve procurar, esforçadamente, manter puros os *typos ethnics* acclimados, para que estes, evoluindo naturalmente, manifestem e desenvolvam os caracteres proprios.

O cruzamento entre individuos de raças accentuadamente distinctas, já o vimos, tem contra si uma primeira presumpção desfavoravel, na esterilidade dos *hybrids*. Os seleccionistas partidarios da desigualdade natural das raças, affirmando a superioridade da raça caucasica e, em particular, da nordica teutonica, repellem, vehementemente, o cruzamento, pelos dous seguintes motivos: a geração de um *typo* intermedio, quando o esforço da raça superior deve consistir em manter illesa a pureza do seu sangue nobre; e a desarmonia e desequilibrio organicos, consequentes do conflicto, no individuo, de sangue mesclado de caracteres estranhos e, por vezes, incompativeis. Vê-se assim que, perante a theoria — que nada tem de scientifica — da superioridade de certas raças, o cruzamento, longe de ser recommendavel, encontra esta primeira objecção, de certo peso: o presumido progresso ethnico, obtido pelo producto da união de duas raças, que se suppõe subir acima do plano da raça inferior, ficando em primeira geração a meio caminho da raça superior, até confundir-se, de todo, em

successivos cruzamentos progressivos, no nível desta, além de contra-indicado, pelo facto, já observado, da esterilidade dos híbridos, é neutralizado, e pôde-se até considerar destruído, pela alliança de elementos geradores organicos, de órgãos, de tecidos, de caracteres physicos e psychicos, des-harmonicos, incompativeis, possivelmente hostis.

Os biologistas e ethnologos que não acceitam a doutrina da desigualdade natural das raças, considerando a questão do valor e da capacidade das diversas variantes ethnicas, em função do tempo e do lugar, e que admittem, além disso, a herança dos caracteres adquiridos pelo individuo, condição favorabilissima á educabilidade, ao progresso e ao aperfeiçoamento de todas as estirpes humanas, não podem, entretanto, concluir favoravelmente aos cruzamentos. Mais do que para os outros, é, para estes, certo, que a causa da « variação » ethnica é de natureza mesologica, e que, por conseguinte, o valor da raça, de suas variantes e de suas mesclas deve ser aquilatado em relação ás condições proprias ao florescimento. O cruzamento é um elemento perturbador desta evolução natural.

Isto posto, as conclusões que se impõem sobre a questão dos cruzamentos são estas: não tem nenhuma base scientifica a opinião, corrente entre nós de que o cruzamento é um meio de aperfeiçoamento *ethnico*; os dados de observação e as mais provaveis inducções scientificas inclinam antes a evitar do que a procurar os cruzamentos.

Chegados a esta conclusão, terminarão estas observações com uma advertencia e uma exhortação aos brasileiros. Entreas levianidades que um scepticismo de infantil imitação e uma especie de inconsciencia nacional poz em circulação e alimenta na vida mental brasileira, uma das mais nocivas e deprimentes é o habito de menoscabar do nosso sangue, de depreciar a nossa idoneidade physica e moral, de nos dar

por um povo degenerado, corrompido, em franco estado de abatimento corporeo e mental. Não ha nada mais falso: o Brasil soffre todas as crises de uma sociedade nova, formada, por um povo estranho, em territorio diverso do de sua origem, que até hoje não fundou as bases da sua adaptação á terra e não organizou a sua vida: eis as causas do seu actual estado, aggravadas por um accumulo de crises, nossas e alheias. Não o podia fazer, antes de surgir a consciencia do problema nacional e da sua orientação. Se ha signaes de algum enfraquecimento na principal raça colonizadora, a portugueza, e nas outras que contribuem, em menor escala, para a formação da nacionalidade; se a raça preta e os indigenas civilizados parecem, tambem, depauperados — resulta isto, quanto aos brancos, em pequena parte, do processo de acclimação, naturalmente deprimente enquanto faltam elementos accessorios de accommodação mesologica, de hygiene e de alimentação, e, para estes, como para os outros, da quasi completa ausencia desses meios de conservação e de progresso, para o individuo e para a estirpe.

A quasi totalidade do nosso povo não possui ainda habitação conveniente, mal se precata das intemperies, pouco conhece dos habitos e dos instrumentos favoraveis á saúde, não tem educação de especie alguma; e a pouca instrucção que recebe é antes de ordem a lhe perturbar o espirito na solução dos problemas praticos e a desviar-o dos cuidados reaes e dos pensamentos positivos da existencia, que de lhe abrir os olhos e lhe mostrar o caminho, para a conquista do vigor do corpo e da mente.

A alimentação é escassa, no Brasil, para a grande maioria do povo; insufficiente e má, para quasi toda a gente, nos proprios grandes centros, entre as classes medias; mesquinha e grosseira, para os homens do povo; impropria e carissima, para os abastados.

Outra causa, cujo valor se exagera, é a das molestias. Ha uma certa actividade de espirito therapeutico em toda a sociedade moderna, e a feição contemporanea das intelligencias é a de uma pronunciada tendencia para a diagnose nosologica e para a clinica. individual ou social, physica ou psychica. Tudo é molestia e tudo é curavel medicamente, com drogas materiaes, ou com drogas psychicas. Pondo de parte as confusões, algumas de perigosissimo exagero, dos diversos criterios de caracterização e de avaliação dos males, de seus effeitos e dos meios de tratamento, consignemos o aspecto que esta tendencia tomou, em nosso meio.

Ao nosso ordinario e geral pendor para a displi-cencia, para o pessimismo e para o scepticismo, esta direcção das intelligencias juntou mais um peso, sériamente gravoso. Passamos a ver a nossa nacionalidade minada pelas molestias, em vespas de eliminção, por força de causas pathologicas — imprestavel para a vida, tantos germens e parasitas lhe corroem os tecidos. De uma das maximas, que esta Philosophia poz em circulação : *a influencia do espirito sobre o corpo*, vimos, principalmente, o aspecto negativo, que conduz á acceitação da molestia, á resignação ao soffrimento, á submissão alegre á morte, á attitudo stoica, interpretada, em geral, como posição de impassibilidade, de fatalismo, quasi, em face dos obstaculos, das difficuldades, das crises, pessoas ou collectivas, da vida. Obedecendo ao impulso, commum á origem de todos os movimentos humanos, as interpretações que se deram a este, apresentaram-n'o com uma fôrma judicial; como fundando uma nova auctoridade e um novo codigo de preceitos sociaes.

Dahi, a imagem de panico que se reflecte nas palavras e nos escriptos de critica social, sob a influencia pronunciada de leituras, precipitadas e sem applicação, de obras estrangeiras, e de impressões, circulantes tambem nos centros

estrangeiros, sobre as nossas cousas e sobre a nossa gente. Tranquillizemo-nos, com relação ao valor geral destas apprehensões e á importancia e alcance de seus effeitos sobre o nosso futuro. Curemo-nos da *oppressão suggestiva* destes arestos de uma magistratura incipiente, ainda pouco esclarecida sobre seus proprios horizontes, naturalmente ardente da ambição de sua auctoridade, e que está cahindo, como terá de cahir, durante muito tempo, antes de fixar seu terreno de acção e firmar seus processos, em muitos e gravissimos erros.

As estatisticas européas, os trabalhos dos hygienistas, as modernas e profundas investigações dos eugenistas, provam á saciedade que os mais cultos paizes europeus estão sendo victimados pela maior parte das molestias, diatheses e das predisposições pathogenicas, que se observam entre nós; distinguindo todos os elementos, propriamente nosologicos, de depressão physica, dos elementos de natureza climaterica e alimentar, não será, arriscado, talvez, affirmar que as influencias pathogenicas aqui dominantes, — que, diga-se incidentemente, não nos são exclusivas, ou não se originaram em nosso paiz — não se accentuam, aqui, em grau desfavoravelmente desproporcionado á nossa sociedade. Um olhar observador, lançado, durante algumas semanas, sobre as populações das grandes capitaes européas, basta para convencer que a decadencia physica, de causa pathologica, é um facto muito generalizado, nos centros das velhas civilizações.

Uma outra razão, de profunda e pratica philosophia medico-social, é de ordem a nos dar, não só tranquillidade, senão, até, animação. O *conceito* da *molestia* e o *conceito* da *saúde*, são themas que começam a submeter aos homens de sciencia, novas e interessantissimas questões, com respeito ao valor das categorias pathologicas. Como *causa*

mortis, ou como causa de enfraquecimento e de degeneração do individuo e da estirpe, começa-se a inquirir se, posta em confronto com outros factos da vida, a «molestia» representa, realmente, o principal factor da decadencia humana. Em face dos phenomenos communs da vida, e dos factos classificados nos livros de Pathologia, se a noção da «molestia» não se define com uma precisão bem nitida, muito menos clara é a noção da «saúde». Para o clinico ou para o demographista, habituados á contemplação solada das fórmulas, agudas ou chronicas, designadas como enfermidades, a questão parece infundada. A pathologia — partindo do ponto de vista medico, que creou um meio e uma vida de molestias e de doentes — isolou molestias e doentes, systematizou uma theoria particular de phenomenos morbidos, e fundou-se e desenvolveu-se, guiada pela piedade e pela curiosidade do anomalo, ao inverso de toda a logica inductiva: construiu o seu systema de idéas, sobre o conceito, accentuadamente relativo, da molestia, com inducções firmadas sobre a observação de uma só das categorias, e exactamente a excepcional. A sciencia não procede sob a suggestão de curiosidades ociosas, nem de prazeres; deve resistir á attracção tendenciosa da psychose das generalizações e das particularizações technicas. As especialidades tendem, quasi sempre, a formar uma certa ordem de prejuizos. É o que tem succedido, em grande parte, na evolução da medicina e da hygiene.

Succede, assim, que, se a medicina tem progredido, no conhecimento da pathologia, se se lhe não póde negar um certo avanço, em muitas applicações da therapeutica, ella é uma arte imperfeita, no que toca ao conhecimento da relação precisa entre o facto da saúde e o facto da molestia. Nascida da observação dos casos morbidos notaveis, raros

na antiguidade, e cada vez menos communs, ella não conhece, da sciencia da normalidade da vida, da sciencia da « saúde », senão a sua expressão negativa : definiu o normal, por exclusão do anormal — o que decorre de um erro inicial de logica : o erro de todas as sciencias incipientes : — a presuposição de uma unidade, de um typo, de um estalão, de perfeição : a sanidade physica, neste caso. Ora, esta unidade não existe, em nenhuma secção da natureza, em nenhuma das manifestações da vida.

A « saúde », em absoluto, é um preconceito, filho do erro inicial de logica, imposto pela natureza da evolução da medicina. A evolução natural do saber humano prescreve à sciencia do organismo e da vida do homem uma transformação radical : ella tem de se transformar, de sciencia das molestias e dos remedios, em sciencia da vida e da saúde, em seu sentido relativo ; tem de se applicar ao estudo dos phenomenos de adaptação do individuo ao meio physico e ao meio social, da estudar o individuo, como organismo, — num horizonte muito mais vasto que o da anatomia, da biologia e da physiologia, pelo methodo que se emprega, senão exclusivamente estatico, puramente mechanico, em laboratorios e gabinetes.

As noções da saúde e da molestia serão forçosamente transformadas por força desta nova orientação. A menos que se não pretenda substituir a metaphysica das grandes categorias : do espaço, do tempo, do absoluto, do infinito por uma metaphysica dos micro-organismos e das causas, de molestias, será fatal concluir que ha germens particulares a certas regiões e a certas épocas, e que estes germens, innocuos até certo ponto, devem ser, até certo tempo e em dadas condições, propicios ou, pelo menos, relacionados, à adaptação local e às circumstancias dominantes.

Na quasi totalidade dos casos, entre um typo supposto são e um typo, verificado, de doente, é difficil, e será muitas vezes, impossivel, formular juizo sobre a probabilidade da morte, a probabilidade da degeneração, o vigor, a aptidão vital, a capacidade, physica ou psychica, de um e de outro. Phenomenos communs, de inferioridade physica ou psychica, importam, muitas vezes, causas de inferioridade muito mais graves, do que as causas morbidas, mesmo especificas, de inferioridade.

A sciencia moderna tem de banir, por consequencia, do seu criterio, até exame ulterior á transformação de seus estudos, a sua attitude de avaliação e de julgamento, com relação aos factos da saúde e da molestia.

Por effeito da generalidade do desenvolvimento das causas morbidas, e por esta razão de philosophia biologica, estamos a salvo do motivo de desalento em que a nossa passageira tendencia sceptica traduziu o brado vehemente dos medicos, mais inclinados — como foi sempre o homem no inicio de suas investigações e de seus costumes, á attitude judicial do que á attitude politica, preferindo criticar a agir, fundar uma escola a prevenir.

Em nosso caso, repitamol-o, as grandes causas de fraqueza physica são principalmente de tres naturezas : cosmico-sociaes, decorrentes da falta de estudo do clima e das condições da vida san, em nossos mcios, geralmente humidos e quentes, e das suas successives transformações meteoricas e climatericas ; escassez e impropriedade dos alimentos ; e causas economicas, sociaes e pedagogicas, relativas á prosperidade e á educação do povo.

Se factores pathologicos cooperam para a nossa decadencia physica, a operação destes factores é insignificante, em proporção á daquelles. Todos os esforços da hygiene e todas as reformas sanitarias serão luxos profissionaes, ou

simples desvios, na focalização dos factos reaes, mal atacando as molestias e nunca extinguindo as predisposições morbidas, enquanto o problema geral da economia nacional não fôr solvido, em seu conjuncto. Neste ponto, não é possível, até, dissimular o facto de uma quasi renuncia da vida, na observação de certos aspectos das nossas medidas sanitarias, tomadas, em grande parte, nas capitaes, no interesse do estrangeiro, ou da nossa fama no estrangeiro. . .

III

A soberania real

Atravessamos, neste momento, a crise mais seria da nossa Historia. Politicamente livres, com todos os attributos formaes da soberania interna e da independencia externa, depois de um passado que é o melhor attestado do bom senso e da excepcional probidade do nosso povo, encontramos-nos em situação melindrosa, perante factos da nossa economia e da vida mundial, que põem em equação o problema do nosso futuro.

Ha cerca de quatro annos, quando me foi possivel voltar o espirito para o estudo dos assumptos politicos do paiz, que haviam sido objecto de meus trabalhos, durante mais de metade da minha vida, precisaram-se em meu espirito os traços da tendencia que ia tomando a evolução do Brasil, em face da politica e da economia dos outros povos. Em estudos que fui publicando, procurei mostrar aos que dirigem a opinião e aos que nos governam os signaes da crise proxima, advertindo-os da necessidade de prevenir perigos que se iam accumulando sobre nossas cabeças, de reparar erros e descuidos que temos commettido, resultantes de extranhavel despreocupação dos nossos problemas praticos e dos da politica mundial.

Devemos confiar no criterio e no patriotismo dos brasileiros e esperar que, por entre as fraquezas e as indecisões, a desordem e a desorientação, da hora triste que estamos atravessando, a alma candida deste povo, simples e generoso, seu sereno e claro discernimento, sua ponderada e segura energia, lhe hão de illuminar o quadro deste momento historico e mostrar o caminho a seguir.

Não é possivel prescindir de destacar certo numero de conclusões da nossa historia social. Antes de entrar neste trabalho, é força implorar aos que têm qualquer parcella de prestigio na sociedade brasileira, que attentem para esta observação, capital no estudo do nosso desenvolvimento : a vida de um paiz tem faces multiplas, mostra varias e descontraídas fluctuações, sob as quaes se vaee realizando o funcionamento profundo e organico da sociedade, despercebido dos que têm os olhos fitos nos acontecimentos superficiaes, julgando-os sob a impressão do momento, ou com o criterio parcial da posição, da sympathia, da profissão, de solidariedades pessoases ou espirituaes. Tenho procurado, em meus estudos, chamar a attenção de meus patricios e, particularmente, dos que nos governam, para este facto, commum ás nacionalidades modernas de origem colonial, mas, no Brasil, excepcionalmente notavel : a ausencia de espirito nacional « pratico », da solidariedade patriotica fundada na consciencia dos interesses communs a todos os agrupamentos politicos, religiosos, economicos, geographicos, commerciaes e industriaes. Esta solidariedade, quasi instinctiva nas velhas nações, onde é obra secular de relações, de trocas e de apoio mutuo, só pôde surgir, em novas e extensas nacionalidades, com a forma de um movel consciente e como conhecimento objectivo das necessidades permanentes do paiz, superiores ás divergencias e divisões do presente e á successão das gerações. No Brasil, com mais forte razão, o estudo da syn-

these nacional, e o trabalho de educação da opinião e de arregimentação dos espiritos em torno de um programma e de um ideal, é, por força da nossa conformação geographica, mais difficil e mais necessario.

Ora, toda a gente, entre nós, desde os homens do povo, distrahidos das cousas publicas, até aos que, tendo ardor civico, se dedicam ao cultivo das idéas destinadas a dirigir a sociedade, passa a existencia sob a influencia de duas correntes de estímulos, distinctas e independentes: a dos conceitos e ideaes theoricos, e a dos factos da época: agitações, conflictos partidarios, luctas locaes, toda a massa pullulante de personalismos, de ambições, de gestos e discursos ociosos e estereis, — trabalho desorientado e sem objectivo, que domina, entretanto, as atenções, como se fosse a expressão real da nossa vida.

A mescla, que não conjuncto, e, ainda menos, synthese, das idéas e dos moveis da nossa vida publica, apresenta-se, assim, na formação das opiniões e dos actos — como o baralhamento das perguntas e das respostas, no jogo popular dos disparates — tecendo e confundindo, desencontradamente, duas correntes artificiaes, extranhas á vida positiva da sociedade: de um lado, a ideação, — litteraria, ou pelo menos, theorica, dos intellectuaes de todas as côres, juridica e formalistica, dos politicos, matizando a atmospheria da nossa mentalidade com o iris das mais vistosas theorias; do outro, a força dos interesses, movendo as pessoas, distribuindo-as, separando-as, reunindo-as, sob os galhardetes dos mais brilhantes programmas, mas agindo todas na mais desafinada, furiosa, atroadora e desconcertante balburdia.

A vida cerebral do Brasil gyra em torno de dous centros: o mundo dos intellectuaes e o dos governantes; os escriptores, professores, homens de letras e de sciencia, os artistas, no primeiro grupo; os politicos, os administradores, os funcio-

narios, no segundo. E esta vida, inteiramente alheia á vida da sociedade, reflecte-se, entretanto, no pensamento de todos, sob as fôrmas do dilettantismo e do pessimismo, que traduzem a sensação indefinida de que essas cousas não são as que deveram interessar, mas, com esta sensação, uma extrema perplexidade na consciencia e no caracter social.

A desorientação é característica da nossa época, em toda a parte, e, assignaladamente, nos centros cultos das velhas civilizações. Entre as muitas ruínas que tombam e que oscillam, são ainda pouco visiveis os perfis indecisos de novas construcções. A immensa actividade intellectual contemporanea trabalha, quasi toda, numa região atulhada de destroços, entre tentamens facticios ou abortivos de construcção. O mundo que vae acabando, foi um mundo de systemas « a priori » ; e a sensação de que elle cae inspira aos espiritos timidos o temor das soluções, mantendo, nos arrojados, a illusão de que, aos systemas mortos, devem succeder novos systemas. Perdem-se aquelles no scepticismo, e estes no trabalho tantalico de erigir castellos sobre castellos, utopias sobre utopias. Toda a nossa cultura, bebida em taes fontes, esterilizou-se, na dubiedade da descrença, ou obstruiu o caminho, deante dos passos, com a concepção de novos e rigidos systemas. A intelligencia contemporanea ficou sendo uma intelligencia hybrida, incapaz de procrear.

Na política, a anarchia das idéas e dos actos attinge as proporções do desvario. A ordem social, mantida por simples tolerancia costumeira, já não corresponde á ordem das velhas organizações e está longe de satisfazer á organização dos novos elementos da sociedade. Os aparelhos e forças que equilibravam effectivamente o mundo foram substituidos, na lei e na politica, por méras abstracções verbaes e maximas conceptuaes de philosophia social ; e, como estas entidades abstractas, com que o idealismo quiz fazer as columnas das

novas civilizações : a liberdade, a justiça, o direito, todos os lemmas das luctas revolucionarias, não possuem realidade objectiva, não representam os tecidos substanciaes dos bens necessarios ao homem : são méros attributos das suas aspirações na vida real ; o esforço da sociedade contemporanea tem o aspecto de uma eterna ascensão ao cume inatingivel da phantasia. A realidade da vida humana depende, immediatamente, das relações do homem com o meio, dos homens entre os homens ; a vida se realiza pelo esforço sobre a natureza, com os encontros e as relações dos esforços. Tudo isto forma uma multidão de necessidades e de interesses, concretos, praticos : uns materiaes, outros psychicos ; mas, ao passo que a vida, suas necessidades e seus interesses, são factos reaes, os espiritos, impacientes por descobrir as causas dos males humanos e por lhes dar remedio, abandonam o caminho horizontal das soluções terrestres para pedir á imaginação as soluções do milagre. Ao problema positivo da applicação das energias humanas, deu-se a solução do soccorro sobrenatural ; a este soccorro, a que acudiram, primeiro, poderes providenciaes de varias naturezas, responderam, depois, as benções e mercês da metaphysica politica.

Foi assim que as revoluções defraudaram as aspirações humanas, illudindo a fome, a miseria, o instincto de acção, o impulso dynamico das almas e dos corpos, com os artificios de panacéas subjectivas. As instituições oppressivas do passado, sob as fórmulas do despotismo, da escravidão, da servidão, do poder dynastico, da auctoridade, do feudalismo, eram, principalmente, restricções e peias ao desenvolvimento, á expansão, aos movimentos da personalidade humana, á acção de suas energias, ao trabalho, á distribuição dos meios de acção e dos fructos da acção.

Os directores dos destinos do homem não viram senão as fórmulas apparentes da realidade, e suppuzeram que,

oppondo a liberdade á tyrannia, a egualdade á servidão e ao feudalismo, a justiça e o direito aos privilegios, solviam os seus problemas; mas, como os factos da vida, do esforço e do trabalho, os estímulos activos da natureza do homem, os moveis profundos de sua efficiencia, não podiam ser attingidos por essas transformações exteriores, a desigualdade, a injustiça, a fallencia do direito e da ordem revestiram novas fôrmas, e a sociedade permaneceu a mesma, decorando com outros nomes coloridos as suas velhas utopias. Todo o espectáculo actual da politica é a ostentação burlesca deste jogo de palavras e de formulas, sobre a realidade, dia a dia mais pungente, dos problemas da economia e do trabalho.

A separação da politica e da vida social attingiu, em nossa Patria, o maximo da distancia. A' força de alheação da realidade a politica chegou ao cumulo do absurdo, constituindo, em meio da nossa nacionalidade nova, onde todos os elementos se propunham a impulsionar e fomentar um surto social robusto e progressivo, uma classe artificial, verdadeira superfetação, ingenua e francamente estranha a todos os interesses, onde, quasi sempre com a maior boa fé, o brilho das formulas e o calor das imagens não passam de pretextos para as luctas da conquista e da conservação das posições.

A politica é, de alto a baixo, um mechanismo alheio á sociedade, perturbador da sua ordem, contrario a seu progresso; governos, partidos e politicos, succedem-se e alternam-se, levantando e combatendo desordens, creando e destruindo cousas inuteis e embaraçosas. Os governantes chegaram á situação de perder de vista os factos e os homens, envolvidos entre agitações e enredos pessoases.

E é este estado de cousas que todos têm por manifestação normal da nossa vitalidade, em torno do qual se debatem as opiniões, formam-se os partidos, elegem-se legisladores e chefes de Estado, surgem e desaparecem as personalidades,

agita-se a oratoria, fervilham doestos e calumnias, rebentam revoluções e violencias de toda a especie, explodem crises de sangue e de escandalo ; e, nesta agitação, que não representa, aqui como em outros paizes, outra cousa senão a estagnação de um povo descuidado de si mesmo, perdido na contemplação de miragens theoricas, paralyzado, por falta de consciencia e de direcção, toda a actividade publica se reflecte num eterno debate entre dous coros, onde as pessoas se alternam, fazendo uns o papel de tyrannos e de bandidos, outros o de juizes punidores, cantando estes hymnos de louvor aos vencedores, clamando, aquelles, as mais tremendas e cruas objurgatorias.

É certo que este espectaculo é universal. Se alguns paizes possuem uma ordem apparente, se outros, sob a protecção dessa ordem, obedecem ao impulso de forças intimas progressivas, o divorcio da sociedade e da politica é o facto mais saliente do estado actual da civilização. Nas mais velhas e cultas nações, o patriotismo e a capacidade dos estadistas são insufficientes para lhes dar alcance á vista e segurança aos passos, em meio aos tumultuosos e precipitados problemas da nossa época ; nas camadas onde se faz a selecção dos governantes, e, entre os que se dispõem a arrostar as sensações das luctas de onde surgem os dirigentes, a cultura não representa o nivel mais alto da competencia. Os problemas succedem-se, surprehendendo os homens que governam ; e estes, quando os não podem illudir, atacam os symptomas e os accidentes, com a facilidade e promptidão de agentes de policia, entre as contorsões da sociedade que clama por novas bases de equilibrio.

Não é caso, assim, para que nos vexemos dos nossos erros ; outros, mais fortes e mais cultos, mostram, agora mesmo, provas eguaes de despreparo politico ; mas, se o mal não é só nosso, o perigo destas situações não é o mesmo

para todos; e, pois que, nas liquidações das luctas politicas, a força impõe sua logica, através dos erros dos que governam, ha povos mais expostos que outros aos riscos da crise commum. Nós estamos, pela vastidão do nosso territorio, pela escassez da nossa população, e porque somos uma das nações que menos cuidaram da organização da vida pratica, da educação do instincto de conservação, da lucta pela força e pela riqueza, comprehendidos neste numero.

Os manifestos e mensagens presidenciaes, os programas dos partidos, os discursos parlamentares, todos os actos dos nossos politicos e estadistas são documentos, ás vezes copiosamente eruditos, sempre sincera e ardentemente patrioticos, dessa extranha falta de adaptação do saber e do patriotismo ás peculiaridades da terra e do povo brasileiro.

Os problemas que elles agitam são problemas de completa e neutra generalidade. As eternas questões de administração e de finanças, de moeda, de emissão, de despesas e de impostos, de obras publicas e de viação, de assistencia e de ensino, de regimen fiscal e de policia, de Direito Publico e de Direito Privado, que se debatem na França, na Belgica, na Grecia, na Hespanha e na Turquia, repetem-se, succedem-se, apparecem e desaparecem, no «tapete da discussão», faustosamente solvidas hoje, combatidas amanhã, ora em nome da escola *a*, ora em nome da philosophia *b*, obedecendo ás sympathias doutrinarias do ministro que está no poder, á pressão de tal ou qual incidente, reflectindo, muitas vezes, o ardor de uma ambição reformadora, traduzindo, quasi sempre, a influencia das ultimas idéas em voga num paiz europeu — com a mesma feição com que se apresentam na França, na Belgica, na Grecia ou na Turquia. Vamos, assim, creando serviços, fazendo obras publicas, abrindo e desenvolvendo estradas de ferro, organizando repartições e escolas, exactamente como fazem os legisladores

daquelles povos. Para os problemas da economia rural, adoptamos os mesmos institutos, escolas, campos de demonstração, syndicatos, exposições, que encontramos em outros paizes. Porque temos um vasto territorio, vamos estendendo linhas de estradas de ferro. Os portos são melhorados, dotados de caes e de armazens. Possuimos institutos de ensino superior e escolas primarias. Temos, emfim, todos osapparelhos e processos de governo, incolores, neutros, vagos, inadequados, que se encontram por toda a parte; mas, por entre esta organização complicada, e, por vezes, luxuosissima, a vida do homem, a sua alimentação, os interesses da economia social, a distribuição da riqueza, a circulação commercial e monetaria, a educação physica, moral e civil, debatem-se de encontro aos mesmos obstaculos das mais atrazadas sociedades e vão encontrando maiores tropeços, nas proprias construcções desta apparente civilização.

Ao lado de um certo, embora desorientado, cuidado por melhoramentos materiaes, não aprendemos a arte, primordial e muito mais difficil, de civilizar e cultivar o homem. Os melhoramentos materiaes não são, para um paiz, senão a ossatura, a que só um povo solido, instruido e energico, dá musculos, nervos e sangue. Não é nas escolas e nas academias que se crêa este povo: é na educação pelos costumes, pela politica, pela circulação de idéas praticas, pela legislação economica e fiscal, pelo estimulo ao trabalho, pela segurança da remuneração, pela suppressão dos incentivos á ociosidade e ao ganho facil e illegitimo de empregos e de fortunas. A formação de uma sociedade e a selecção do seu character resultam do criterio, nella dominante, sobre o valor do homem; dos modelos que ella apresenta de prestigio, de estima, de respeito. A vida de um povo é funcção da enxada do trabalhador, ou do bilhete de loteria. Nas sociedades

contemporaneas, e em nossa terra, hoje, mais, talvez, do que em outras, as carreiras de azar e os favores do azar estendem-se e ramificam-se por todos os lados.

A sorte das nações modernas depende da direcção que tomarem no sentido do trabalho ou no sentido da especulação, da escolha entre a produção e as industrias improductivas, do relativo nivelamento social, pela maxima distribuição das riquezas, ou da divisão da sociedade em classes afortunadas e classes proletarias; da plena expansão dos valores, pela liberdade commercial, ou do regimen de restricções e de entraves, de monopolios e de privilegios.

A riqueza é arbitro dos destinos, neste momento historico. Na produção e no commercio, na politica e na guerra, a victoria está com os povos ricos, os que concentram nas mãos a maior somma de dinheiro: a mais poderosa energia de nossos dias, o mais efficaz reproductor de energias. A politica internacional maneja ainda os recursos da paz armada, da força militar; e a riqueza é, no estado actual da arte da guerra, a primeira condição de superioridade. Povo forte e povo rico são expressões equipendentes. A politica de um povo moderno, para a paz ou para a guerra, consiste na arte de conservar, de obter e de augmentar riquezas. Tal é a politica offensiva de outros povos, tal precisa ser a nossa politica defensiva.

Obter, conservar e augmentar riquezas, é, comtudo, um vago objectivo, que não prescinde de explanação.

A Terra tem sido presa de um unico movel de obtenção de riquezas: a ambição individual. Toda a vida economica dos povos gira em torno da cobiça de cada um, e a somma das cobiças pessoasas forma a vida economica collectiva. Resultam dahi consequencias que é imprescindivel registrar, quando se trata da riqueza de uma nacionalidade.

As riquezas naturaes, sob quaesquer fôrmas, são patrimonio do povo que habita o territorio nacional ; mas os individuos que têm a propriedade do solo e do sub-solo julgam-se, e o são quasi sempre, em Direito, senhores de suas riquezas. Cada individuo e cada geração delapidam, assim, em proveito proprio, fontes preciosas de immensos valores. Os homens de sciencia, na Europa, já consideram um problema a resolver o da substituição da hulha por outro producto de força motriz.

O homem tem sido um destruidor implacavel e voraz das riquezas da Terra. Toda a vida historica da humanidade tem sido uma vida de devastação e de exgottamento do solo, de incendio de thesouros e de florestas, de saque de minerios ao seio da terra, de esterilização da sua superficie. A exploração colonial dos povos sul-americanos foi um assalto ás suas riquezas ; toda a sua historia economica é o prolongamento deste assalto, sem precauções conservadoras, sem correctivos reparadores, sem piedade para com o futuro, sem attenção para com os direitos dos posteros.

Assombrados com essas vastas e, por vezes, insanaveis lesões á natureza, com o desvio e perda de tantas forças naturaes, com as alterações do clima e com os accidentes meteoricos, resultantes da desastrada exploração da Terra, os povos previdentes, como os inglezes, na India, os canadenses, os americanos, em varios de seus Estados, começam a fazer a policia de seus bens naturaes e a reconstruil-os. O reflorestamento das regiões desbastadas é, aliás, um velho costume europeu.

No Brasil, onde a população, e igualmente, a riqueza, não tem crescido em progressão igual á dos Estados Unidos, seria de elementar prudência que os poderes publicos procurassem suste a devastação das mattas, feita, ás vezes, para o nefasto desenvolvimento [de culturas extensivas, outras

com o unico proposito de extracção de madeiras e de lenha ; que procurassem manter as populações nas regiões já exploradas, desenvolvendo novas culturas, por processos intensivos ; que estimulassem o gosto pelo amanho da terra e pela producção ; que habituassem o homem á vida do campo ; que fiscalizassem e corrigissem as alterações do clima, os accidentes meteoricos, o reseccamento de certas terras, o alagamento de outras, o abandono, em summa, de quasi todas onde a arvore do café pereceu por velhice ; que, antes de tudo, promovessem a utilização destas ultimas, recolonizando-as com elementos estrangeiros e, de preferencia, nacionaes, para poupar com zelo, senão com usura, as riquezas ainda não exploradas.

No momento, porém, em que, nos Estados Unidos, no Canadá, na India, os governos começam a zelar por suas riquezas e a reparal-as, nós outros, pelo órgão dos homens que nos governam, corremos pressurosos a offerecer a quantos se propõem a violar o seio virgem dos nossos repositórios de madeiras, de humus e de fertilidade, vastas e generosas concessões ; promptificamo-nos, beatamente, a auxiliar a devastação, offerecendo a clientela do Governo ao commercio das madeiras derrubadas ; recebemos, emfim, com agradecimento e reverencia, todos os que se propõem a explorar fontes de riquezas. Para os nossos estadistas, esse ataque ás reservas da nossa natureza, por syndicatos estrangeiros — que apenas usam, do nosso paiz, quando as não trazem, as machinas humanas — representam auspiciosas « collocações de capitães ».

Os povos semi-barbaros, mas sedentarios, da Asia, como os chinezes, não sabendo, apesar de suas densas populações, extrahir e explorar o minerio de suas jazidas, possuem vivissima a ensibilidade do dono da terra, vibratil até á revolta aos primeiros estudos dos engenheiros, ás

primeiras contusões das picaretas. Nós, que não sentimos pressa, e com razão, em rasgar o seio da nossa terra, para nosso proveito, temos solicitudes alviçareiras por entregal-a ao primeiro solicitante, fazendo, com delicias, o lenocinio do nosso solo.

Conhecemos, apenas, durante o periodo colonial, o regimen das explorações por feitorias; raros estabelecimentos possuimos, ha pouco, parecidos com os desses formidaveis exgottadores de riquezas, á custa do trabalho bruto de « fellahins » e de negros. Foi preciso que a Republica attingisse a maioridade, para que se nos apresentasse a perspectiva de ver installar, entre nós, colonias de mineração como as da Africa do sul, monopolios industriaes e agricolas, extensas regiões entregues á exploração alheia, estradas de ferro marginadas de vastas zonas de influencia estrangeira, toda a perspectiva de uma rêde de viação ferrea destinada a realizar a obra, absolutamente destituida de base e de necessidade economica, de um aparelho de circulação continental interna; extensas culturas de borracha, entregues a estrangeiros, na Amazonia; o escandalo inqualificavel do enfeudamento da industria pastoril a um syndicato; a eventualidade da concentração do commercio de café, em mãos de commerciantes forasteiros; o estabelecimento de bancos hypothecarios, munidos de favores e privilegios, que a Turquia não concederia, talvez.

Empresas de denominações americanas, inglezas e francezas, mas que, como é natural — no estado do mercado monetario mundial — representam principalmente capitães francezes, compraram, ou estão para comprar linhas de estradas de ferro, que, ligando a Argentina e o Uruguay ao Brasil, atravessando os Estados do Rio Grande, de Matto-Grosso, do Paraná e de S. Paulo, tendem a se unir, para o norte, com outras já em poder de estrangeiros, percor-

rendo, todas, extensas regiões, onde se projectam vastas fundações agricolas e explorações de minas.

Se estas empresas se tivessem vindo formando, paulatinamente, no correr da nossa vida, seria agora a oportunidade para que o Governo brasileiro se dispuzesse a examinar o estado da propriedade industrial estrangeira no paiz, de fôrma a impedir, por algum tempo, senão a sustar, o seu desenvolvimento.

Quem quer que estude conscienciosamente a nossa historia economica será forçosamente levado a concluir que a vitalidade da nação brasileira representa o producto de tres fôrmas de industrias: a exploração colonial, extensiva, das riquezas do sólo; o desenvolvimento do commercio; e, recentemente, um certo surto industrial, creado e animado por meio de tarifas proteccionistas. A contribuição da cultura intensiva nas colonias estrangeiras, factor insignificante nas trocas do commercio internacional, pouco mais pesa nas do commercio interno.

Ora, se o trabalho, grosseiro e perdulario, do senhor de vastas terras, tem sido um saque brutal às nossas riquezas, o commercio que elle provocou, installou e animou, foi, e será, o mais efficaz auxiliar, do exgotto, da exportação, do exodo, de seus fructos. As colonias têm sempre um commercio de character *sui generis* e as produções exoticas são exploradas por intermediarios, avidos de lucros largos e faceis.

Dos tempos coloniaes até hoje, a direcção e a organização da nossa vida economica têm obedecido ao unico intuito de canalizar os productos para as mãos do commercio, de facilitar e robustecer o commercio, de abrir meios novos de expansão e de influencia commercial, no interior. Habitados a encarar, com o virtuoso simplismo que é um dos attestados da nossa probidade, cada ramo da economia isoladamente, nós nos desvanecemos com o desenvolvimento com.

mercial que possuímos, sem percebermos que esse desenvolvimento representa realmente o trabalho da conquista, da sucção, da drenagem, das nossas riquezas, — desordenada e precipitadamente arrancadas à terra, — para as nossas metrópoles economicas.

Portos, cidades, estradas de ferro, rios navegaveis, são sempre instrumentos de transito, nem sempre instrumentos de troca. As permutas entre sociedades que fazem commercio compensam-se e liquidam-se por lentas e amplas operações, durante longos periodos, de gerações para gerações. Ora, na vida de um paiz vasto como o Brasil, não ha quem, sahindo do Rio de Janeiro para qualquer direcção, não encontre vastas regiões exgottadas, immensos thesouros saqueados; poucos depararão com alguma cousa que represente, para esse enorme capital extorquido à terra, alguma compensação remuneradora, qualquer reparação real à productividade ou ao valor do solo.

O selvagem, surprehendido pela astucia de navegadores, troca as pedras preciosas, o ouro, as especiarias, por espelhos, objectos brilhantes e ornatos ostentosos. Nós outros, sem recebermos, de mão a mão, dos que exploram commercialmente as nossas riquezas, os palacetes das nossas avenidas, as carruagens, os automoveis, as joias, as letras facéis e brilhantes, os vestuarios, as modas, que simulam o nosso « progresso », e enquanto esse progresso nos embala com seus perfumes e com o espectaculo de suas grandezas e suas luzes de rampa theatral, não vemos que o Brasil real, o Brasil das mattas virgens e das minas, com as alluviões e os sedimentos de milhares de seculos de trabalho do tempo e da natureza, vac sendo desnudado, minado, raspado, pulverizado, reseccado: o ouro puro segue para outras bandas, ficando-nos, em troca, as lentejoulas das nossas cidades e os arrebiques dos nossos palacios e das nossas avenidas!

Em nossa era, os povos novos, rapidamente civilizados, são, necessariamente, um tanto megalomaniacos. Ha sociedades *parvenues* como os individuos, nações *rastaquouères* como os *rastaquouères* que «flanam» nos *boulevards* parisienses. A America, fundada pela politica das metropoles, e pela cobiça dos colonizadores, possui uma grande força civilizadora: a falta de tradições e de instituições aristocraticas, de espirito de hierarchia, de tendencia para a disciplina e para a auctoridade; e traz, com um vicio organico, uma fonte provavel de ruinas e de desordens futuras: a vasta propriedade territorial, a exploração senhorial da terra, o estímulo de intensa exploração, que animou seus primeiros habitantes e anima os de hoje. Se os homens de estudo e os homens de Estado, comprehendessem o problema da evolução humana e a sua inevitavel directriz, teriam realizado o encaminhamento para o progresso, segundo a fórmula do individualismo de Adam Smith, pela organização e distribuição do trabalho; teriam fundado, no solo americano, uma civilização, onde a reacção socialista seria exotica, porque o socialismo não é senão o refluxo das leis economicas contra a interpretação do individualismo pela predominancia do capital. Mas os homens de saber e os homens de governo preferiram divagar, nos cenaculos literarios e nas academias, repetindo, em nosso meio novo e virgem de estudo, os mesmos debates, as mesmas pesquisas curiosas, as mesmas theses theoricas, d'além-mar; e, enquanto isso, os espiritos praticos fundaram a vida facticia que levamos, onde forças minimas de escasso capital, multiplicando-se indefinidamente por milhares de expedientes, installaram um verdadeiro feudalismo argentario, as mais imprevistas fôrmas da especulação, as suzeranias dos reis da industria e dos negocios.

Com esta orientação, as novas nacionalidades americanas ficaram sujeitas ao domínio da cobiça, á pressão do capital, ou, o que é mais verdadeiro, de especulações sem freio; e, sob o impulso desses interesses imprevidentes e desapiadados, nações e territorios vão tendo o destino de terras encfudadas aos mais audazes, conforme a sua natureza. É aqui que o problema brasileiro apresenta seu aspecto mais grave.

Os Estados Unidos, e, em grande parte, a Argentina, são paizes de terras semelhantes, senão eguaes, ás terras que habitavam os colonizadores europeus. O clima e a natureza do solo não differem do clima e do solo da mãe-patria. Os habitos ahi encontram o mesmo ambiente, as mesmas sementes, do paiz natal; a mesma terra, as mesmas probabilidades de germinação e de produção. A colonização é uma mudança ordinaria, de casa velha para casa nova. O Brasil é, por sua posição geographica, o unico grande paiz soberano de clima e constituição francamente equatorial e tropical; semelhante ás regiões da Africa e da Asia exploradas como feitorias, seduz e attrahe grande numero de colonos instaveis, commerciantes em transito, ou de breve estadia, sendo habitado e povoado a esmo, cultivado e explorado empiricamente. Jamais os problemas da adaptação do homem ao meio novo e estranho, os da cultura do solo ignorado, os das instituições e dos costumes proprios para essa adaptação e para essa exploração, foram objecto de estudo. O colono e o commerciante localizados no Brasil, seus descendentes e seus discipulos, ficaram sendo seres, assim, estranhos a seu *habitat*, eternos desaclimados — exploradores vorazes, a principio, de seus bens, victimas, afinal, de novos exploradores.

Se Portugal já não tivesse, a dar para modelo da nossa architectura, as suas vastas casas de herdade, chatas e largas,

com amplas varandas, é provavel que, já nos nossos campos e nas nossas cidades dos tempos coloniaes, se encontrassem os chalets suissos, e os edificios, agudos e esguios, construidos para o deslizar das Neves; mas a tollice que o primeiro colono não fez, está fazendo o bisonho civilizado contemporaneo; as nossas novas e garridas cidades, os lares das nossas modernas fazendas, tomam, para modelo de seus edificios, os palacios de Paris e os « cottages » inglezes; e a este exemplo material, visivel, de falta de senso de adaptação, corresponde, nos habitos da vida, nos processos de trabalho, nos methodos de acção social, nas instituições, uma combinação de maneiras, costumes, idéas, convenções, fôrmas, applicações, todos importados, que tornam o homem cada vez mais estranho a seu meio e a sociedade cada vez mais disparatada com o seu ambiente. A perpetuação de uma existencia colonial, no fundo e na essencia, é o resultado inevitavel desta inexperiencia da realidade, deste inconsciente conflicto entre o agente e o objecto da civilização.

Para bem explorar esta natureza, corrigir seus defeitos, estimular-a e aperfeçoal-a, fazemos appello à sciencia, às artes, à licção e à sabedoria dos europeus; e, assim como, nas Faculdades Superiores, nas letras, nos jornaes, nas escolas, nos gymnasios, as idéas em circulação são as phrases textuaes, os dizeres literaes, dos livros do velho continente, os institutos e escolas fundados para educação pratica dos productores, sob modelos dados, aliás, na Europa por inefficazes pelos espiritos mais praticos e lucidos, parecem, aos olhos dos que mourejam no labor da terra e que ainda não aprenderam a guiar o arado dos egypcios e dos gregos, academias de um saber transcendente.

Emigrados que não comprehenderam o mysterio da fecundação da sua terra, não tendo ainda adquirido, no contacto quotidiano do trabalho, o amor que liga o culti-

vador interessado e providente ao bem que é fonte de sua fortuna e segurança de sua prole, os brasileiros ficaram divididos em duas sociedades sem liga e sem solidariedade : os que exploram o patrimonio nacional á guisa dos estrangeiros, e a multidão que trabalha para não morrer, ou que se vai deixando extinguir, porque não tem onde, nem como, trabalhar.

A nossa população augmenta ; mas o valor social da população não se tem desenvolvido. A alegria com que se proclama o accrescimento da população nacional e o augmento das nossas exportações, indica, apenas, o grão dessa « insouciance », que os observadores francezes da nossa vida tantas vezes sublinham, como traço saliente de nosso espirito. Para que tão pequena camada de povoadores, extrahindo e colhendo, descuidada e levianamente, os fructos de uma terra virgem e vasta, não proliferasse e não tivesse productos a exportar, fôra mister que não existissem, do outro lado do oceano, velhas e bastas populações, solicitando e recebendo os productos das nossas depredações ; mas, quantos milénios de formação do sub-solo, da terra e do « humus », não representam este progresso no povoamento, esta dolorosa exportação dos fructos, quasi extractivos, da nossa natureza ; quantos seculos de futuro bem-estar não estão sendo descontados, para sustentar e animar o florescimento desta prosperidade ?

A exploração material de um territorio é regida pelo estímulo economico de seus exploradores, obedece á força predominante no espirito dos habitantes, á força dos interesses: ao maior ou menor poder de attracção dos agentes da exploração e do commercio, no paiz e fôra d'elle, nas operações da colheita e da distribuição, nas permutas da exportação e da importação, nas trocas do intercambio. O commercio realiza trocas apparentes, satisfaz necessidades

ocasionaes. Nas velhas nacionalidades de fundação normal e de lenta evolução gradativa, o regimen conservador da economia, operando permutas quasi todas internas, manteve dentro dos territorios o valor dos fructos extrahidos da terra, transformando-os em industrias suppletorias de novas riquezas, e valorizando as riquezas consolidadas. Quando se começam, depois, a operar, com o desenvolvimento da viação e das relações mercantis, as trocas externas, o paiz está sufficientemente vigoroso e instruido para preservar as suas riquezas, para evitar que se tornem inuteis, para se não permittir extravagancias e desvarios de prodigalidade. O surto das nacionalidades americanas — simultaneo do surprehendente e vertiginoso desenvolvimento da viação, dos meios de circulação, dos instrumentos de trafico, de credito e de exploração, e da excitação da curiosidade, com a leitura e com as viagens — accumulou, sobre estas nacionalidades, já habituadas pelo regimen colonial á passividade economica, gigantescos mecanismos mercantis de extracção e de desvio de riquezas.

As exportações commerciaes para os mercados externos representam o exgotto da substancia, da riqueza dos solos, brutalmente explorados ; o que as importações restituem não passa de mercadorias e productos de interesse secundario, de satisfação de necessidades immediatas, quasi sempre de uso breve e rapido consumo. O capital que permanece, accumulado nas cidades, em industrias de transformação, no commercio, em predios e na propriedade movel, representa pequena fracção dos premios da producção, e fica quasi todo esterilizado.

O progresso magico dos Estados Unidos é a miragem que seduz quasi todos os directores das sociedades americanas ; mas o desenvolvimento da nação dos « yankees » fundou-se sobre bases mais solidas e sobre terreno mais co-

nhecido, que o de outras nações do continente, e principalmente do que o Brasil ; e o melhor modelo que elles nos offerecem não está em sua civilização material, senão na cultura moral e intellectual da sua sociedade.

O progresso material dos americanos é uma obra audaciosa e febril, um esforço monstruoso de energia, no trato da natureza, com fito no enriquecimento : saque formidavel sobre o futuro, em summa, que só a cultura, tambem intensa, de seus homens permite esperar ver resgatado. Seguindo o seu exemplo, na audacia da exploração material, não os seguimos, no da cultura do homem. Aquella audacia, por um lado, tal incuria, por outro, são riscos de um seguro aleatorio, temeridades difficilmente reparaveis.

A natureza da terra americana ; seus climas, temperados ou frios ; seu systema hydrographico ; a expansão, rapida, porém methodica, das suas populações, concomitante com o desenvolvimento das vias ferreas ; uma relativa estabilidade de populações e de trabalho, nas zonas primitivamente exploradas ; o conhecimento pratico da terra e das culturas ; a falta de culturas vivazes, de longa duração, exgottantes, e de difficil, senão impossivel, replanta, segundo a experiencia verificada ; a regularidade das estações, identicas ás da Europa ; o supprimento normal de aguas e de humidade ás terras e ao ar, pelo degelo e pelas neves ; a formação permanente de « humus », com a quéda regular das folhas ; a abundancia de carvão e de ferro ; a immediata e facil producção dos generos ordinarios de alimentação, para europeus ; todas as condições, em summa, da natureza e da economia, — permittiam, facilitavam, incitavam, uma exploração intensa e vigorosa, arrojadas tentativas de industrialismo e de negocios. Os Estados Unidos fizeram-se, desde logo, assim, um centro de conservação e de attracção de capitacs, incorpo-

rando-se ao organismo mundial da circulação financeira, renovando, periodica e frequentemente, a sua irrigação monetaria, e offerecendo-se, como terreno de escol, ao emprego normal de capitaes. As suas retribuições ordinarias ao credito não são premios de usura, salarios de serviços excusos, de « réclame », ou de corretagem, fructos de arriscadas e onerosas empresas coloniaes. Mas esse desenvolvimento « à coup de baguette » está sendo combatido, nos proprios Estados Unidos, onde os homens de estado, os economistas e os sociologos, começam a se insurgir contra os riscos do progresso material « à outrance ».

Uma das mais caras imagens do nosso culto à Patria é a proclamação das nossas riquezas. Foi, por longos annos, axioma do nosso optimismo oratorio ; começa a ser uma das desillusões do nosso scepticismo postico.

A questão do valor intrinseco do solo é um problema tão complexo, depende tanto de dados, ainda insufficientes, de Geologia e de Agronomia, e do estudo comparativo das utilidades e das necessidades actuaes e futuras do homem e da sociedade, que toda pretensão de formular sobre ella juizos categoricos é, pelo menos, prematura.

Pondo-a de parte como these, ha um aspecto da nossa riqueza natural que se nos impõe á attenção : a da relação do clima com a productividade da terra. A natureza equatorial e tropical carece de certos elementos primordiaes de conservação da fertilidade das terras e da regularidade das produções : os gelos e as neves, mananciaes de aguas correntes e fontes de humidade, para a atmosphera e para o solo : a quèda annual das folhas, origem da terra vegetal.

Em nossos climas, estes elementos são substituidos pelas condensações atmosfericas, alimentados os terrenos pelas aguas que ali se formam. Preservar as florestas, nos espinhaços das serras, nos altos dos morros, nos planaltos,

nos pontos elevados, e, em geral, em toda a parte onde a derrubada não fôr imposta por necessidades reaes das populações no cultivar a terra por processos racionais, intensivos e conservadores, torna-se, assim, para nós, um interesse vital, de dobrada importancia, em relação aos paizes frios ou temperados, onde estes assumptos já fazem, aliás, um pouco, objecto de cuidados governamentaes.

O nosso systema hydrographico, tão desigual e ingratamente distribuido, tão mal estudado e brutalmente desperdiçado, sem nenhum regimen de canalização e de irrigação; as nossas florestas, tão levianamente devastadas, nesse afan de ir estendendo populações aventureiras e empresas capitalistas, que lastram, como pragas devastadoras, por todo o territorio, — sem amor pela terra nem interesse pelo futuro humano, — estão a pedir, antes, uma politica de conservação da natureza, de reparação das regiões estragadas, de concentração das populações nas zonas já abertas á cultura, sendo educado o homem para aproveitá-las e para as fazer fructificar, valorizando-as.

O caso norte-americano não se póde reproduzir mais, no estado actual da civilização, em que, ao surto do progresso material, hão de succeder novos estímulos e nova posição do problema humano, para evitar as mais graves perturbações á ordem e perda das mais preciosas conquistas, da evolução social. E, quando essa repetição fosse possível, o Brasil seria, com seu meio insufficientemente conhecido para uma vasta colonização e um arrojado commercio, o terreno menos apto ao novo ensaio. No estado de desequilibrio entre a distribuição das populações e o aproveitamento das terras, que caracteriza uma das faces mais graves do problema mundial, o destino do Brasil não póde ser o de offerecer novas regiões a explorar e novas riquezas ás ambições immediatas dos povos superpovoados

ou excessivamente ricos, mas o de ir realizando, á medida que o estudo dos problemas da sua natureza o permittir, com a installação quasi patriarchal, a principio, dos colonos, e com estabelecimentos agricolas de character mais industrial, depois, a solução do problema fundamental da sociedade contemporanea, que consiste em fazer regressar o homem ao trabalho da producção — ás industrias da terra. O desequilibrio das sociedades modernas resulta, principalmente, da deslocação constante das populações, das zonas ruraes para os centros populosos, da agricultura para as industrias, do esforço productivo para as manufacturas e para o commercio. O Brasil tem por destino evidente ser um paiz agricola: toda a acção que tender a desvia-lo desse destino é um crime contra a sua natureza e contra os interesses humanos.

As sociedades modernas estão já pagando, com a carestia da vida, pesado tributo ao desaproveitamento do solo e do braço humano, á actividade infecunda e á inercia, do maior numero: uma das mais graves consequencias da politica do capitalismo, das especulações mercantis, da febre de enriquecimento. O Brasil ou será o paiz da regeneração do homem pelo trabalho, ou representará, na historia da civilização, um roubo das gerações contemporaneas ao progresso humano. Contribuir para este escandalo, seria uma vergonha para brasileiros e para estrangeiros: um crime, para os nossos governantes.

Para realizar o seu destino, cumpre-lhe reagir contra o açodamento dos que procuram fazer a exploração extensiva das riquezas naturaes, jogando com os capitães disponiveis nos grandes mercados monetarios do mundo. Está nisso um dos maiores males economicos da nossa época: a principal causa das perturbações da ordem internacional, a origem das zonas de influencia, dos conflictos de ambição

entre as grandes potencias, dos protectorados e das conquistas a mão armada. Os mais graves erros e attentados da politica internacional contemporanea têm, todos, origem na ambição incontida de capitalistas, syndicatos e bancos, que se não contentam com empregos de capital razoavelmente remunerados e regularmente amortizados e, ainda mais, em manejos de corretores e intermediarios de negocios, apoiados por poderosas instituições financeiras, á caça de fortunas rapidas, em empresas coloniaes.

Nas sociedades novas, sem costumes e sem organização economica favoraveis á distribuição das riquezas, dá-se, em elevada potencia, um phenomeno identico ao das sociedades feudaes, baseadas na suzerania e na vassalagem, por um lado, e na servidão do trabalho, por outro: os elementos parasitas, protegidos pela força — que, em nossos tempos, está principalmente no capital — associam-se, todos, contra os productores. Se a força do capital — que não é um productor de riqueza, senão um simples motor da exploração e da circulação — está no estrangeiro, a associação dos interesses nacionaes activos e dominantes, pende para o elemento mais forte, contra o elemento explorado: e a produção nacional é sempre vencida, ainda que, quasi sempre, num lento sacrificio mudo e inconsciente.

Imitando as tendencias das sociedades europeas, e cedendo á attracção dos prazeres e vaidades que seduzem a gente das camadas superiores do mundo moderno, os americanos do norte, em primeiro lugar e em plano destacado, e os do sul, em seguida, vão desvirtuando o caracter da sua civilização e dissipando os patrimonios nacionaes. Dahi o desenvolvimento dos innumeros processos e instrumentos pelos quaes, em alguns dos paizes novos, e no Brasil, assignaladamente — por effeito de causas já apontadas — a riqueza nacional, mobilizada, tende a emigrar, e todos os

agentes economicos, sociaes e politicos, tornam-se auxiliares, quando não co-autores, do empobrecimento geral, com perda do estímulo productivo, afrouxamento da probidade economica, robustecimento progressivo do prestigio e do poder dos que representam interesses estranhos.

Em relação a quasi todas as nossas industrias, o commercio nacional, os intermediarios mercantis, todos os que exercem profissões liberaes, os banqueiros, e os capitalistas, são collaboradores do estrangeiro, no exgotto das riquezas e no exodo de capitaes; os habitos pessoas e os costumes da sociedade cooperam para avolumar as correntes de drenagem. E, como a producção e o trabalho não são representados, na sociedade senão pelos seus elementos menos cultos — quasi bisonhos, em sua simplicidade, e perdidos, na maior parte, no isolamento do campo e das cidades remotas — os letrados, os homens de imprensa, os profissionaes diplomados, os politicos, os governantes — órgãos de um pensamento, literario e scientifico, importado, e sem adaptação, e advogados dos interesses dos que conseguem fazer-se ouvir, gozando de prestigio social e dispondo, em summa, dos instrumentos de publicidade, — fazem a obra nefasta do parasitismo, sobre a planta robusta da exploração colonial.

A analyse das influencias dominantes na formação da mentalidade brasileira. e que preponderam na direcção da nossa vida pratica, pertence ao numero dos problemas que mais se impõem á attenção dos politicos. Se não é absolutamente certo que a humanidade tem sido dirigida por idéas, é rigorosamente exacto que as idéas, como factos psychicos, possuem um poder suggestivo: são fontes e motores de impulsos e de emoções. A evolução das sociedades humanas tem sido, principalmente, obra de impulsos e de emoções.

Derivando de uma civilização elevada e distincta, que, quando não houvesse dado outras provas da superioridade da raça que a produziu, contaria, só na herança artistica e litteraria que nos legou, um alto documento de capacidade; gente que, por comprimida numa faixa de terra, entre os embates das immigrações continentaes e o oceano, não poudé prosperar e engrandecer-se, na época em que o futuro dos povos modernos se jogava no campo das conquistas imperialistas: — o nosso espirito, guiado, em grande parte, pela fatalidade da lingua, cedeu aos mesmos impulsos das influencias religiosas, academicas e sociaes, dominantes na mãe-patria, não educou a observação e a experiencia, e carecia de elevação ideal, de força de pensamento e de exercicio do raciocinio, quando realizamos a Independencia.

As letras onde fomos, após, buscar alimento para a nossa curiosidade, as letras francezas, passavam, por sua vez, tambem, por um estadio de desordem, de inspiração reflexa e de tibieza, na iniciativa e na produção.

Observa-se, assim, em quasi toda a nossa historia intellectual, em primeiro logar, um notavel abatimento, no nivel da cultura philosophica, das idéas geraes, do espirito de generalização. Os intellectuaes eram, quasi todos, tambem, profissionaes; á educação academica, litteraria e formalista, os misteres e contingencias da profissão juntavam mais uma causa de depressão intellectual, com a especialização dos conhecimentos. Se se encontram, assim, por vezes, aqui e acolá, ao tempo da primeira constituinte, nas palavras e nos escriptos de alguma intelligencia mais ambiciosa, citações dos nomes do alto pensamento humano, na Philosophia, na Sciencia, ou na arte que tem por material a linguagem, se se deparam referencias, menos ás idéas desses grandes espiritos, do que ás suas formulas e maximas — engastadas, nas peças oratorias, nos artigos e em livros, como joias, para

atavio literario — o nivel commum da instrucção era o da illustração, colhida nos tratados, nas obras de commentario e de desenvolvimento, nas de actualidade e de impressão.

Tal tem sido o nivel do nosso preparo mental, até hoje. Nós temos illustração; não temos cultura.

Sem possuir estabelecimentos de cultura geral nem órgãos privados que a façam, a nossa curiosidade intellectual, estreitada e abatida pelas cogitações profissionais, divaga, desnorreada, no oceano de tinta da imprensa moderna, sem attingir, nem á formação da personalidade, nem á lucidez da consciencia.

Nascem dahi as duas situações mais communs, no pensamento brasileiro: tendencia para as orthodoxias, como resultado dos conflictos das intelligencias, entre mundos de opiniões e orientações divergentes, e como abrigo dos espiritos mais fortes e das consciencias mais exigentes; e essa attitude de vacillação e de duvida — quasi de inexpressão cerebral — bem caracteristica do « intellectualismo », rico de conhecimentos e de idéas, capaz de prodigios de dialectica, mas de todo inapto para affirmar uma convicção, para applicar uma these aos factos, para vencer a inercia paralytica, propria da insufficiencia mental no dar força creadora á idéa, em transformar o pensamento em impulso volitivo.

Neste estado de espirito, êbrio de phrases e de palavras, sedento de impressões violentas, submisso aos typos da moda, a notoriedade substituiu a auctoridade, a literatura facil, de divulgação, e impressões ligeiras, colhidas nos *compte-rendus* e nos noticiarios, suffocaram o juizo, o gosto e o discernimento. Os espiritos são movidos, como pelas grandes rodas dos colossaes machinismos da imprensa diaria e periodica, á força de tiragens. E, sendo a noção desenhada nos cerebros pelas idéas de civilização e de progresso, a dos aspectos visuaes e das emoções dos grandes centros

de agitação e de luxo, os estímulos que aqui se apresentam, como modelos e como exemplos, são os das apparencias mais superficiaes da vida quotidiana dos povos adiantados.

Os theoricos repetem, machinalmente, as doutrinas e sentenças em moda : systemas rigidos e construcções facticias, umas,—condemnadas á esterilidade, como specimens de herbanario e collecções de muscus — nos annaes do pensamento ; contrarias, outras, á realidade, e oppostas, no combate das idéas (reflexo do embate das tendencias antagonicas dos interesses) aos nossos interesses vitaes. Outras formas do pensamento menos pretensiosas adoptam, com as ultimas *saillies* dos humoristas e phrases dos academicos celebres, os juizos correntes na Europa, — em regra, expressivos de um estado de sentimento e de idéas, extranhos, senão hostis, aos nossos.

Sobre tudo isto, a opinião dos jornalistas e dos financeiros impõe a dictadura das correntes de idéas, favoraveis aos interesses dominantes. A opinião das massas, manifestada nas expansões populares, ou por seus órgãos de publicidade, reflecte o interesse dominante em cada época e o estado dos espiritos em relação a este interesse.

Não é licito duvidar de que, na actual situação economica da Terra, com o desequilibrio que caracteriza as relações da producção e do consumo, e com o inflacionismo commercial e industrial, os interesses dos grandes centros de negocios estão, naturalmente, em conflicto com os interesses dos paizes novos, que elles exploram mercantilmente. O pensamento, que os espiritos educados na literatura ligeira e nos artigos de jornaes, e os brasileiros viajados, recebem, das palestras e da vida mundana — que nos vem, enfim, por varios canaes, da City, de Londres, e da Bolsa, de Paris, traduzindo a impressão da sensibilidade da finança sobre os riscos de seus interesses — é um pensamento, senão

sempre adverso, sempre alheio aos nossos interesses. A opinião vulgar dos europeus e dos homens de finanças, principalmente, indifferente a altos ideaes e á sorte dos povos, não vê, em nossas fortunas e nossas vicissitudes, senão o aspecto da sua repercussão sobre as rendas publicas e sobre os juros de titulos, de seu effeito sobre os lucros commerciaes.

Este interesse não caminha parallelamente ao nosso; e o effeito daquellas impressões sobre as nossas cousas, transportadas pelas alviças dos brasileiros que viajam e que aprendem por artigos de jornaes, entra no numero das causas mais graves dos desvios da nossa educação.

As crises das nossas finanças expõem-nos, por outro lado, a mais uma nova subordinação. Absorvidos nos cuidados do credito no exterior e acabrunhados pela pressão das dividas, descem os governos a um verdadeiro estado de subalternidade, sob o temor do credor estrangeiro e a pressão do capitalista, e não têm nem o criterio nem o braço livres para dar ao paiz a orientação indicada por seus interesses permanentes e ordinarios. São escravos dos interesses estrangeiros.

A soberania dos paizes avariados — usando a expressão, já hoje classica, do Sr. Leroy-Beaulieu — só não soffre os vexames das aggressões diplomaticas, porque corretores e zangões incumbem-se de liquidar, nos corredores das Bolsas, á custa dos interesses da nação devedora, as contas, usuarias, dos emprestimos.

A independencia de um povo funda-se, antes de mais, sobre a sua economia e sobre as suas finanças. Edificar sobre a nossa autonomia economica, alimentada pela iniciativa, pela energia e pela tenacidade, que já provamos possuir; e sobre a mais severa exacção nas nossas finanças, — um pensamento nacional a respeito das cousas da vida humana, e

um juízo nosso, sobre os nossos problemas e os nossos destinos: aqui está o guia do nosso esforço patriótico. E esta obra não é uma obra de educação: é uma obra de direcção politica. Nenhum povo tem a educação necessaria para dirigir seus interesses geraes.

Intellectuaes, porém, e, em geral, homens de letras, estão longe de occupar a posição que lhes compete na sociedade brasileira. Não formam, até hoje, uma força social.

A intellectualidade brasileira levou ao ultimo extremo essa attitude de impassibilidade perante a cousa publica a que a absorção do espirito em estudos especulativos e o desinteresse pela vida e pela realidade habituou philosophos e cultores da arte.

A inspiração reflexa da arte européa e o pensamento de emprestimo tiram aos que falam á nossa sociedade todo o prestigio efficaz: sente-se, em quasi toda a obra espirital dos nossos homens de letras e de sciencia, a tendencia subalterna de espiritos não educados para comprehender e para applicar: cerebros oberados de idéas, de formulas e de imagens, senão de todo alheias, de inspiração e de feitiço alheios. Em nossa bella intelligencia, tão aguda e tão luminosa, a memoria, a imaginação passiva, de simples fórma, puramente verbal, a facundia e a facilidade de produzir, tomaram o lugar da capacidade de conceber e de elaborar.

Os capitalistas, estes, se volvessem os olhos para o passado, verificariam, com um simples relance, que o capital e a riqueza, no Brasil, raro passam de uma geração. Os habitos de trabalho e de economia, a arte de ganhar, de accumular e de gerir as fortunas, não são transmitidos aos herdeiros, — educados, ao contrario, para o simples goso, para a dissipação dos haveres. Não ha seguranças testamentarias, garantias juridicas de qualquer especie, capazes de evitar o esboroamento das fortunas, quando a sociedade

é dominada por forças contrárias á estabilidade e á conservação, quando os individuos não têm sido preparados para defender seus patrimonios.

Em conflicto permanente o homem e a terra, como os interesses do habitante e os dos novos immigrados, não se forma nunca a « economia nacional », não se desenvolve a « sociedade ». Eis o que explica as crises, as ruínas, as falencias periodicas, que deslocam fortunas de geração para geração, destruindo, hoje, ao sópro de um accidente commercial, ou de uma crise financeira, fortunas hontem florescentes.

Nesta phase da evolução humana, o capital brasileiro está á mercê de tendencias sociaes e politicas estranhas, ha pouco difficeis de perceber, hoje patentes, aos olhos dos que se dão ao simples trabalho de lér telegrammas e noticias de jornaes. A luta entre o imperialismo financeiro e a liberdade economica dos paizes fracos; a luta do imperialismo militar, com a independencia, ou, pelo menos, a autonomia, destes paizes, — que será o capitulo seguinte; a luta do capital e do trabalho; a fôrma particular do problema social no Brasil, indefinida, e, por isso, despercebida de observadores superficiaes, — jámais capaz de produzir crises violentas, mas de força a anemiar, até á ruína, as fontes da nutrição nacional: o problema do trabalho e da produção rural; — são elementos que se estão precipitando, na politica mundial e na do paiz, com uma ccleridade e um impeto que podem, de um instante para outro, subverter todos os valores sociaes, destruir todas as bases da fortuna, annullar-lhe todos os titulos. A simples lembrança das crises do valor da propriedade movel e immovel, em nossa época, bastaria para convencer os homens de capital, da necessidade de adherir a uma politica previdente, que, sem a esperança vã de resistir á evolução inevitavel dos problemas do trabalho

e do capital, defenda a economia brasileira do risco de ser immolada, em proveito de interesses alheios, e prepare a nossa sociedade para ir substituindo as instituições e os costumes, sem subversão e sem sacrificios.

A insufficiencia das nossas estatisticas do commercio exterior e a falta completa de estatisticas de commercio interno, tornam quasi impossivel um estudo sério dos resultados do intercambio economico, comprehendendo todas as verbas da troca e da deslocação dos valores; mas, se um governo, de-sejoso de ter a consciencia exacta da marcha da riqueza nacional, confrontasse o seu valor actual com o das duas gerações anteriores, — trabalho que não seria impossivel, pelo systema da somma das successões hereditarias, durante o numero de annos que fazem a media da vida no Brasil — tenho por certo que, tomando em conta as differenças do valor da moeda, do seu poder acquisitivo e do custo da vida, o augmento da riqueza nacional seria nullo, em confronto com as nossas perdas colossaes, em riqueza exportada, em applicações improductivas de capitaes, em desvalorização da propriedade privada e desbarato da natureza.

O Brasil apresenta-se ao mundo como o melhor terreno. talvez, para solução de mais de um de seus problemas. Nisto estará a sua gloria, ou disto virá a sua ruina. Se as soluções se forem operando com a consolidação da nossa independencia social e economica, a nossa soberania politica será laureada com uma das mais brilhantes posições, na politica mundial; se se operarem pelo assalto de capitaes, pela occupação e conquista da producção e do commercio, seremos uma colonia tropical de companhias e syndicatos estrangeiros.

Para manter independente a nação, é imprescindivel preservar os órgãos vitaes da nacionalidade: suas fontes principaes de riqueza, suas industrias de primeira necessidade e de utilidade immediata, seus instrumentos e agentes de

vitalidade e de circulação economica ; a viação e o commercio interno : a mais ampla liberdade de industria e de commercio. Nenhum monopolio, nenhum privilegio ; a mais plena garantia e protecção ao trabalho livre, á iniciativa individual, á pequena producção, á distribuição das riquezas.

Precisamos, para isso, de homens e de capitaes, proclamam, solemnemente, os que governam. Estou de accôrdo, com a condição de accrescentar-se um terceiro elemento, que não occorre a ninguém, collocando-se-o em primeiro lugar : e de trabalho ; e com a clausula expressa de que, se o Brasil precisa de capitaes e de homens, só os não tem recebido, e os não continuará a receber, naturalmente, sem solicitação, em boas e justas condições, por não haver organizado o seu trabalho.

Entre as fôrmas ambiguas da nossa logomachia politica, uma das mais queridas é a do povoamento do solo. Não se sabe bem qual a entidade a que se pretende consagrar essa mercê do povoamento.

Para espiritos habituados a representar os objectos concretos e as abstracções, como realidades definidas, um paiz, uma nação, uma patria, pôde exprimir uma destas tres cousas, ou o conjuncto das tres : o territorio, o povo e a sociedade ; para espiritos de criterio politico, a sociedade é uma realidade, complexa e viva, amorpha, elastica e dynamica, que se estende, num momento dado, sobre o territorio nacional em que existe, desenvolve-se, indefinidamente, das épochas remotas da sua formação para o presente, projectando a sua vida e a sua evolução para o futuro, com uma logica tão necessariamente previsivel como a sociedade coterporanea é visivel. O futuro apenas deixa de ser um facto, por falta de apresentação objectiva. O futuro de uma sociedade é, politicamente, uma abstracção positiva, uma realidade antecipada.

Retida esta observação, uma outra se impõe aos que estudam factos sociaes. Quando se cogita de preparar o futuro de uma nacionalidade, qual o fim, o escôpo, o ideal em mira, no espirito de politicos e estadistas? O bem do homem, o bem da vida, a satisfação do conjuncto de necessidades e interesses que resultam dos desejos e das affeições physicas e mentaes do homem, e que se traduzem, na vida pratica, pelas expressões de bem-estar, de felicidade, de contentamento.

Em relação ao territorio, o povoamento não é, por si só, nem um bem, nem um mal; mas, no interesse do territorio, o objectivo politico deve ser, não o do seu aproveitamento inconsciente, o da « mise en valeur » — nome technico da arte, cara a banqueiros, economistas e corretores coloniaes, da extracção incontiente dos productos da terra — mas o do seu aproveitamento util, em beneficio geral; o da conservação das fontes matrizes das riquezas, dos elementos primarios de producção, de correcção e reparação das condições secundarias da productividade. Povoar um territorio sem educar o homem para a producção economica, sem organizar o trabalho, importa roubar á terra e causar mal ao homem, fazer das populações infecções corroedoras da superficie do solo. Este povoamento nós o temos feito, como todos os povos novos; tal será o resultado da colonização, como tem sido praticada.

Quanto ao povo, á geração actual da sociedade brasileira, a simples contemplação do espectaculo das nossas populações basta para demonstrar que a lucta com uma massa avultada de colonos e com a força de capitaes, não é o remedio que se lhe está recommendando, como acção politica. Expressão, como factor social, de uma fracção deliberadamente abandonada, confessadamente desprezada, conscientemente condemnada por incapacidade physica e por incapa-

cidade moral, pelos que o dirigem ; calumniado por vezes até no espirito, no character, na probidade, pelo grupo de seus filhos que sabe falar e escrever, este povo, só tem por necessidades a impor a seus governantes a justiça, por um lado, a suas qualidades, e uma severa, mas humana e nobre, politica de educação para o trabalho. Se os nossos estadistas estudassem a nossa sociedade e lessem o que se passa em outros paizes, saberiam que o phenomeno, aqui observado, da deslocação das populações nacionaes, do trabalho para as profissões improductivas e para a ociosidade, é geral, principalmente nas nações rapidamente colonizadas. Nos Estados Unidos, a robustez, a operosidade e a energia dos anglo-saxões estabelecidos, quasi os não defendem da invasão de forasteiros, menos ainda da de emigrantes mais sobrios, mais humildes, mais submissos, como os irlandezes, os italianos, os chinezes, os japonezes. O sacrificio das gerações de brasileiros, na lucta com as forças de colonizadores e do capital, não é um facto ethnico, é um facto social, que se reduz, por fim de contas, a um facto politico, porque é obra dos governos.

Em relação á sociedade, em seu aspecto permanente, o problema da colonização é tão complexo, que é impossivel examinal-o, no quadro limitado de um estudo. Comprehende-se que um paiz novo, de rapida prosperidade, procure obter supprimentos de população, proporcionados ás suas necessidades ; comprehende-se que outros desejem desembaraçar-se de seus excedentes. Nestes termos limitados, a colonização é uma solução provisoria, a certas crises da politica nacional. Comprehende-se que, como meio transitorio de acudir a certos interesses de uma geração, solvendo alguns dos problemas occasionaes da ordem e do progresso mundial, se concerte, entre as nações, um plano de colonização, sujeito a outros requisitos e outras garantias de segurança ; mas acreditar que a colonização é meio normal de povoar

regiões deshabitadas, descongestionando, effectivamente, outras, é erro muito crasso, para homens de estado.

Já em estudos anteriores havia eu chegado a duvidar do real incremento das populações, por effeito da colonização, quando, em recente trabalho de um sociologo americano, encontrei consignado que a população norte-americana deixou de crescer, na mesma razão do seu crescimento anterior, depois de iniciadas as fortes correntes immigratorias.

No fim de algumas dezenas de annos, depois da politica de colonização, os Estados Unidos tinham uma população bastante inferior á que deveram ter, pelo simples effeito da reproducção.

No interesse da humanidade, o sacrificio do nosso povo — effeito inevitavel da politica de capitalismo e de colonização — seria inutil, senão pernicioso. O Brasil é, ainda, e apesar da acção de seus governos, um repositorio e uma reserva de riquezas; e a humanidade, crescendo desproporcionadamente á sua producção, e, principalmente, ao seu systema de distribuição economica, está pedindo, neste momento, licções, e escola, de productividade economica, ao contrario das de exgotamento da natureza, — que é o que se tem feito e se está fazendo, com pueril e demente imprevidencia, entre nós.

Ha um argumento, facil de adivinhar, nos labios dos discutidores de palestra, contra estas razões: a sciencia resolverá, a sciencia está resolvendo, estas difficuldades. A « Sciencia », esta sciencia providencial para quem se appella, sem noção bem precisa do seu poder e do seu alcance, é uma das divindades do palavroso mysticismo contemporaneo. O pendor mental para admittir creações habituou o espirito humano á idéa de que a sciencia é capaz de gerar, de produzir, novos seres; a sciencia não inventa, não crêa, não fabrica; toda a sua acção — realmente racional, realmente « scientifica », permitta-se-me o pleonasma — porque só neste

sentido ella é auxiliar do phenomeno universal, insophismavel, da evolução — deve consistir em conhecer, aprofundar e analysar os methodos, os processos, os modos e leis do desenvolvimento, da reproducção e da transformação, — para auxiliar as syntheses naturaes: nunca, para as substituir, para as produzir ou para as crear. Ha, é facto, uma sciencia de laboratorio, com que espiritos phantastas, por um lado, e espiritos mercantis, por outro, esforçam-se — obedecendo, sem o sentir, á mesma orientação que guiou os alchimistas na pesquisa dos meios de fabricar o ouro, ao mesmo estimulo que tem conduzido os que estudam os factos da vida humana a cultivar de preferencia a medicina, aperfeiçoando a arte de inventar remedios, em vez de estudar os meios de defender, de propagar e de multiplicar a saúde, pelo desenvolvimento das condições normaes da existencia — sciencia em que é ainda visivel a tendencia da imaginação primitiva para as maravilhas e para os milagres, ao lado da ambição de dominio espiritual, de feiticeiros e de magicos, e de uma forte dose de cobiça industrial; que se esforça, diziamos, por substituir as creações naturaes por creações de synthese. Tal sciencia, quando não representa uma illusão, não é senão um erro de especialistas, que só alcançam os fins e as probabilidades, parciaes, ou momentaneas, de seus inventos — pagos, afinal, com o desequilibrio das forças physicas ou economicas, da Terra e do homem.

Não é possivel, por mais que se procure attenuar a imagem da nossa desidia, para com os interesses vitaes do paiz, na orientação que lhe estão dando os seus financeiros e administradores, dissimular a penosa impressão dessa renuncia da autonomia, da capacidade economica, da personalidade nacional. Jamais, em qualquer das nações avariadas do mundo, se viu permittir tão completa, tão impru-

dente, tão leviana, alienação de riquezas e de negocios. Aos titulos da divida publica, e aos titulos, garantidos, de emprestimos estadoaes, que dão a certos trechos do territorio nacional uma posição de verdadeiros feudos das bolsas estrangeiras; aos emprestimos, que, sem fiscalização, e sem sciencia, talvez, da União, vão fazendo, no estrangeiro, as municipalidades; ás industrias, fundadas e exploradas por empresas estrangeiras; ás estradas de ferro, que já lhes pertenciam; ao lento processo de apropriação por estrangeiros, de meios de trabalho e de fontes de riqueza: factos que resumem a historia da nossa colonização, — juntar, de chofre, sem que isso represente um phenomeno normal da nossa evolução economica, senão simples consequencia do nosso desgoverno, da existencia, nos mercados estrangeiros, de capitaes desempregados (causa e origem da politica imperialista) e da solicitação de agentes e intermediarios nacionaes e estrangeiros, uma instantanea alienação das mais extensas e das melhores das nossas estradas de ferro, concessões, de toda a especie, para explorações industriaes e monopolios virtuaes de industrias essenciaes á vida do povo: — a cessão, emfim, das fontes da vida e das obras vivas da nacionalidade: — vale por uma verdadeira confissão de demencia. Não é outra a historia do imperialismo e da politica expansionista, na China, na Turquia, no Oriente europeu; não foi outra, a do Egypto e de Marrocos. E, quando a mais ligeira informação sobre a origem de taes negocios auctoriza a suppor que elles obedecem a vastas combinações, notando-se o entravamento com outros movimentos politicos, dessas operações financeiras, o caso começa a apparecer aos olhos, com um aspecto, que pôde pôr em causa, ao vêr de estrangeiros, o proprio zelo dos nossos governos pela integridade do paiz.

A historia, deploravel, da nossa vida politica, com a falta de ordem legal, e, por vezes, da propria ordem ma-

terial, os nossos eternos « deficits », ameaçadores e sem promessa de correctivo, a violação das leis e da Constituição, notorios abusos administrativos, só ignorados, parece, pelo governo, tudo isso seria bastante para que a alma nacional, o sentimento patriótico deste povo, reclamasse, num só brado, energica e prompta reacção,— para que o governo deliberasse enfrentar as nossas difficuldades e as ameaças accumuladas sobre o nosso futuro; para que os nossos braços se erguessem, emfim, num só movimento — prompto, energico, seguro — a deter o paiz, despenhado por esse declive de ruina e de dissolução.

Mas os factos a que me venho referindo, estes, são de ordem a não admittir discussão, delongas, tergiversações. Isso que ahi se está passando não póde ser consummado. Uma nação póde ser livre, ainda que barbara, sem segurança e sem garantias juridicas; não póde ser livre, sem o dominio de suas fontes de riqueza, de seus meios de nutrição, das obras vivas da sua industria e do seu commercio.

Não é uma reacção nativista, que se nos está impondo: é um simples acto instinctivo de conservação, um vulgar movimento de defesa: a mera demonstração da nossa consciencia, sobre a realidade. As melhores organizações militares nada valem, na defesa de paizes occupados pelas « armées financières des états... »

IV

Nacionalismo

Neste caso de renuncia nacional, aggravado pela apropriação, por empresas e syndicatos estrangeiros, por estrangeiros recentemente immigrados, por um commercio sem séde no paiz, e estrangeiros em transito ou com estabelecimento passageiro pelo tempo preciso para enriquecer, de vastas regiões do nosso sólo, das melhores das nossas estradas de ferro, das nossas fontes naturaes de riqueza, de grande numero de propriedades privadas, dos mais importantes instrumentos de credito, de commercio e de industria, levada até ao projecto de uma rêde continental de estradas de ferro, que deve talhar o paiz em zonas de influencia estrangeira;— é impossível dissimular o espanto que provoca o contraste entre a gravidade dos factos e a singular attitude dos que têm governado o paiz e dirigido a sua opinião.

O povo brasileiro jamais cogitou de um perigo nacional que o affrontasse de subito, ameaçando-o, como o despenhar de uma avalanche, com a apropriação do melhor do seu patrimonio bruto e de seus bens em exploração, subordinando-o virtualmente ao governo de estrangeiros, e pondo a continuação da sua integridade, da sua independencia e da sua soberania á mercê das grandes potencias economicas

e militares. Nunca teve de cogitar de taes cousas, primeiro, porque o Brasil parecia estar, até ha pouco, acima da possibilidade de assaltos desta natureza, pela solidez do seu credito e prestigio da sua administração, impondo-se á estima do mundo, como terra livre dos desvarios, das leviandades e das illusões de certos povos, que, para satisfazer a vaidosas aspirações de apparente progresso e dar largas aos caprichos perdularios de uma geração, desprezam o trabalho, a producção, as alegrias sãs do esforço e do labor paciente, entregando-se ás mais arriscadas aventuras. Depois, porque a nossa terra era vasta e afigurava-se-nos rica, dispensando-nos quasi da luta, fazendo-nos esquecer o providente dever de acautelar o patrimonio, nosso e dos nossos...

Não tendo de formar idéas politicas, de saber leis economicas, de comprehender os factos da sua vida e da dos outros povos ; não lhe cabendo formular e resolver a equação do seu desenvolvimento, com o estudo da relação entre o estado da sua economia e a economia dos demais paizes, mais audazes e combativos ; repousando, em summa, entre o doce descuido da sua vida confiante e o intrepido avanço conquistador dos outros, o nosso povo vivia cego á realidade — entretanto, evidente — de uma nação que não chegou a se definir—entre as gerações fortes dos colonos que a vêm explorando e as dos indigenas e filhos de colonos, annullados para o trabalho e para a luta.

O povo não tinha meios de prevêr o perigo. Confiava, como era natural, nos que o governam e nos que exercem a missão de o dirigir. Somos um paiz juridicamente organizado, com uma constituição e leis, instituições politicas, administrativas, poderes publicos e funcionarios. Estes aparelhos e instrumentos não têm outra razão de existir, outro titulo de legitimidade, senão os que lhes vêm do mandato de zelar pela causa publica, de gerir os interesses collectivos. Pre-

servar o interesse geral contra a somma dos interesses individuaes ; dirigir a vida permanente do paiz, através dos impulsos pessoais e das correntes passageiras da paixão, da ambição e das illusões ; defender o todo contra as partes, a aggregação contra a desaggregação, o interesse publico contra os appetites, o progresso nacional contra as cobiças, o bem-estar de cada um e o bem-estar de todos, contra as phantasias, as leviandades, a precipitação de maiorias, ou de minorias accidentalmente predominantes, e de cada um ; a segurança da propriedade e dos direitos, contra os regimens aleatorios, que, com suas leis e actos ineptos, põem em jogo os haveres de todos ; a sorte das diversas camadas da sociedade, condemnadas aos azares do trabalho instavel e à carestia da vida, com a desorganização economica da sociedade, quando a politica dos governos é contraria à corrente dos interesses do paiz — é a missão daquelles órgãos. O povo sabia que tinha governo, legisladores e administradores, e não podia senão confiar que seus mandatarios estariam alerta, em guarda à defesa das suas visceras, dos seus nervos, do seu sangue . . .

O povo sabia que o paiz conta grande numero de academias, de estabelecimentos de ensino: uma ampla sociedade de homens de letras, de scientistas, de professores. Sabia e não podia deixar de esperar que, imminente o perigo, estes homens, habituados a lêr, em seus livros, em seus jornaes, em suas revistas, a exposição dos factos, dos phenomenos, dos acontecimentos, da marcha dos interesses e dos problemas, durante o curso da Historia e na vida de outros povos, se levantariam, *una voce*, para reclamar dos governantes a prompta, a energica, a firme reacção que impõe a crise extrema da nossa organização social, da independencia ethnica, moral e economica do paiz, da integridade da nossa soberania, do nosso prestígio de nação

livre, de seu nome de povo idoneo, cioso da sua terra e arbitro de seus direitos.

O povo brasileiro sabia disto e descansava, com toda a justiça, á sombra desta confiança; não pôde, não deve, não tem que soffrer censura nem pena, incorrer em responsabilidade, pela inadvertencia de seus chefes, deante de factos desta ordem.

Fique esta affirmacão aqui consignada, como artigo capital, para o futuro juizo em que se fizer o julgamento politico, ou — se a eliminacão é a sorte que nos reserva o destino — puramente moral, desta crise brasileira, que é tambem um grave accidente da evoluçãõ humana.

A consciencia nacional precisa encarar, face a face, sem tergiversações, sem panico, mas, tambem, sem illusões, o drama politico que se lhe depara. Deve, para isso, dissipar, em primeiro lugar, dous equívocos, sobre os quaes repousam habitualmente a inercia dos que fogem ao cumprimento do dever e a incuria dos que não querem reagir. Um destes equívocos diz respeito ao valor da acção dos governos, como auctores ou fautores de casos desta ordem, e orgãos proprios para lhes dar emenda e correcção; o outro, á significacão real de certa ordem de conceitos e de formulas, ordinariamente invocados, em termos vagos, pelos que discutem estes assumptos — sem clara consciencia, quasi sempre, do que exprimem, mas com fê profunda, reverente, quasi devota, sempre, em sua virtude e seu poder. Refiro-me ao valor das muito repetidas « leis espontaneas e naturaes da evoluçãõ social », « tendencias necessarias do desenvolvimento humano », « causas e effeitos dos phenomenos e factos historicos », « acção mechanica das forças da evoluçãõ, do desenvolvimento e do progresso »: o determinismo melhorista, dos credulos, e o determinismo indifferente, dos scepticos: — as muitas abusões, em summa, que o pedantismo e o commo-

dismo puzeram, em nossa época, no lugar da Providência, para que costumavam appellar nossos avós.

Nada ha mais commum que deparar, em escriptos dos nossos intellectuaes sobre questões sociaes, com phrases desta ordem: « Ha uma lei de mechanica. . . », como se as leis de mechanica, ou de qualquer outra sciencia exacta, tivessem, com os factos da sociedade, relação pratica mais apreciavel do que a influencia hereditaria da vinha de Noé sobre as uvas das nossas sobremesas...

Sob inspiração da Philosophia revolucionaria, do pre-conceito egalitario de Jean Jacques Rousseau, do « materialismo historico », de Karl Marx. de certas interpretações, mechanistas e automatistas, dos processos da evolução, erigiu-se em axioma a idéa da desvalia, ou, pelo menos, da insignificancia, da acção dos governos e dos individuos, na marcha dos acontecimentos e na direcção da vida social. Certas forças, materiaes ou collectivas, contém o poder decisivo, a energia incontrastavel, que dispõe da sorte dos povos e das nações. Os governos são meros productos, no presente, da operação de taes forças; os individuos, órgãos ou instrumentos do poder magico desses elementos, cegos e inconscientes. . .

É alheio a esta questão o velho debate do determinismo e do livre arbitrio. Nem o determinismo implica fatalidade, na occurrencia dos factos e na successão dos acontecimentos, nem o processo mental de selecção das representações psychicas, de formação da consciencia e do juizo, nos individuos e na sociedade, importa, necessariamente, exercicio do livre arbitrio. De parte esta these de doutrina, a verdade inilludivel, que o estudo da evolução humana demonstra, é que o estado actual da civilização é, em muito mais alto gráo, producto da governação dos povos e da sua direcção intellectual, que das forças materiaes que condicionam a vida

e das forças collectivas que dominam os phenomenos propriamente sociaes. A phase da evolução humana a que chegámos tem sido caracterizada pelo predominio do factor politico sobre os factores cosmicos e sociaes do desenvolvimento. A vontade dos chefes temporaes e dos chefes espirituaes — do rei ao caudilho eleitoral, do sacerdote ao feiticeiro, do homem de sciencia ao thaumaturgo — pesou mais sobre os destinos dos povos, que seus interesses, seus sentimentos, suas aspirações e suas necessidades.

Os povos têm sido moldados à imagem e semelhança de seus chefes, de seus padres e de seus sabios.

É erro imputar aos povos, na critica dos acontecimentos sociaes, a responsabilidade dos desvios da evolução e esperar delles a iniciativa de reformas e movimentos reparadores. O corpo alimenta ; não inspira, nem dirige, o cerebro.

A evolução social não obedece, por outro lado, a nenhuma força, energia, actividade, poder, ou tendencia, transcendente, sobrenatural, immanente à organização collectiva, de não se sabe que mysteriosa propriedade mystica, magnetica ou suggestiva, com effeitos forçados para determinadas finalidades, imprescriptivel progresso e inevitavel aperfeiçoamento.

O homem é uma energia viva, e a sociedade, a somma destas energias, vivas e autonomas. Transcorridos os processos psychicos que provocam, impellem e dirigem as vontades e os actos, a vida social resulta da somma das vontades e dos actos individuaes, sob o influxo, brando, às vezes, de certos estados emotivos. ao impulso, violento, das paixões, outras vezes.

As forças sociaes reduzem-se, em ultima analyse, a vontades, actos e relações — factos positivos, observaveis, verificaveis : estas forças obedecem a impulsos, senão sempre egoistas, sempre individuaes e immediatos.

As unicas forças da sociedade, que, assim, se poderiam dizer espontaneas, caminham para realizar desejos e satisfazer a necessidades de caracter individual.

Só ha um factor, uma força, um instrumento, um órgão, uma vontade, uma intelligencia, com a função de promover a acção nacional, de *manter* a vida do *paiç*, no que o interessa em conjuncto e permanentemente: é o aparelho politico-administrativo, com seus varios órgãos.

A nação a quem falta este órgão está condemnada a dissolver-se, a desaggregar-se, a ser conquistada, se o momento é propicio ao surto de outro povo mais forte, mais bem governado.

Não ha attenuação possivel á cor profunda desta realidade. Aos povos que viveram, quasi exclusivamente, de vida publica, como as sociedades politicas da Grecia e as da Roma republicana, a Historia fez succeder as grandes tyrannias medievacs, sem vida civica, nem vida social, mas com intensa vida politica. A idade moderna procurou realizar, com o governo representativo, a transacção entre o individuo e a sociedade: mas o individualismo, no arrancar ao Estado a direcção dos interesses sociaes e economicos, bateu de encontro aos abusos do seu proprio principio, substituindo o despotismo do Estado pelo despotismo de individuos e grupos eventualmente mais fortes. O millionario, o syndicato capitalista, o «trust», representam, hoje, a mesma influencia e o mesmo poder de Felipe II, de Colbert, das «chartered companies». O papel dos governos contemporaneos, nas sociedades normalmente organizadas, consiste, neste ponto, em defender os individuos, contra os abusos do individualismo, a sociedade, contra seus despotas espontaneos: em fazer o policia da vida nacional e economica, contra os privilegios, os monopolios, os açambarcamientos, dos «reis» das soberanias argentarias.

Para os povos de organização regular, o problema politico de nossos dias está todo em saber-se se, na conquista das liberdades theoricas, pelo caminho das idéas e das formulas juridicas, as apparencias não illudiram os espiritos, substituindo o predominio da tradição e do sangue, pelo predominio da especulação e do dinheiro, as castas aristocraticas, com seus titulos militares e suas virtudes marciaes, arrogantes de sua honra e de sua bravura, por essa outra classe de senhores improvisados. seleccionados nos corredores das Bolsas e no panno verde das roletas, às vezes, cujos caprichos e aventuras pesam sobre a sorte de milhões de homens, em seus paizes e no estrangeiro, mais effectiva e poderosamente, que o de muitos reis de outr'ora.

Para os povos desprevenidos e incautos, fracos por fraqueza organica, ou, como em nosso caso, pela coincidencia da infancia nacional com o intenso surto expansionista de velhas e vigorosas nações, de profundo instincto e solida educação de luta, o problema duplica de gravidade.

A crise apresenta-se, para estes, com toda a intensidade da luta social interna e da luta social externa; e a reacção de uma nação — mal despertada do somno de uma existencia quasi patriarchal, que um feliz isolamento permittira sobre vasto e, até agora, farto territorio — em face da alienação da sua economia, ou é empenhada com celere e ardente investida às armas, ou vale, estrategicamente, tanto quanto a retirada do territorio, o abandono dos baluartes da fronteira, na defesa do patrimonio e da liberdade.

É aqui que a posição dos que nos governam mostra o espectáculo de uma surprehendente indifferença.

E se os governos, impenetraveis em sua massica postura de sphynge, param deante do ataque á nossa liberdade e do saque a nossos bens, não se sente, tambem, entre os

que dirigem a opinião, a attitude recta e mascula, que os factos impõem.

Ainda se não quiz comprehender que este momento vale, sem sombra de hyperbole, a recapitulação inteira das nossas conquistas politicas, do nosso desenvolvimento nacional, da nossa independencia e do nosso prestigio. O x, que está em frente deste caso, é a incognita de equações que terão por termos os valores positivos, ou os valores negativos, do 7 de Setembro, do 13 Maio e do 15 de Novembro. Não é um simples caso, embora avultado, de administração, um grave problema economico ou social, como o da libertação dos captivos, o da colonização, o da perda ou conquista das liberdades politicas e civis: é a propria synthese da nossa politica, que está em causa; é um problema politico que não admite divisões partidarias, desconhece interesses contrarios; que não soffre, nem tolera, vacillações, dubiedades, tibiezas...

É esta idéa que é preciso firmar, assentar, consolidar, indestructivelmente, em nossos espiritos. Se o Brasil não tinha, até hoje, politica nacional deliberada — como não a tem, conscientemente, os povos que a fortuna exclue dos embates da concurrencia — pertencia ao numero das nações de nitida, immaculada, crystallina soberania politica; se, entre os devancios de futuras remodelações da carta do Globo e sonhos imperialistas, de algum Bonaparte retardado ou de um novo Cecil Rhodes, se aventurou, alguma vez, o desejo, ou a ambição, de nos conquistar, isso entrava no numero das possibilidades da fortuna que podem correr quaesquer povos, ainda os mais possantes.

Contamos sempre com um respeito ao nosso pavilhão, egual, pelo menos, ao que mereceu, das potencias mais fortes, nas occasiões mais criticas, o pavilhão norte-americano; eramos o paiz de mais credito, na America do Sul;

tinhamos uma nobre tradição de honra financeira, de probidade administrativa e pessoal, de ordem, de garantias jurídicas, de segurança e de hospitalidade para com o estrangeiro; fomos, durante a Monarchia, nesta parte do continente, um Imperio de ordem e de liberdade, devotado á paz e á concordia: a Republica fez da nossa Constituição um programma de pacificação, para a nossa vida e para o mundo; sentinella avançada do pacifismo, offereciamos á civilização o espectáculo de uma nação, joven e sã, que arvorou, como emblema de suas aspirações de força e de gloria, a bandeira branca do arbitramento: paiz de escravidão retardada e de instituições espurias, tivemos, nas forças armadas, o advogado da abolição, o restaurador das instituições naturaes do povo, voto e sonho dos nossos maiores; Rio-Branco conquistou, para nós, como advogado internacional e como diplomata, um posto sem igual, nos fastos do arbitramento e da solução pacifica dos litigios entre nações. O Sr. Ruy Barbosa eleva-nos á posição de directores da reivindicação dos direitos das nações fracas, pleiteando a egualdade juridica dos Estados, na composição do Tribunal Internacional de Justiça e do Tribunal de Presas. Abroquellados na seriedade da nossa administração e na rectidão da nossa justiça, repellimos, com hombridade, a celebre doutrina Drago, esse deploravel reverso sul-americano da doutrina de Monroe...

Nós eramos isto... E qual a realidade que se nos depára?

Estamos em época em que o rigor da critica e a severidade da investigação nada poupa, no ardor de firmar a verdade, ou — pois que a propria noção da « verdade » entra no numero dos conceitos em debate — no de esclarecer as intelligencias. Mas, neste parlamento universal que tem em ordem do dia todos os postulados, todos os principios, todas as idéas, da sciencia, da politica e da philosophia, — não

ha estudante, de Cambridge ou de . . . Constantinopla, que dê por situação normal de soberania nacional a de um povo cujo territorio é talhado em vastas zonas de influencia estrangeira, onde quasi todas as estradas de ferro, incluindo as mais rendosas, cahem em poder de syndicatos estrangeiros, onde se projecta executar uma rede ferro-viaria continental, subordinada a planos extranhos aos interesses do paiz, com a posse de portos, de outros instrumentos de viação, obras e serviços publicos, largas feitorias de mineração, agricolas e pastoris, bastantes estas para anniquilar a industria nacional, realizando-se, assim, publica e confessadamente, um plano de expansão colonial, uma politica social e economica, um estado no estado. — e um estado que traz para a lucta com os nossos estados de politiquice e com a nossa federação de caudilhagem, com o proprio esqueleto das nossas melhores riquezas, a musculatura da vontade implacavel de povos habituados a vencer e o nervo de quantos capitaes queiram pedir ás Bolsas congestas da Europa!

Este facto, esta realidade, este flagrante, este corpo de delicto, este axioma, esta verdade patente e intuitiva: isto, a que os juristas chamariam prova provada, por confissão e testemunhas de vista; esta demonstração mathematica; esta cousa corporea, material, visivel, sensivel, tangivel; este indiscutivel, este absoluto, esta certeza, esta evidencia, esta affirmação e este reconhecimento, patentes, insophismaveis, inilludiveis, formados com o *a b c* das certezas mais elementares e irrefragaveis da politica internacional, precisos, rigorosos e inflexiveis como o $1 + 1$ da primeira verdade arithmetica, este assalto ás escancaras . . . isto é cousa que não deve oscillar, na consciencia de nenhum brasileiro, que não deve permittir um minuto de tolerancia ou de adiamento.

Não ha, neste caso, nada a separar, nada a distinguir, nada a attenuar. Todos os aspectos e todos os pormenores do

problema que nos foi posto, e que foi acceito pela indifferença dos nossos Governos, gyram em torno de uma questão central, organica, preliminar: a da existencia de uma politica nacional, integra, limpida, indivisivel. Esta politica e a soberania são termos equipolentes, feições componentes do character e da vida nacional: são incompativeis, não só com o todo, mas com quasi todas as fracções das conquistas que se estão consummando em nosso territorio.

Comprehende-se que não tivessemos consciencia da falsa orientação social e economica do paiz, enquanto a realidade se não tinha apresentado, como um facto indiscutivel, da nossa progressiva e crescente desnacionalização; enquanto a fome, a miseria, a ignorancia, a superstição, se não haviam mostrado, como phenomenos communs e extensos, por vastas regiões do paiz; enquanto a verdade flagrante da lenta victoria dos colonizadores e commerciantes estrangeiros, na vagarosa conquista social da fortuna e do bem-estar, não haviam progredido até o caso assombroso, da quasi instantanea invasão do paiz por uma organização financeira, talvez a mais poderosa do mundo: uma occupação imperialista por escalada e por assalto, a realização de um sonho expansionista deante do qual a ambição de Cecil Rhodes pareceria o innocuo projecto de uma partida de *sport*!

Os arbitros dos destinos do povo brasileiro precisam compenetrar-se que estão confessando à Nação e registando, para o futuro julgamento da Historia, que vivem alheios da politica de seu paiz e da politica mundial de sua época.

Não espanta, por isto que, neste momento, em que o mundo inteiro offerece, aos olhos do observador, como traço typico da politica, o phenomeno da uma exaltação do nacionalismo, os nossos governantes não vejam que, ao passo que a China, vencendo as tendencias negativistas de sua tradicional

indolencia, consubstancia em um delinido esforço de cohesão nacional, o surto da sua reconstituição politica; ao passo que a Grecia e os Estados balkanicos concentram todas as energias da affinidade nacional, ethnica e religiosa, contra as forças desaggregantes do islamismo; ao passo que a Italia consumma, em Tripoli, a empresa da sua velha aspiração á renovação dos surtos da aguia romana; emquanto a Inglaterra e a Russia debatem, na Persia, as linhas do seu dominio economico e da sua influencia commercial; emquanto a partilha da China volta á discussão, nos centros diplomaticos, financeiros e jornalisticos, onde se elabora o fermento das grandes intrigas e dos terriveis dramas da politica internacional; emquanto a incorporação definitiva do Egypto é levantada como problema de oportunidade, pelos inglezes; emquanto as grandes potencias e os Estado balkanicos vêm abaladas as mais seguras esperanças da paz, diante da guerra turco-balkanica; emquanto, em todos os paizes do mundo, a onda que assoberba o horizonte politico e domina os sentimentos e as idéas, é a de um intenso e vivo nacionalismo: na Inglaterra, consolidando, por interesse da defesa, a concentração das colonias e do Reino Unido, na unidade imperial; nos Estados Unidos, expansionista, apesar de sua tradição: dispostos a «vencer industrialmente», na phrase infeliz do Sr. Philander Knox; na França, tomada de um impeto de expansão e de rejuvenescimento, que estuam nas palavras de seus homens de Estado, na literatura, no nacionalismo de Barrès, na aspiração da influencia franceza, «educativa» e directora, da «Jeune France» e dos diversos coloridos intellectuaes de sua «volonté de puissance», e apoiados na força conquistadora do seu mercado monetario; nesse tremendo problema da Allemanha, — gigante contido pelo pulso de uma forte vontade politica, mas que o mais ligeiro accidente pôde,

de subito, arremessar á satisfação da sua natural, espontanea, organica, necessidade de crescimento e de transbordamento de gente e de energias: — enquanto a fibra da politica, o nervo das agitações, em todo o mundo, estão na vitalidade, na energia, na actividade, na aspiração de supremacia, — a gente que nos governa não veja que o Brasil, até hontem sobranceiro a duvidas sobre a sua autonomia effectiva, vae sendo lançado para o nivel das nações de segunda ordem, no gozo da soberania, da liberdade de governar-se, do prestigio politico...

Por todo o planeta, os povos consciences e criteriosos estão sentindo que precisam concentrar e robustecer o maximo vigor de sua energia, todo o valor de seu sangue, com o poder varonil da sua força nervosa, activa, resistente, offensiva, se tanto for mister, para enfrentar e vencer o impeto das competencias, que surge e se emmaranha, por todas as regiões da Terra: e, em meio desta luta, que terá por arbitro a promptidão das iniciativas, a verticalidade incorruptivel dos caracteres, os que nos dirigem preferem dar-nos uma flaccida posição de emasculados, a molleza da effeminação, a postura horizontal das hospitalidades condescendentes.

E, enquanto, no terreno dos actos e dos factos, agrava-se, dia a dia, esta attitude de passividade — accentua-se e sublinha-se a realidade, com as luzes fatuas e as expansões mysticas, de um patriotismo oratorio e byzantino, substituida a virilidade consciente por nevroticos ataques de amor proprio, a coragem, por singulares e doentios accessos de bravura impulsiva, a nobre e digna reacção da luta pela vida e pela honra, por fervores mysticos e torvos delirios orientaes... Sabem os que acompanham os debates politicos mundiaes — pleitos em que se vae processando o julgamento dos povos e se vão determinando os futuros conflictos — que a these da capacidade das raças é um dos

bastiões montados pela ambição dos que aspiram ao domínio. A ambição ao domínio universal, das raças teutonicas, fundada na pretensão da sua superioridade, é um ideal politico conhecido, que conta em seu serviço com a auctoridade de uma sciencia e de uma literatura, com a força economica. o poder militar, a apparente superioridade, physica e mental, a real vantagem actual, destas raças. É uma pretensão infundada e injusta; e a todas as razões com que a sciencia contemporanea respondeu á sciencia dos imperia-listas, o Brasil — museu vivo de ethnologia e esplendido laboratorio de experimentação ethnica — pode juntar documentos irrefutaveis. O teutão, localizado no Brasil, prospera ou declina, em função do meio physico ou da vida social, nas mesmas condições que o branco de origem européa meridional, o preto e o indio. Mas, apesar disto, a theoria continúa a ser thema da polemica politica e eixo da luta das hegemonias, das influencias, das supremacias.

As raças são julgadas pela energia, pela actividade, pelo vigor, pela independencia, pelo brio e o valor, com que sustentam a autonomia, — pelo conjuncto das qualidades que formam o caracter ethnico; e o que se está passando, actualmente, em nosso paiz, parece feito para documentar o libello das ambições teutonicas. . .

Os povos conquistadores são tambem moralizadores. A posição de superioridade, de supremacia, de simples soberanceria, mesmo, ainda que passageira, inspira attitudes cathedratias, exemplares, disciplinares. . . Os barbaros foram o «*fléau de Dieu*», vibrado contra a dissolução romana; e mãos christãs, mãos limpas de peccado, abriram-lhes as portas de Roma. . . Não houve horda de hunos, ou de mongoes, que se não desse pelo povo «*eleito de Deus*», em missão de vindicta religiosa, ou de reparação moral. A Moral, como a Civilização, dá, por vezes, assim,

boas flammulas de guerra. Nossos costumes e, ainda mais que os costumes, nossos moveis intimos e nossos sentimentos, em confronto com os moveis e sentimentos de outros povos, são de ordem a nos honrar, entre os que mais se presem. Os paizes mais civilizados são tambem os mais corruptos; suas capitães são sêdes de vicio e de dissolução; suas sociedades, centros de corrupção e de venalidade; mas a força não admitte o contraste, nos julgamentos que instaura, e em que se arvora juiz final, de arma em punho. Processa, julga e dicta a sentença. Ora, o que se passa no Brasil, e que está em contraste flagrante com a nossa indole, seria de ordem a dar visos de justiça à sentença que nos condemnasse por indignos da guarda do nosso patrimonio e da nossa soberania politica. Um povo que renuncia à gestão de seus bens, para confial-a a mãos estrangeiras, que desiste da capacidade economica e social, não pôde presar sinceramente a capacidade politica. A liberdade não se divide. Desistir da parte da liberdade que interessa ao trabalho, à energia e à força productiva, ao zelo e estima pelo patrimonio, ao interesse pela conservação e pela melhor exploração da terra que pertenceu aos paes e deve pertencer aos filhos, e pretender conservar a liberdade politica, importa fazer-se parasita na propria terra, comprar o ocio á custa da miseria da prole.

Ha um dever de lealdade nacional, de fidelidade ao amor pelos irmãos na raça, na lingua, na religião, no solo natal, que é a primeira e a mais intima virtude do selvagem. A justiça da ambição e da força é implacavel para com os povos que concedem taes argumentos às oppressões regeneradoras...

Nós somos patriotas, vivamente patriotas, calorosamente patriotas, mas o nosso patriotismo precisa exprimir-se, nesta hora, em termos diversos do cunho romantico, da

feição emocional, que só vibram em transes de exaltação, que só apresentam á mente, como imagem e expressão do amor á Patria, a idéa da guerra, do sacrificio da vida, da *lucta physica*. É a fôrma do patriotismo de feição medieval, com traços da hostilidade dos primitivos; do odio tribal e gentilico; é o patriotismo aggressivo: o patriotismo em cuja liga o sentimento adverso ao estrangeiro sobreieva ao sentimento de amor pelo compatricio; o patriotismo que tem por ideal a lucta, em lugar do ideal da fraternidade: o patriotismo do sangue e da morte, em lugar do patriotismo da vida, da solidariedade, da cooperação.

O appello a este patriotismo tem sido a nota mais vibrada neste momento. É uma nota impropria: mostra a má comprehensão da justa posição das cousas. Deixando de encarar a triste realidade de agora, protelamos, para transes imaginarios de uma guerra futura, o movimento de energia e de coragem, que se nos está impondo.

Illudimos e dissimulamos as difficuldades que se amontoam, os prejuizos que estamos soffrendo, a affronta que nos intligem á face do mundo. Este brado oratorio de patriotismo encobre uma confissão de abandono. A invocação á bravura, para longinquas e duvidosas batalhas, em lugar de nos mostrar nação certa de seus interesses, moraes e materiaes, com a alta coragem de civilizados, que estimam os bens intangiveis da honra, do brio, do amor á terra e á gente de sua patria, capazes de trabalho e de organização, não nos faz apparecer senão como um povo de *flibusteiros* e de *condottieri*, valente para guerrilhas, com a intrepidez animal de leões, se quizerem, mas sem a coragem de varões livres. Explosão impulsiva, de fôrma oratoria, este patriotismo brota da fonte onde nascem as manifestações doentias da alma, explodindo na erupção de uma batalha homérica que

não é, porém, do Homero da Illiada, mas do Homero da Batrachomiomachia...

Correr mentalmente para a idéa da guerra, deixando de attender á posição actual do problema e de lhe procurar as soluções, encerra todos os erros do balbuciar intellectual, todas as fraquezas de character, das crianças. Esta attitudo serve, apenas, para mostrar uma das manifestações da enfermidade nacional — mal superficial, de educação, mas dominante em toda a extensão dos nossos sentimentos, das nossas idéas e dos nossos actos: a tendencia rhetorica da nossa mentalidade — decorativa na arte, mnemonica no saber, pharizaica na accettazione, na cópia, na interpretação e na applicação, de idéas e de systemas; byzantina, no culto material da forma; quasi supersticiosa, no amor a conceitos e a fórmulas. Textuaes no que sabemos, exegetas e glossadores, no que produzimos, obsecados de idéas alheias e de illusões, vivendo o romance dos nossos devaneios e das nossas imagens literarias, idolatras de homens e de nomes proprios, scepticos para os ideaes concretos, surdos ao optimismo que demanda esforço e ordena o exercicio da vontade, crédulos ás mais extravagantes phantasias e artificiosas theorias; affectando descrença na virtude, na seriedade, no trabalho; confundindo europeis e lentejoilas com a arte; admiradores dos torneios e das argucias da politica pessoal e partidaria; entusiastas de um progresso de palacios sem architectura e de cidades ostentosas, sem delinamento e sem enquadramento artistico sobre o fundo da natureza; — vamos sacrificando o que já haviamos conquistado, em apuro superior, na arte, em elevação e profundeza, nas intelligencias, em iniciativa, em autonomia e em força productiva, nos caracteres. O gosto pela musica ligeira, por effeitos vistosos, por côres e luzes vivas, pelo luxo; um theatro de bambochata; todos os ruidos atordoantes da vaidade e do mer-

cantilismo, abafam os impulsos para as fôrmas superiores da civilização e da cultura.

Neste estado de alma, não espanta que o nosso patriotismo reuna, num mesmo movimento, a indiferença pela perda da vida, a assomos de bravura, para a defesa — *provavelmente desnecessaria* — do futuro.

D. João VI, com o Atlantico entre sua côrte e o exercito de Junot, poderia justificar o abandono da sua faixa de terra europêa, pela fundação de um grande Imperio.

Pondo a nossa indiferença entre as conquistas de hoje e a nossa futura reacção, condemnamos a Patria á vassallagem economica, e, muito provavelmente, á dominação politica; e os nossos filhos, á sorte de um proletariado de *fellahs*, sem propriedades e sem educação, e, senão á miseria, ao alcoolismo, á morte por consumpção, nas tavernas, nos alcouces, á margem das estradas. . .

Neste estado de inconsciencia mental, com as nossas elegantes fatiotas de figurinos modernos, e de alheamento de sentimentos e de idéas, sob o fulgor das palavras e o brilho decorativo das phrases, não admira que o patriotismo evite contemplar a verdadeira situação da Patria e corra á invocação liturgica da bandeira; que esqueça o Christo e apegue-se á cruz; que abandone a terra e a gente e condeme a prole á miseria, delirando de extasis mysticos ao som do hymno nacional. . .

A substituição das imagens e dos symbolos, ás realidades, é signal de enfraquecimento do espirito.

Mas este patriotismo não é o patriotismo dos brasileiros. Nós somos um povo sensato, de espirito claro e pratico, de affeições reaes, de sentimento profundo, intimo e natural, — sentimento directo e espontaneo, que vae immediatamente ás pessoas, ao lar, aos compatriotas, á terra natal, sem liga de suggestões alheias aos impulsos do coração, sem laivos de

conceitos adoptivos, de inspirações doutrinarias, de crença, de philosophia, ou de escola. Somos um povo franco, com o senso real das cousas, das affeições, das idéas. Entre cada um de nós e os objectos da nossa estima, do nosso amor, da nossa veneração, o efflúvio que nos vem das almas não se esbate na imagem cultural da religião, nem o empanna a nevoa de um conceito convencional, de uma sensibilidade de emprestimo: estende-se e penetra com a limpidez do sol nas manhãs claras. Um povo que assim sente, não pôde byzantinizar-se na idolatria dos symbolos, corromper o espirito na adoração das formulas, quitar-se do dever, com a absolvição de contricções e de homilias, de penitencias e de holocaustos sacrificiaes.

Este patriotismo é o patriotismo official ou liturgico, o patriotismo dos protocollos e do ritual, bom, quando expresso com austeridade, para recordar, nos dias notaveis da vida nacional, os feitos gloriosos ou luctuosos que passaram, reavivando a chamma do amor patrio.

O patriotismo do povo brasileiro está vendo com inteira lucidez a realidade que o cerca.

Eramos uma nacionalidade dispersa, amorpha, em estado quasi liquido, sem elementos de condensação e de resistencia; um composto de admiraveis caracteres individuaes, moralmente unidos, sem character social; um conjuncto de raças e de typos, sem modelo nacional; *uma nação, sem nacionalidade.*

Entre esta população dispersa, disseminada em vasto territorio, vivendo tranquilla e segura como todos os povos para quem a vida é facil, sem inquietações e sem ambições, o estrangeiro, trazendo a educação para a lucta na concurrencia, ambicioso e pratico, assentou o trapiche, o armazem, o entreposto, a loja, a venda, o commercio de exportação e o de importação, o commercio intermediario. Como em toda

a parte, os capitaes, fructos da producção, fluem para as grandes cidades; mais do que em outros pontos, os capitaes, concentrados nas cidades, resistem á volta á circulação. Dos estrangeiros, uma parte regressa ao paiz natal, transportando as fortunas, ou aggravando o curso habitual das exportações de numerario; outra parte, fixada no paiz, depois de presentear os parentes que ficaram na terra, com fracção não pequena do trabalho extractivo das riquezas nacionaes, deixa aqui um patrimonio, ás vezes avultado, a descendentes que não possuem o estímulo, e, na quasi totalidade, a educação, do trabalho. A sociedade, formada com os descendentes dos antigos colonos, com os pretos e com os indigenas, vae sendo relegada para a miseria, para o parasitismo proletario, nas classes baixas; para o funcionalismo, para as profissões liberaes, para a politica, nas classes médias; para o capitalismo parasita, de fruidores de juros de apolices e rendas de predios urbanos, nas elevadas. O caso não é exclusivamente nosso: nos Estados Unidos, o anglo-saxonio, de geração americana, começa a sentir-se vencido pelas ondas dos novos colonos; mas attinge, aqui, proporções muito mais graves. A nacionalidade brasileira ficou, assim, composta de escassa camada de homens ricos, inactiva e esteril — fortunas dissipadas, em regra, em segunda geração: de immensa massa popular, pseudo-proletaria, miseravel e analphabeta, quasi toda de funcionarios e doutores.

Ao trabalho escravo não succedeu organização do trabalho livre. Importação official de colonos para o serviço dos fazendeiros, colonos para as capinas e para as colheitas, serviço official de colonização local, sem vantagem para as producções estabelecidas, sem valia, quasi, para o consumo geral, eis tudo quanto se tem feito pelo trabalho.

O productor nacional, não se habituando a capitalizar, não tendo chegado a organizar o trabalho, foi sempre

dependente da pressão do custeio, quanto ao capital, e da pressão das colheitas, quanto ao trabalho.

Se as instituições de credito foram sempre escassas no paiz, o credito para o productor, em todo o mundo mais restricto, foi, ainda aqui, mais difficil e oneroso. Poucos, se raros serviços, deve a producção ao credito, sempre oneroso, aberto por commissarios, e, nos ultimos tempos, por exportadores — situação anormal, cujos effeitos são facéis de calcular. O credito rural e o credito agricola no Brasil têm taxas que attingem á usura.

Sem organização de trabalho, sem capital, sem credito, precisando de semmas avultadas para o custeio das fazendas, dependendo, graças á natureza das culturas, de um serviço irregular, encontrou sempre a producção adversarios tremendos na organização do commercio de exportação, atrasada, onerada de *faux frais* e de intermediarios inuteis, e na organização dos mercados de importação no estrangeiro, sujeitos ás vicissitudes e oscillações dos negocios de productos exóticos, sem elementos seguros para fixação dos preços, de difficil, senão impossivel, pauta.

A lavoura nacional foi sempre, de facto, em lugar de agente principal, na serie das operações do intercambio, um serviço colonial da exportação, incumbido da extracção das riquezas; e, se, apesar de todos os precalços e de todas as contingencias, os lucros fabulosos das nossas especiarias davam para lhe fazer chegar ás mãos, ás vezes, proventos consideraveis, a falta de educação industrial, o absenteismo, a prodigalidade, faziam-na collaborar com seus concorrentes, na obra da propria ruina.

No estudo dos problemas da producção e da riqueza nacional, cumpre ter sempre em vista os elementos — que têm servido de base a todos os meus trabalhos — da relação do valor das riquezas extrahidas em função do

tempo e da extensão das regiões exploradas, e da relação da extracção das riquezas e do exgotto do solo, em função da riqueza conservada no paiz, da riqueza em movimento, e da riqueza exportada para o exterior. Só assim se pôde chegar a formular conjecturas justas sobre o nosso ganho e as nossas perdas e sobre a realidade do nosso progresso material. Estes elementos deixam fôra de duvida a fallaz supposição da formação de uma riqueza nacional, consolidada ou movel: a illusoria pretensão do nosso progresso material.

Nunca tivemos politica economica, educação economica, formação de espirito industrial, trabalho de propaganda e de estímulo para a applicação das actividades. Organizámos, pelo contrario, uma « instrucção publica », que, da escola primaria ás academias, não é senão um systema de canaes de exodo da mocidade do campo para as cidades e da produção para o parasitismo.

A politica fiscal, motivada unicamente pelas necessidades dos thesouros, foi sempre adversa á produção — suporte effectivo, afinal, de toda a carga das tributações, directas ou indirectas. O proteccionismo, recente, viu contrabalançadas as vantagens que promettia á produção, pelos entraves á circulação e ao commercio, pelos tributos estaduais e municipaes, pelos açambarcamentos, pelo enxerto de intermediarios e de especuladores.

Sobre esta vida social pratica, a nossa politica e as nossas legislaturas edificaram, primeiro, o castello da monarchia parlamentar ingleza, depois, o castello do presidencialismo federativo americano; leis e regulamentos de Direito Civil, Commercial, Penal, Processual, Administrativo, de todas as origens; repartições, copiadas de todos os paizes. Esta montanha de preceitos legaes, que não interessam á vida do individuo e da sociedade, senão em occasiões excepcionaes da existencia, em relação aos actos que têm

origem e natureza juridicas, e este mundo de instituições e de repartições, realizando o trabalho, peculiar ás burocracias, de uma actividade quasi exclusivamente applicada aos objectos do seu proprio mechanismo e funcionamento, fundaram, em nossa existencia positiva, uma vida de theatro entremeiada na vida real, com discursos inglêzes e interpretações literaes de textos inglezes ou americanos. Dominando tudo isto, duas grandes divindades presidem a ordem, garantem a segurança e mantêm, entre nós, o direito: a bondade e a probidade do povo, sem igual em qualquer outra parte do mundo.

Com a sua escassa policia e a sua insufficiente justiça, o Brasil poder-se-hia dizer um paiz em estado de anarchia, com ordem e direitos espontaneamente mantidos pela honestidade popular. Élisée Réclus levou daqui a illusão de haver encontrado a « terre promise » do seu ideal libertario...

Temos sido, assim, um paiz ao qual tem faltado: organização e educação economica, capital, credito, organização do trabalho, politica adaptada ás condições do meio e á indole da gente: um paiz desgovernado, em summa.

A supremacia do commercio e das colonias estrangeiras sobre a sociedade nacional, o enfeudamento economico das populações a estrangeiros, são factos já antigos, crescentes, progressivos, notados por observadores isolados da nossa vida, mas desconhecidos ou desprezados pelos Governos. As observações de alguns politicos, entre os quaes o auctor deste estudo, eram utilizadas em seus trabalhos pessoais. Alguns escriptores trouxeram para a imprensa eruditos e documentados estudos, sem outro effeito além da polemica e do applauso literario. Um dos mais abalisados dentre elles, eleito deputado, o Sr. Sylvio Romero, consubstanciou as suas idéas em um projecto apresentado á Camara, mas, como era de prevêr, rejeitado.

A' falta de capital, de trabalho organizado, de credito, cumpre juntar-se. assim, a falta absoluta de uma *politica* nacional.

Este ponto, mais de uma vez desenvolvido em outros trabalhos, não perde por ser ainda destacado. A politica nacional de um povo se póde definir como a actividade espontanea da sociedade, na defesa do seu character e da sua economia : no preparo nutritivo do seu desenvolvimento material, e no educativo do seu espirito. Esta politica resulta, em geral, de um *instincto* da propria nacionalidade, isto é, de um certo numero de habitos, gravados hereditariamente nos organismos, transmittidos pela tradição, que conservam o vinculo do interesse colectivo, a consciencia dos perigos communs, o senso do auxilio mutuo, da solidariedade e da cooperação, fixados, por experiencia secular, entre individuos relativamente semelhantes, habitando a mesma terra.

Longa posse da terra, lento e normal desenvolvimento das populações, devido, principalmente, á reprodução entre os indigenas, formam o terreno sobre o qual se enraizam os elementos psychicos, materiaes e sociaes do instincto nacional.

Ora, o descobrimento das terras e as colonizações, primitivas ou supplementares, fizeram surgir, nos tempos modernos, nações que não assentam sobre taes bases, e onde a acção do meio circundante e a acção das camadas successivas de colonos não obedecem a nenhum processo espontaneo e vagaroso de adaptação. O Brasil é justamente um dos paizes onde a discordancia entre o meio e os costumes do colonizador apresenta feição mais flagrante e tem dado os resultados mais desastrosos. Mas, se a adaptação, a associação do homem com a sua nova terra, não foram adequadas, o homem, obedecendo aos exemplos da sua época, querendo caminhar a par das civilizações e competir com

seus concurrentes, não teve hesitações, no ardor da exploração, exaltando até á furia devastadora a cobiça de converter os productos da terra em riqueza apreciavel. Destruiu e não enriqueceu.

Qual a lição que disto resulta? Resulta que a formação *artificial* das nacionalidades, tal como a nossa, impõe, como necessidade imperativa, a formação, por convicção racional, da consciencia nacional; a criação e o desenvolvimento, *par en haut*, — da intelligencia para os habitos, do raciocinio para os reflexos — do instincto de conservação e de progresso nacional.

Os homens que fundaram a nação brasileira não tinham o espirito dirigido para esta especie de observações. Com a cultura geral portugueza e a escassa cultura franceza, quasi exclusivamente juridica, não contavam sequer com os imperfeitos instrumentos da sciencia dos physiocratas e dos economistas, para receberem as primeiras luzes da vida social e economica. José Bonifacio seria, talvez, capaz, com sua educação scientifica e seu genio, de deparar com a porta de entrada para o labyrintho da sciencia real da nossa vida, mas José Bonifacio foi o character forte e a intelligencia séria que, depois de ter realizado a independencia politica, teve de ser repellido, por indigesto, pelo estomago da mediania que a fruiu...

Uma vez fundada, a Nação Brasileira não sentiu o soffrimento do estado colonial effectivo, como sociedade e como economia. O povo — que age, nestas cousas, por sensibilidade — nunca mais teve, tambem, quem o advertisse. O povo não percebia, entretanto, a sua gradual eliminação, *só porque não soffria*. A perda incessante e paulatina da saúde não se revela senão a olhos prevenidos, e a ingenua alma brasileira tinha, sobre a imperecivel grandeza da sua terra e do seu futuro, a illusão do seu ceu azul e do seu bello sol de ouro puro.

Hoje, a realidade se lhe mostra, não só com uma copia de documentos que nos põem surpresos da nossa propria inadvertencia, mas com um facto *que representa, na historia das lentativas coloniaes, o caso mais arrojado de expansão economica*. Não ha, na chronica das conquistas lentas das semi-soberanias barbaras e das nações emasculadas, nada que se approxime, que pudesse mesmo fazer conjecturar, a surpresa que nos assalta.

A attitude que nos cumpre manter, nesta situação, não é a attitude vacillante, a posição tibia, condescendente, de quem se propõe a negociar, a transigir. A diplomacia deste momento não seria a da negociação, mas a da repulsa, se pudessemos admittir que a Nação tivesse de negociar diplomaticamente com os particulares que formam as associações de seus invasores.

Não é na faixa da fronteira que está o nosso problema actual; não são pormenores de defesa militar, de politica e de administração, que nos devem preoccupar; não se trata de saber se carecemos ou não de capitaes, se devemos ou não acceitar os capitaes que nos offerecem. Com a fôrma que estas cousas revestem, dadas as condições do nosso estado social e economico (pelas quaes não somos responsaveis, e que, em confronto com a situação moral e politica de outros paizes, não nos põe em posição de inferioridade) nada mais temos que fazer senão oppôr a empresas e syndicatos estrangeiros a recusa liminar do *non possumos*, varrer o territorio da intromissão inhospita, e promover a nossa reorganização social e politica, de fôrma a preparar o Brasil para ser um cooperador da civilização, em vez de um logradouro internacional da especulação e do capitalismo ocioso.

Ha brasileiros, e dos mais dignos, que, illudidos por uma falsa comprehensão dos nossos interesses, acceitaram posição na gestão de empresas estrangeiras; deixemos-lhes a liber-

dade de resolver seus problemas pessoais; mas, despersonalizando a questão, não hesitemos um momento em tornar bem claro, neste transe da nossa Historia, que as classes dirigentes do nosso paiz não se dispõem a aceitar o papel de prepostos das companhias de exploração colonial da sua terra.

O ideal nacional, que este caso desperta, contém a mais elementar, a mais pura das formas, a forma essencial, do patriotismo. É simples abuso de tolerancia vernacula confundir a reivindicação da posse completa da nossa politica e da nossa autonomia com qualquer das formas morbidas da exaltação nativista.

Queremos, para nós, a liberdade e a autonomia nacional, que tem toda e qualquer nação soberana; a autonomia e a liberdade de que nos temos mostrado dignos, e de que não usamos, senão para partilhar com o estrangeiro os bens da nossa terra e os affectos dos nossos corações. Contestar-se-nos o direito de reaver a parte desta autonomia que nos está sendo eliminada, equivaleria, para os estrangeiros que aqui pretendem ficar, o repudio da sorte de seus filhos, e, para os que pensam em regressar, a confissão de que não se sentem interessados pela sorte de um povo do qual recebem a hospitalidade talvez mais franca no mundo inteiro.

O nosso nacionalismo não é uma aspiração sentimental, nem um programma doutrinario, que presuppoha um colorido mais forte do sentimento ou do conceito patriótico. É um simples movimento de restauração conservadora e reorganizadora.

E, em torno deste objectivo moral e politico, deve concentrar-se, não mais a attenção, nem o espirito, dos que respondem pela sorte do Brasil, mas a sua actividade, para que não esteja longe a alvorada em que nos sintamos de posse da direcção dos nossos destinos.

INDICE

	PAGS.
Algumas palavras de introdução.	VII
Senso, consciencia e caracter nacional	I
Em prol das nossas raças	43
A soberania real.	85
Nacionalismo.	123